

2º CICLO DE ESTUDOS  
HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO E CULTURA VISUAL

**“Nós estamos aqui camuflados, ninguém nos  
vê”:  
O Bairro da Barragem de Crestuma-Lever**

Volume II

Inês Moreira Pinho

**M**

2022



Inês Moreira Pinho

**“Nós estamos aqui camuflados, ninguém nos vê”:  
O Bairro da Barragem de Crestuma-Lever**

Relatório de Projeto realizado no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, orientada pela Professora Doutora Lúcia Maria Cardoso Rosas.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2022



## Sumário

1. Catálogo Analítico – Tipologias habitacionais .....	5
2. Inquérito à Comunidade do Bairro da Barragem de Crestuma-Lever .....	193
3. Transcrições do Inquérito à Comunidade do Bairro da Barragem de Crestuma-Lever 195	
4. Guia de questões - Entrevistas a antigos trabalhadores da Barragem .....	252
5. Transcrições – Entrevistas aos antigos trabalhadores da Barragem .....	254

# 1. Catálogo Analítico – Tipologias habitacionais

Tipologia Habitacional A	
<b>Lote</b>	4
<b>Localização no Território</b>	
<b>Tipologia</b>	A1
<b>Nº de Porta</b>	21
	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 423,00 m <sup>2</sup> / 130,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 182,00 m <sup>2</sup> de área

	de construção para habitação e 20,00 m2 para área de construção de garagem.
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação A1 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento</p>

modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas, repartido na fachada traseira.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. O acesso principal, voltado para o rio e Barragem, é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco, enquanto, a outra entrada, permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala.

A fachada posterior reflete uma pequena alteração na simplicidade arquitetónica a partir de uma divisão da volumetria estrutural em dois volumes. Este alçado é rasgado por quatro vãos de iluminação, sendo um de pequenas dimensões em comparação com os restantes, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho.

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos

quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.

**A comparação das arquiteturas habitacionais dos Bairros das Barragens do Douro Internacional e de Crestuma-Lever permite estabelecer outras relações, ainda não mencionadas ao longo desta análise.**

**No nosso caso-de-estudo, as habitações afirmam-se como arquiteturas temporárias que, com a passagem do tempo, se tornaram permanentes. O caso de Picote é o exemplo mais marcante que nos permite estabelecer esta comparação, na medida em que, também neste Bairro existem tipologias habitacionais temporárias, construídas com materiais económicos e de linguagem simplificada que se aliavam à necessidade da construção rápida e que, após a conclusão dos trabalhos de construção da Barragem, seriam desmontados. É o caso das habitações do designado “Bairro Verde”, considerado um conjunto habitacional de casas desmontáveis ou habitações temporárias que acabaram por não ser desmontadas (Martins, 2018: 45). Porém, esta solução repete-se novamente em Miranda do Douro (fig. 2), o que nos trouxe até hoje um conjunto de “casas isoladas construídas com paredes de madeira em elementos pré-fabricados apoiadas sobre bases de pedra modeladas no terreno” (Fernandes; Cannatà, 1997: 167). O caso de Lever contrasta nestes pontos pois, apesar de se replicar a simplicidade funcional dos volumes, os materiais aqui aplicados serão de melhor qualidade sendo que, segundo um dos moradores que trabalhou nas obras da Barragem, os materiais eram provenientes da obra e, por isso, de qualidade superior ao que**

	<p>habitualmente se utilizava. Porém, as construções continuariam económicas e de baixa qualidade, utilizando-se paredes simples, mas com materiais de melhor qualidade como o bloco de cimento e o ferro.</p> <p>É ainda possível referir uma relação próxima entre o planeamento deste Bairro e casos internacionais, nomeadamente o caso espanhol e a Barragem de Jándula (figura 3). Para esta Barragem foi igualmente construído um bairro de apoio aos trabalhadores designado de La Lancha. Apesar de se replicarem as questões urbanas, da implantação e a hierarquização social próprias do pensamento modernista, para as arquiteturas prevalecia um critério de “economia máxima” (Carbajal-Ballell, 2020: 125) caracterizada por uma linguagem modesta e despretensiosa, de linhas simples com algumas variações. Sendo por isso um caso de comparação que se aproxima mais da realidade do nosso caso-de-estudo.</p> <p>Este tipo de soluções foi igualmente visível para o Bairro da Barragem de Alcántara (Domínguez, 2012: 5)</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 1 – Picote. Casas do Pessoal Auxiliar. Fotograma extraído do minuto 00:22:51. COUTO, Ricardo Clara; (realiz.). <b>O Lodo</b>, as</p>

	<p><b>Estrelas e os Sábios.</b> 2020. Clara Amarela Films. Disponível &lt;<a href="https://www.rtp.pt/play/p7057/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios">https://www.rtp.pt/play/p7057/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios</a>&gt; . Acesso em 11.03.2021</p>  <p>Figura 2. Miranda do Douro. Captura de ecrã Google Maps [23/04/2021]</p>  <p>Figura 3. Bairro de La Lancha da Barragem de Jándula, Espanha. Biblioteca Nacional de Espanha [08/03/2022]</p>
<p><b>Documentos textuais</b></p>	<p>Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Cannatà, Michele; Fernandes, Fátima (1997). <i>Moderno Escondido: Arquitectura das Centrais Hidroelétricas do Douro 1953-1964</i>: Picote, Miranda, Bemposta. FAUP Publicações.</p>

Carbajal-Ballell, Nicolás José (2020). El poblado de La Lancha en em Jándula. Un ejemplo de asentamiento planificado para la construcción de una gran presa. Revista PH. Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, nº99. Fevereiro de 2020

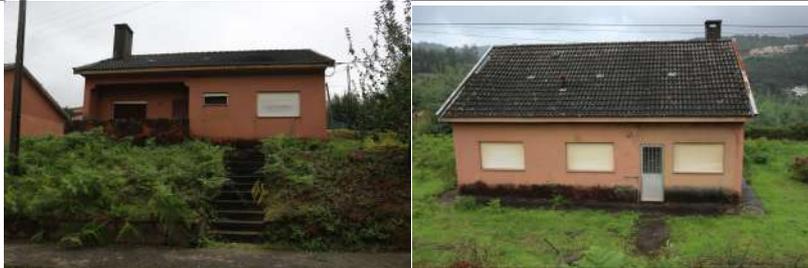
Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora

Domínguez, María Jesús Teixidó (2012). El poblado del embalse de Alcántara. Un ejemplo de urbanismo en el período de la Autarquía in Paisajes modelados por el agua: entre el arte y la ingeniería. Pp. 235-245

<b>Lote</b>	5	<b>Localização no Território</b>
-------------	---	----------------------------------

<b>Tipologia</b>	A2	
------------------	----	--

<b>Nº de Porta</b>	22
--------------------	----

<b>Levantamento Fotográfico</b>	
---------------------------------	--

<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 343,00 m<sup>2</sup> / 116,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 162,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p>

	<p>A habitação A2 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. <b>É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</b></p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. O acesso principal, voltado para o rio e Barragem, é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco, enquanto, a outra entrada, permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala. <b>Ao contrário da tipologia A1, é neste alçado que se encontra o vão de iluminação de pequenas dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho e uma diferença na organização espacial da planta.</b></p> <p><b>A fachada posterior não reflete a divisão da volumetria estrutural em dois volumes, pelo que se assume como um</b></p>
--	---

	<p><b>alçado contínuo. Este alçado é rasgado por três vãos de iluminação sem moldura e com persiana.</b></p> <p>À semelhança da A1, os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>	
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora	
<b>Lote</b>	6	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	A3	

<p><b>Nº de Porta</b></p>	<p>23</p>	
<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>		
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 394,00 m<sup>2</sup> / 130,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 182,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>	
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas</p>	

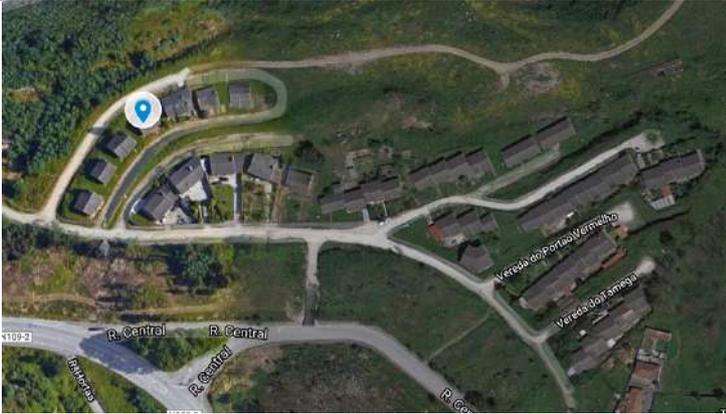
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação A3 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas, repartido na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. <b>O acesso principal, voltado para o rio e</b></p>

**Barragem, é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco, diferenciando-se da tipologia A1 e A2 pela presença de um portão de acesso.** A outra entrada permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)". **Ao mesmo tempo, o facto de não existir limites nos espaços ao ar livre que envolvem a casa, relaciona-se com o pensamento modernista dos arquitetos do Bairro de Picote, nomeadamente, João Archer de Carvalho que afirmava que “Os jardins das casas são um monte, não há muros, não há casa. A casa está implantada no meio da paisagem, tem uma nervura de acesso que aproxima as pessoas, depois de uns acessos de peões locais (...) O monte é o limite da casa” (Carvalho, 2013). Encontramos aqui uma outra relação entre diversos lotes de Crestuma/Lever e a sua aplicação anterior noutros Bairros de Barragens.**

A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala.

**A fachada posterior reflete uma pequena alteração na simplicidade arquitetónica a partir de uma divisão da volumetria estrutural em dois volumes. Este alçado é rasgado por quatro vãos de iluminação, sendo um de pequenas**

	<p><b>dimensões em comparação com os restantes, o que nos pode indicar o local da única casa-de-banho.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	<p>Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora</p> <p>Carvalho, João Archer de (2013). Entrevista concedida a Andreia Jorge Martins, António Raimundo Figueiredo Semedo, Bruno Gil Vieira da Silva e Mafalda Sofia Claudino Rodrigues. Porto: 4 de</p>

		Junho de 2013. Disponível em Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Volume II. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	7	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	A4	
<b>Nº de Porta</b>	24	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 380,00 m <sup>2</sup> / 110,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 154,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m <sup>2</sup> para área de construção de garagem.	
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas	

<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação A4 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. O acesso principal, voltado para o rio e Barragem,</p>

é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco, assemelhando-se à tipologia A3 pela presença do portão de acesso. A outra entrada permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala. **À semelhança da tipologia A2, é neste alçado que se encontra o vão de iluminação de pequenas dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho e uma diferença na organização espacial da planta.**

**A fachada posterior não reflete a divisão da volumetria estrutural em dois volumes nem o alçado contínuo visível na tipologia A1, A2 e A3. A fachada é rasgada em dois planos, sendo o primeiro constituído pelos dois vãos de iluminação e, o segundo plano, mais profundo com apenas um vão. A linguagem adotada é semelhante à do alpendre. Esta zona não se apresenta totalmente pintada, apenas rebocada e caiada, o que nos pode sugerir algum tipo de intervenção estrutural. Neste apontamento diferenciador, debatemo-nos com a preocupação, dada pelo Modernismo, ao desenho numa tentativa de criar pequenos pormenores entre os volumes para a criação de um efeito de dinamismo no conjunto. Tal como**

	<p>acontece noutros casos de Barragens do Douro, de clara influência de arquitetos do Modernismo, esta característica define a ideia do “desenho caso a caso” (Seixas; 2015, 104). como forma de projetar os socalcos ao pormenor e com respeito pela topografia existente no local.</p> <p>No pátio desta habitação foi-nos legado um tanque. Ao contrário do Bairro do Picote (o único em que se confirma a sua existência), no qual existiu uma Lavandaria como equipamento social temporário, em Crestuma-Lever esta tarefa diária dos moradores do Bairro era realizada a partir das suas próprias habitações.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	

<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>	<p>Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora</p> <p>Seixas, Nélio Miguel (2015). A Revisão dos anos de 1950 no Urbanismo e Arquitetura do Douro Internacional. Barrocal do Douro, Miranda do Douro, Cardal do Douro. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo pela Escola Superior Gallaecia</p>	
<b>Lote</b>	8	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	A5	
<b>Nº de Porta</b>	25	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

	
<b>Composição</b>	piso térreo
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 376,00 m <sup>2</sup> / 130,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 182,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m <sup>2</sup> para área de construção de garagem.
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura e posteriormente reboco; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função.
<b>Estado de conservação</b>	Bom estado de conservação, sinais de reabilitação arquitetónica. Não apresenta sinais de degradação; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham</p>

como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação A5 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas, repartido em três volumes na fachada traseira.

**O facto de ser a primeira habitação da tipologia A que se encontra habitada, demonstra-nos que houve o cuidado de a reabilitar e, conseqüentemente, é atualmente é a que nos suscita mais diferenças na linguagem.**

**A primeira grande alteração é o tom amarelo do exterior da habitação que contrasta com as restantes casas deste nível. A casa foi vedada, por um muro de cimento, a toda à volta, tornando-se apenas possível aceder ao terreno a partir do portão de ferro da fachada principal e o da fachada posterior. Todas as janelas e portas foram substituídas por novos elementos, em alumínio, mais duradouros, de melhor qualidade e esteticamente mais apelativos.**

**Por fim, refere-se o facto de ser visível um acrescento de um volume à estrutura. A falta de documentação, de plantas e de fontes originais relativamente ao Bairro não permite compreender se fazia parte do projeto original ou se foi uma intervenção levada a cabo pelos moradores da habitação com o objetivo de ampliar a sua habitação, torná-la mais cômoda e funcional para as suas condições familiares. Porém, observando a implantação das arquiteturas no território, conclui-se que, nesta cota, todas têm a mesma distância lateral,**

		<p>exceto esta tipologia, o que pode indicar que foi um acrescento posterior.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e em bom estado de conservação. Não apresenta sinais de degradação; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados.</b></p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	9	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	A6	

<p><b>Nº de</b> 26 <b>Porta</b></p>	
<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 379,00 m<sup>2</sup> / 110,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 154,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo</p>

	para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação A6 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p>

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. O acesso principal, voltado para o rio e Barragem, é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco. A outra entrada permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)". **Em Picote, as “Casas do Pessoal Especializado (figura 4 e 5)”, “recuam relativamente às ruas de circulação pedonal e rodoviária através de terraços ajardinados que marcam os limites da unidade habitacional com o público, sendo o espaço exterior a poente dedicado ao cultivo hortícola e com anexos destinados a serviços de lavandaria, arrumos e criação de animais de capoeira” (Martins, 2018: 90). Esta ideia materializa-se em Crestuma/Lever de diferentes formas. Por um lado, existem as habitações como a tipologia A6 que são marcadas pela existência dos dois espaços ao ar livre, sem demarcação física, mas que pela questão do abandono das moradias atualmente, na sua generalidade, não apresentam os espaços anexos. Por outro lado, existem habitações como a E1 que se aproximam mais do pensamento de Picote, na medida, em que o jardim frontal é vedado e, nas traseiras, existem os referidos anexos. É entre estas duas vertentes que se formam os lotes no nosso caso-de-estudo.**

A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume

	<p>arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala. <b>À semelhança da tipologia A2 e A4, é neste alçado que se encontra o vão de iluminação de pequenas dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho e uma diferença na organização espacial da planta.</b></p> <p><b>A fachada posterior não reflete a divisão da volumetria estrutural em dois volumes nem o alçado contínuo visível na tipologia A1, A2 e A3. A fachada é rasgada em dois planos, sendo o primeiro constituído pelos dois vãos de iluminação e, o segundo plano, mais profundo com apenas um vão. A linguagem adotada é semelhante à do alpendre.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>		 <p>Figura 4. Bruno Silva, 2013. Disponível em Andreia Martins, 2018. P. 91</p>  <p>Figura 5. Captura de Ecrã Street View [17/04/2021]</p>
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	10	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	A7	
<b>Nº de Porta</b>	10	
		

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 399,00 m<sup>2</sup> / 130,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 182,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de sete habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia A. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular</p>

que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. Segundo os Inquéritos realizados à comunidade, estas habitações variam entre a tipologia T2 e T3.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação A7 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo e isolado, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas, repartido na fachada traseira.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. O acesso principal, voltado para o rio e Barragem, é realizado a partir da escadaria de acesso, inserida no socalco, **diferenciando-se das restantes tipologias deste nível pelo facto da escadaria não se encontrar no centro da habitação, dirigindo-se para a entrada principal, mas sim na área lateral do terreno.** A outra entrada permite o acesso a uma área de pátio ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

	<p>A fachada principal (frontal) é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada e delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação sem moldura; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a divisão da sala de estar/jantar, na medida em que os Inquéritos realizados à comunidade nos indicam que estas casas eram as únicas com lareira na sala.</p> <p>A fachada posterior reflete uma pequena alteração na simplicidade arquitetónica a partir de uma divisão da volumetria estrutural em dois volumes. Este alçado é rasgado por quatro vãos de iluminação, sendo um de pequenas dimensões em comparação com os restantes, o que nos pode indicar o local da única casa-de-banho.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. Porém, os Inquéritos indicam que estas habitações apresentavam um dos quartos com tipologia de “suíte”, existindo uma casa-de-banho privativa. Como várias vezes foi referido ao longo das conversas com os moradores, esta linha de casas era destinada aos Engenheiros, apresentando melhores condições do que as restantes.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, a ripa de madeira que fecha uma das janelas, as persianas fechadas e a falta de manutenção.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Tipologia Habitacional B</b>	
<b>Lote</b>	11
<b>Tipologia</b>	B1
<b>N.º de Porta</b>	233
	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	

	
<b>Composição</b>	<p> piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p> Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 555,00 m<sup>2</sup> / 140,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 196,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 20,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>
<b>Materiais</b>	<p> Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; ferro para o gradeamento; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p> Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p> Bom estado de conservação, sinais de reabilitação arquitetónica; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados.</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p> A Habitação enquadra-se num conjunto de cinco habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia B. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p> Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos</p>

Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação B1 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco de plataforma menor que o da tipologia A. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e do corpo adossado, distinguido pelo pé-direito de menor altura; bem como telhado de duas águas em cada um dos volumes.

**Relativamente às moradias da tipologia A, esta habitação diferencia-se pelas dimensões tanto da construção como do espaço ao ar livre destinado.**

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada lateral/traseira, no lado oposto ao do rio, o que se diferencia igualmente das habitações da tipologia A; e, o segundo, na fachada voltada para a Barragem. É totalmente vedada por um muro de cimento, parcialmente rebocado e pintado em tons de branco; apresenta gradeamento verde em todo o perímetro; os acessos são realizados a partir de portões verdes. **A vedação do terreno permite uma maior privacidade aos habitantes, lembrando a utilização destas soluções no Bairro de Picote para as Casas do Pessoal Especializado (fig.1).**

A fachada voltada para o rio é dividida pelo volume central repartido e pelo volume adossado de pé-direito menor como foi referido anteriormente. O corpo central é marcado pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada; rasgada por três vãos de iluminação com moldura superior; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a provável

	<p>divisão da cozinha/sala de estar e jantar. O volume adossado é rasgado por um vão que se encontra fechado por ripas de madeira.</p> <p>A fachada posterior é rasgada por três vãos de iluminação, com moldura superior, e por uma porta com moldura que demarca o espaço de uma divisão na volumetria estrutural da arquitetura em dois volumes. Um dos vãos de iluminação é de pequenas dimensões, o que nos pode indicar o local da única casa-de-banho.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de reabilitação, visíveis nas janelas e portas que foram substituídas por novos elementos, em alumínio, mais duradouros, de melhor qualidade e esteticamente mais apelativos; o facto de se encontrar parcialmente rebocada e pintada em tons de branco; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados.</p> <p>Ao contrário da habitação A5 em que não podemos confirmar a questão do acrescento de um volume à arquitetura, comparativamente às restantes do mesmo nível, neste caso o facto de as restantes habitações da tipologia B apresentarem este volume indica-nos que faria parte do projeto original. Em contrapartida, a falta de documentação não nos permite compreender se a área total, atualmente vedada, de cada construção corresponde à que inicialmente lhe foi atribuída ou se foram ações posteriores levadas a cabo pelos moradores.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Caldeira, Margarida Pinho (2014). O Destino dos Bairros das Barragens. Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
<b>Lote</b>	12	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	B2	
<b>Nº de Porta</b>	255	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

<b>Composição</b>	pisos térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 687,00 m <sup>2</sup> / 140,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 196,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e 58,00 m <sup>2</sup> para área de construção de garagem.
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura e, posteriormente, reboco; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas; ferro para o gradeamento; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Bom estado de conservação, sinais de reabilitação arquitetónica; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de cinco habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia B. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação B2 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco de plataforma menor que o da tipologia A. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e do corpo</p>

	<p>adossado, distinguido pelo pé-direito de menor altura; bem como telhado de duas águas em cada um dos volumes.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada lateral/traseira, no lado oposto ao do rio, o que se diferencia igualmente das habitações da tipologia A; e, o segundo, na fachada voltada para a Barragem. <b>Apresenta uma sucessão de escadas, na fachada voltada para o rio, que ligam o portão à entrada do alpendre; é totalmente vedada por um muro de cimento, parcialmente rebocado e pintado em tons de rosa; apresenta gradeamento branco apenas no perímetro lateral; os acessos são realizados a partir de portões brancos.</b></p> <p>A fachada voltada para o rio é dividida pelo volume central repartido e pelo volume adossado de pé-direito menor como foi referido anteriormente. O corpo central é marcado pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada <b>delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação;</b> e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar. <b>O volume adossado é rasgado por dois vãos.</b></p> <p><b>A fachada posterior é um volume contínuo rasgado por três vãos de iluminação, sendo um de menores dimensões, o que nos pode indicar o local da única casa-de-banho. No volume adossado é visível uma porta de garagem a todo o comprimento.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-</p>
--	---

		<p>banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de total reabilitação, visíveis nas janelas e portas que foram substituídas por novos elementos, em alumínio, mais duradouros, de melhor qualidade e esteticamente mais apelativos; o facto de a casa se encontrar rebocada e pintada em tons de branco; os jardins, pátio e áreas circundantes à habitação permanecem bem cuidados; e a atual intervenção a ser realizada nos muros de vedação.</b></p> <p>Ao contrário da habitação A5 em que não podemos confirmar a questão do acrescento de um volume à arquitetura, comparativamente às restantes do mesmo nível, neste caso o facto de as restantes habitações da tipologia B apresentarem este volume indica-nos que faria parte do projeto original. Em contrapartida, a falta de documentação não nos permite compreender se a área total, atualmente vedada, de cada construção corresponde à que inicialmente lhe foi atribuída ou se foram ações posteriores levadas a cabo pelos moradores.</p>
	<b>Outras observações</b>	
	<b>Documentos iconográficos</b>	
	<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.
	<b>Bibliografia</b>	
<b>Lote</b>	13	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	B3	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 761,00 m<sup>2</sup> / 140,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 196,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 30,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>	

<b>Estado de conservação</b>	Bom estado de conservação, sinais de intervenção; Jardim principal bem cuidado; atualmente a sofrer obras de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de cinco habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia B. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação B3 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco de plataforma menor que o da tipologia A. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e do corpo adossado, distinguido pelo pé-direito de menor altura; bem como telhado de duas águas em cada um dos volumes.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada lateral/traseira, no lado oposto ao do rio, o que se diferencia igualmente das habitações da tipologia A; e, o segundo, na fachada voltada para a Barragem.</p> <p><b>Apresenta uma sucessão de escadas, na fachada voltada para o rio, que ligam a entrada ao alpendre; é totalmente vedada por um muro de cimento, sendo que no alçado principal o muro é incorporado por pedras de granito, enquanto na fachada voltada para o rio se mantém em cimento; os acessos são realizados a partir de portões de alumínio cinzento.</b></p>

A fachada voltada para o rio é dividida pelo volume central repartido e pelo volume adossado de pé-direito menor como foi referido anteriormente. O corpo central é marcado pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação, sendo que o vão do alpendre apresenta moldura superior; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar. O volume adossado é rasgado por um vão de iluminação gradeado.

**A fachada posterior é um volume contínuo rasgado por três vãos de iluminação, sendo um de menores dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho. No volume adossado é visível uma porta de garagem a todo o comprimento.**

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.

**Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de intervenção, visíveis no facto de a casa se encontrar rebocada e pintada em tons de amarelo; o jardim principal permanecer bem cuidado; e a atual intervenção a ser realizada nos muros de vedação.**

Ao contrário da habitação A5 em que não podemos confirmar a questão do acrescento de um volume à arquitetura, comparativamente às restantes do mesmo nível, neste caso o facto de as restantes habitações da tipologia B apresentarem este volume indica-nos que faria parte do projeto original. Em contrapartida, a falta de documentação não nos permite compreender se a área total, atualmente vedada, de cada construção corresponde à que

		inicialmente lhe foi atribuída ou se foram ações posteriores levadas a cabo pelos moradores.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	14	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	B4	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

	
<b>Composição</b>	piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 807,00 m <sup>2</sup> / 140,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 196,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e 25,00 m <sup>2</sup> para área de construção de garagem.
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Bom estado de conservação, sinais de intervenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de cinco habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia B. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p>

	<p>A habitação B4 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco de plataforma menor que o da tipologia A. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e do corpo adossado, distinguido pelo pé-direito de menor altura; bem como telhado de duas águas em cada um dos volumes.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada lateral/traseira, no lado oposto ao do rio, o que se diferencia igualmente das habitações da tipologia A; e, o segundo, na fachada voltada para a Barragem. <b>Apresenta uma sucessão de escadas, na fachada voltada para o rio, que ligam o portão ao alpendre; é totalmente vedada por um muro de cimento e vedação em arame farpado; os acessos são realizados a partir de portões de ferro.</b></p> <p>A fachada voltada para o rio é dividida pelo volume central repartido e pelo volume adossado de pé-direito menor como foi referido anteriormente. O corpo central é marcado pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação com moldura superior; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar. O volume adossado é rasgado por um vão de iluminação. <b>Nesta fachada é ainda visível uns pequenos anexos destinados à vida do campo, identificando-se alguns como galinheiros.</b></p> <p>A fachada posterior é um volume contínuo rasgado por três vãos de iluminação, sendo um de menores dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho. No volume adossado é visível uma porta de garagem a todo o comprimento. <b>Nesta habitação, a</b></p>
--	---

		<p><b>área deste alçado é maioritariamente ocupada por um campo agrícola.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de intervenção, visíveis no facto de a casa se encontrar rebocada e pintada em tons de rosa.</b></p> <p>Ao contrário da habitação A5 em que não podemos confirmar a questão do acrescento de um volume à arquitetura, comparativamente às restantes do mesmo nível, neste caso o facto de as restantes habitações da tipologia B apresentarem este volume indica-nos que faria parte do projeto original. Em contrapartida, a falta de documentação não nos permite compreender se a área total, atualmente vedada, de cada construção corresponde à que inicialmente lhe foi atribuída ou se foram ações posteriores levadas a cabo pelos moradores.</p>
	<b>Outras observações</b>	
	<b>Documentos iconográficos</b>	
	<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V.N. Gaia.
	<b>Bibliografia</b>	
<b>Lote</b>	15	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	B5	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 700,00 m<sup>2</sup> / 140,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 196,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 25,00 m<sup>2</sup> para área de construção de garagem.</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	

<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de cinco habitações dispostas em banda que consideramos da tipologia B. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de toda a banda, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação B5 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco de plataforma menor que o da tipologia A. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e do corpo adossado, distinguido pelo pé-direito de menor altura; bem como telhado de duas águas em cada um dos volumes.</p> <p><b>Da tipologia B é a moradia que apresenta mais diferenças estruturais na arquitetura, provavelmente pela necessidade de aproveitar ao máximo o terreno de implantação.</b></p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada voltada para a rua, no lado oposto ao do rio, o que se diferencia igualmente das habitações da tipologia A; e, o segundo, na fachada voltada para a Barragem.</p> <p><b>Na fachada principal é totalmente vedada por um muro de</b></p>

**cimento e vedação em arame farpado; os acessos são realizados a partir de portões de ferro.**

A fachada voltada para o rio é marcada pelo pequeno alpendre de linguagem simplificada delimitado por um muro; rasgada por três vãos de iluminação com moldura superior; e demarcada pela presença de uma chaminé, de grandes dimensões, que se realça na volumetria da arquitetura e sustenta uma unidade visual a cada volume arquitetónico. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar.

**A fachada posterior é um volume contínuo rasgado por quatro vãos de iluminação, sendo um de menores dimensões, o que nos pode indicar o local da casa-de-banho. No volume adossado é visível uma porta de garagem a todo o comprimento. Nesta habitação, a área deste alçado é maioritariamente ocupada por um campo agrícola.**

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.

**Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo; e a fachada voltada para o rio encontra-se em mau estado de manutenção pela vegetação selvagem de grandes dimensões que a circunda.**

Ao contrário da habitação A5 em que não podemos confirmar a questão do acrescento de um volume à arquitetura, comparativamente às restantes do mesmo nível, neste caso o facto de as restantes habitações da tipologia B apresentarem este volume

		indica-nos que faria parte do projeto original. Em contrapartida, a falta de documentação não nos permite compreender se a área total, atualmente vedada, de cada construção corresponde à que inicialmente lhe foi atribuída ou se foram ações posteriores levadas a cabo pelos moradores.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Tipologia Habitacional C</b>		
<b>Lote</b>	16	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C1	
<b>Nº de Porta</b>	33	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 260,00 m<sup>2</sup> / 80,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 112,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e autorização para a construção de uma garagem exterior o lote com área de 16,50 m<sup>2</sup> (G16).</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C1 e C2).</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham</p>

como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação C1 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes. **Em conjunto com a C2 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.**

**A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115). Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões. Esta solução volta a repetir-se em La Lancha com volumes longitudinais que apenas são rasgados pelos vãos de entrada e iluminação, o que se caracteriza na linguagem funcional e simples que estes Bairros transmitiam (figura 7).**

A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua.

**Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-**

	<p><b>nos a provável divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>A escolha deste tipo de linguagem arquitetónica, dos blocos horizontais, remete para a consciência da necessidade de encontrar soluções económicas e, ao mesmo tempo, criar a ideia de comunidade entre os trabalhadores.</b></p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo; vegetação selvagem que a circunda.</b></p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 6. Créditos: Andreia Martins, 2018.</p> 

		Figura 7. Bairro de La Lancha da Barragem de Jándula. Créditos: Carbajal-Ballell, 2016
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	17	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C2	
<b>Nº de Porta</b>	34	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>		piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>		Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 260,00 m2 / 80,00 m2 de área de implantação, 112,00 m2 de área

	de construção para habitação e autorização para a construção de uma garagem exterior o lote com área de 16,50 m2 (G16).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada
<b>Estado de conservação</b>	Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C1 e C2).</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação C2 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes. Em conjunto com a C1 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.</p> <p>A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que</p>

correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115). Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões.

A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua.

Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

**Em comparação com outros blocos residenciais para trabalhadores, os de Crestuma-Lever são os de menores dimensões nos casos em análise. De facto, nos Bairros do Douro estes blocos apresentam apenas o rés-do-chão, enquanto no caso espanhol há diversos exemplares em que estes blocos longitudinais assumem entre um a três pisos, como é o caso do Bairro Lucas Urquijo (figura 8). Este ponto permite a comparação entre a dimensão das diferentes obras bem como o número de trabalhadores envolvidos, cuja variável profunda pode demonstrar a necessidade de criar mais espaço de alojamento em alguns Bairros e menos noutros. Outro ponto diferencial é o facto de estes blocos apresentarem geralmente corredores exteriores cujo acesso se realiza a partir de escadarias, uma solução própria do movimento Modernista.**

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-

	<p>banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo; vegetação selvagem que a circunda. <b>Ao contrário da C1, nesta moradia já não existem vestígios da porta, tendo sido esta substituída por uma tábuca de madeira.</b></p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 8. Bloco residencial do Bairro Lucas Urquijo da Barragem de Villora. Créditos: Luján, 2013 :157</p>
<p><b>Documentos textuais</b></p>	<p>Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Luján, Nuria Salvador (2013). Las colonias obreras de la primeras décadas de HIDROLA, 1910-1940 adoptando modelos utópicos del s. XIX; aportando soluciones de vivienda obrera del s. XX. Tese de Doutoramento em Projetos Arquitetónicos da Universidade Politécnica de Valência</p>

		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	26	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C3	
<b>Nº de Porta</b>	43	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 230,00 m <sup>2</sup> / 89,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 124,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G26)	
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;	

<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação. Apesar de habitada, denota-se a presença de vegetação selvagem a circundar a habitação.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C3 e C4).</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação C3 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes, à semelhança daquilo que é visível nos Albergues Obreros do Bairro da Barragem de Benagéber (figura 9). Em conjunto com a C4 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.</p> <p>A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115). Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote</p>

	<p>em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões.</p> <p>A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua, <b>bem como um pequeno vão de iluminação que nos indica o local da casa-de-banho, o que contrasta com a tipologia C1 e C2 que não apresentava este vão na fachada principal.</b></p> <p>Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p><b>É na fachada principal que se denota a presença do pátio exterior, sendo neste caso dedicado à produção agrícola, o que contrasta com as tipologias A e B.</b> Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo. Apesar de habitada, verifica-se a presença de vegetação selvagem, de grandes dimensões, a circundar a habitação.</p>
--	---

<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		 <p>Figura 9. Albergues Obreros do Bairro da Barragem de Benagéber. Créditos: Captura de Ecrã, Google Maps [12/07/2022]</p>
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	27	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C4	
<b>Nº de Porta</b>	34	

<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	<p> piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p> Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 240,00 m<sup>2</sup> / 89,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 124,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G27)</p>
<b>Materiais</b>	<p> Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p> Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente, desabitada</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p> Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p> A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C3 e C4).</p> <p> Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p>

A habitação C4 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes. Em conjunto com a C3 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.

A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115). Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões.

A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua, bem como um pequeno vão de iluminação que nos indica o local da casa-de-banho, o que contrasta com a tipologia C1 e C2 que não apresentava este vão na fachada principal.

Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

É na fachada principal que se denota a presença do pátio exterior. **O facto desta habitação permanecer desabitada, em contraste com a C3, a presença do campo agrícola indica-nos a sua utilização pelos moradores da outra casa.** Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos

	<p>moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p><b>Na fachada lateral encontramos um ponto diferenciador com a C3, na medida em que a C4 nos lega um vão de entrada, em alumínio, presente no ponto máximo do pé-direito. Atualmente, não existe uma escadaria de acesso, o que terá existido no passado e nos pode indicar a possibilidade da existência de um sótão, característica que sabemos que existiria noutras moradias de patamares superiores.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo. Verifica-se a presença de vegetação selvagem, de grandes dimensões, a circundar a habitação.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.

<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora	
<b>Lote</b>	28	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C5	
<b>Nº de Porta</b>	45	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 211,00 m <sup>2</sup> / 89,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 124,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G28)	

<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada
<b>Estado de conservação</b>	Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C5 e C6).</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação C5 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes. Em conjunto com a C6 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.</p> <p>A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115). Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são</p>

	<p>destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões.</p> <p>A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua, bem como um pequeno vão de iluminação que nos indica o local da casa-de-banho, o que contrasta com a tipologia C1 e C2 que não apresentava este vão na fachada principal.</p> <p>Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>É na fachada principal que se denota a presença do pátio exterior. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo; vegetação selvagem que a circunda.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	29	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	C6	
<b>Nº de Porta</b>	46	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		 

<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 394,00 m <sup>2</sup> / 89,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 124,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e 18,00 m <sup>2</sup> para a área de construção da garagem.
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Estado de conservação mediano; apresenta marcas de degradação, vegetação selvagem
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de duas habitações geminadas que consideramos da tipologia C (C5 e C6).</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação C6 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples e retangular do corpo central e telhado de duas águas em cada um dos volumes. Em conjunto com a C5 criam um volume único, de uma arquitetura bifamiliar, de duas casas</p>

simétricas. Em conjunto criam um vão contínuo sem interrupções na estrutura, nem alpendre como acontecia na tipologia A e B.

A linguagem da estrutura arquitetónica deste lote assemelha-se ao que tinha vindo a ser construído em Picote com as habitações temporárias designadas de “Casas do Pessoal Especializado (figura 6)” que se caracterizavam por um volume habitacional que correspondia a quatro unidades habitacionais (Martins, 2018: 115).

Porém, em Crestuma-Lever estes espaços longitudinais são destinados a duas unidades familiares, diferenciando-se de Picote em que estes lotes eram construídos com base na redução aos mínimos, enquanto aqui se destacam pelas maiores dimensões.

**Estas soluções arquitetónicas denunciam a questão da hierarquização social ao se projetarem lotes com estas configurações que se distinguem dos lotes individuais com maior espaço privativo. Se, por um lado, foram encontradas em Portugal como no caso de Picote, por outro lado, são visíveis internacionalmente em casos como o espanhol no Bairro de Alcántara (figura 11) associado à Barragem de José María de Oriol. Neste caso é visível um longo bloco longitudinal que se assemelha a Crestuma-Lever na medida em que se destina a dois lotes habitacionais. A fachada é novamente rasgada meramente pelos vãos de iluminação, gradeados, e pelos vãos de entrada. Porém, as habitações construídas em Alcántara diferem claramente em duas tipologias, sendo estes blocos a primeira tipologia que se destinava aos trabalhadores de classe mais baixa e, a segunda, as moradias destinadas aos engenheiros. As duas tipologias diferenciam-se facilmente pela linguagem arquitetónica aplicada, sendo que as moradias (figura 11) apresentam dois pisos, um maior número de quartos, uma área ajardinada própria demarcada pela presença de alpendres e terraços, bem como uma clara**

**influência da arquitetura modernista (Adán, 2018: 226). Este aspeto contrasta profundamente com Crestuma/Lever, cujos lotes se assemelham intrinsecamente em termos de pensamento arquitetónica, encontrando-se pequenas diferenças na linguagem que permitem estabelecer as diferenças de classe.**

A partir de aquilo que nos é possível observar, a moradia é caracterizada por dois vãos de iluminação, com persiana, na fachada frontal, local aonde também se encontra a entrada voltada para a rua, bem como um pequeno vão de iluminação que nos indica o local da casa-de-banho, o que contrasta com a tipologia C1 e C2 que não apresentava este vão na fachada principal.

Ao contrário das tipologias A e B, nesta não se denota a existência de uma chaminé de grandes dimensões, mas sim um pequeno orifício de metal pelo qual sairia o fumo, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

É na fachada principal que se denota a presença do pátio exterior. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.

Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e a demonstrar sinais de degradação, na medida em que não são visíveis intervenções nem mudanças estruturais; a arquitetura apresenta as marcas da passagem do tempo; vegetação selvagem que a circunda.

<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 10. Habitação para Trabalhadores de Classe Baixa do Bairro de Alcántara da Barragem de José María de Oriol. Créditos: Captura de Ecrã, Google Maps [10/03/2022]</p>  <p>Figura 11. Habitação para Engenheiros do Bairro de Alcántara da Barragem de José María de Oriol. Créditos: Captura de Ecrã, Google Maps [10/03/2022]</p>
<p><b>Documentos textuais</b></p>	<p>Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Adán, Juan Carlos García (2018). Modernid arquitectónica en el paisaje extremeño: los poblados hidroeléctricos de Valdecañas y Alcántara (Cáceres). II Congreso Internacional de Patrimonio Industrial y de la Obra Pública: Patrimonio Industrial: pasado, presente y futuro.</p>

	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora	
<b>Tipologia Habitacional D</b>		
<b>Lote</b>	18	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D1	
<b>Nº de Porta</b>	35	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	 	
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	

<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 377,00 m <sup>2</sup> / 105,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 147,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e autorização para a construção de uma garagem exterior o lote com área de 16,50 m <sup>2</sup> (G18).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação, as persianas fechadas e a falta de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>A habitação D1 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p><b>A intenção da aplicação desta tipologia que se dispõe em banda geminada ao longo do socalco já tinha sido aplicada no Bairro de Bemposta (figura 12), o que permite “relação entre as construções e a morfologia do terreno” (Caldeira, 2014: 28).</b></p>

**A D1 encontra-se geminada com a tipologia, referida anteriormente, C1 e C2, porém não se reflete num alçado contínuo entre as duas, mas sim uma saliência que a destaca.**

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. **Ao contrário da tipologia A, o acesso voltado para o rio e para a Barragem é o secundário, permitindo o acesso a uma área de pátio ao ar livre.** Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de um vão descontínuo. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um vão profundo que incorpora o acesso à casa e a terceira janela. Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

**A solução da linguagem arquitetónica encontrada para a fachada frontal repete-se na traseira. Porém, aqui são visíveis duas janelas de menores dimensões, o que nos pode indicar o local da única casa-de-banho.**

	<p><b>Atualmente na fachada principal é visível uma estrutura, em chapa de metal, que funciona como garagem. O facto desta habitação se encontrar desabitada, sugere-nos que este espaço se encontra destinado aos moradores da habitação D2. Na mesma medida, na fachada traseira existem vestígios de equipamentos agrícolas que terão o mesmo objetivo.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada e com sinais de degradação.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 12. Habitações definitivas. Captura de ecrã Google Maps [13/04/2021]</p>
<p><b>Documentos textuais</b></p>	<p>Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora</p>

		Caldeira, Margarida Pinho (2014). O Destino dos Bairros das Barragens. Dissertação de Mestrado em Planeamento e Projeto Urbano pela Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
<b>Lote</b>	19	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D2	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 412,00 m<sup>2</sup> / 117,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 164,00 m<sup>2</sup> de área</p>	

	de construção para habitação e autorização para a construção de uma garagem exterior o lote com área de 16,50 m2 (G19).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Em bom estado de conservação, demonstra sinais de cuidado na manutenção e total reabilitação exterior da arquitetura, visíveis pela nova pintura em tons de amarelo que contrastam com as cores normalmente visíveis no Bairro e o jardim planeado e bem cuidado.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D2 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e <b>do telhado de duas águas repartido em dois volumes, o que se diferencia da D1.</b></p>

	<p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Ao contrário da tipologia A, o acesso voltado para o rio e para a Barragem é o secundário, permitindo o acesso a uma área ao ar livre. Porém, não existe a construção de nenhum muro/vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)". <b>Em contrapartida, na fachada principal existe um muro de vedação com gradeamento verde que fecha o jardim.</b></p> <p><b>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de um vão descontínuo dividido em dois volumes. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas. O segundo volume é dividido por uma terceira janela e por uma reentrância que incorpora o acesso à casa e a quarta janela.</b></p> <p><b>Ao contrário do que se tem vindo a repetir noutras habitações, nesta não encontramos nem a chaminé nem o orifício de metal. O facto de ser uma exceção à regra, indica-nos que pode ter sido uma das alterações levadas a cabo pelos moradores aquando da reabilitação da casa.</b></p> <p><b>Se na D1 se deteta a reprodução da linguagem arquitetónica nas duas fachadas, na D2, a fachada traseira é constituída por um alçado descontínuo. Por um lado, temos um vão com a abertura de duas janelas com persianas e, pelo outro, uma reentrância com a outra via de acesso e a terceira janela. É neste espaço que se encontram estruturas temporárias, em chapa de metal, para o auxílio da produção agrícola e uma pequena horta.</b></p>
--	---

	<p><b>Podemos ainda apontar uma outra exceção à regra nesta habitação. Aqui não nos é visível a janela de pequenas dimensões que, geralmente, indica o local da casa-de-banho.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, demonstra sinais de cuidado na manutenção e total reabilitação exterior da arquitetura, visíveis pela nova pintura em tons de amarelo que contrastam com as cores normalmente visíveis no Bairro e o jardim planeado e bem cuidado. Compreende-se ainda que se manteve as mesmas persianas (ou substitui-se por novas, mas semelhantes) e o mesmo acontece com as portas.</b></p>	
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora	
<b>Lote</b>	20	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D3	

<p><b>Nº de ?</b> <b>Porta</b></p>	
<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 492,00 m<sup>2</sup> / 108,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 149,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 18,00 m<sup>2</sup> para a área de construção de garagem.</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas;</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>

<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Em bom estado de conservação, demonstra sinais de cuidado na manutenção e total reabilitação exterior da arquitetura, visíveis pela pintura mais recente e pelo jardim planeado e bem cuidado.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D3 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Ao contrário da tipologia A, o acesso voltado para o rio e para a Barragem é o secundário, permitindo o acesso a uma <b>área de pátio ao ar livre, contrastando com outras habitações na medida em que se encontra vedado por uma sebe, conferindo uma maior privacidade à vida doméstica. Porém, como nos apercebemos com outras habitações, esta será provavelmente uma alteração posterior e não a solução</b></p>

	<p><b>definida inicialmente no programa. A questão do jardim cercado repete-se, igualmente, na fachada principal.</b></p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de um vão descontínuo. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um vão profundo que incorpora o acesso à casa e a terceira janela. Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>A solução da linguagem arquitetónica encontrada para a fachada frontal repete-se na traseira.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, demonstra sinais de cuidado na manutenção e total reabilitação exterior da arquitetura, visíveis pela pintura mais recente e pelo jardim planeado e bem cuidado. Compreende-se ainda que se manteve as mesmas persianas (ou substitui-se por novas, mas semelhantes) e o mesmo acontece com as portas.</b></p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.

<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	21	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D4	
<b>Nº de Porta</b>	38	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 452,00 m<sup>2</sup> / 107,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 150,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 18,00 m<sup>2</sup> para a área de construção da garagem.</p>	

<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis, as persianas fechadas e a falta de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D4 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p><b>A impossibilidade de aceder às traseiras da casa só nos permite analisar a fachada principal. Esta é caracterizada por um alçado descontínuo dividido em dois corpos. O primeiro é</b></p>

		<p><b>marcado pela presença de dois vãos de iluminação com persiana. O segundo corpo, ligeiramente mais saliente, é marcado pela porta de acesso e por uma terceira janela.</b></p> <p>Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, demonstrando sinais de abandono e degradação.</b></p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	22	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D5	
<b>Nº de Porta</b>	39	

	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 310,00 m <sup>2</sup> / 105,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 147,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G22)
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis, as persianas fechadas e a falta de manutenção

<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D5 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p><b>A impossibilidade de aceder às traseiras da casa só nos permite analisar a fachada principal. Esta é caracterizada por um alçado descontínuo dividido em dois corpos. O primeiro é marcado pela presença de dois vãos de iluminação com persiana. O segundo corpo, com uma reentrância profunda, é marcado pela porta de acesso e por uma terceira janela.</b></p> <p>Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p>
-----------------------------------	---

		Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.  <b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, demonstrando sinais de abandono e degradação.</b>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	23	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D6	
<b>N.º de Porta</b>	40	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 299,00 m<sup>2</sup> / 103,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 144,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G23)</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se</p>

repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação D6 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.

A impossibilidade de aceder às traseiras da casa só nos permite analisar a fachada principal. Esta é caracterizada por um alçado descontínuo dividido em dois corpos. O primeiro é marcado pela presença de dois vãos de iluminação com persiana. O segundo corpo, com uma reentrância profunda, é marcado pela porta de acesso e por uma terceira janela. **Neste alçado é ainda visível vestígios da vida doméstica como um estendal, em chapa, e um tanque. Refere-se, ainda, que entre a D6 e a D7 existe um pequeno muro que as separa.**

Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

		Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.  <b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, demonstrando sinais de abandono e degradação.</b>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Localização no Território</b>		
<b>Lote</b>	24	
<b>Tipologia</b>	D7	
<b>N.º de Porta</b>	41	

<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	<p> piso térreo, um quarto, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p> Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 149,00 m<sup>2</sup> / 54,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 75,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G24)</p>
<b>Materiais</b>	<p> Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p> Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p> Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p> A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p> Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos</p>

<p>Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D7 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p><b>Relativamente à dimensão das restantes habitações da tipologia D, conclui-se que esta é de menores dimensões.</b></p> <p><b>A impossibilidade de aceder às traseiras da casa só nos permite analisar a fachada principal que apresenta ligeiras alterações relativamente às restantes casas da tipologia D. Esta é caracterizada por um alçado contínuo, rasgado meramente por um pequeno vão de iluminação, com persiana, o que nos sugere o provável local da casa-de-banho, bem como por um vão que interliga uma outra janela e a porta de acesso com linguagem semelhante, o que até aqui não tinha sido encontrado. A encimar este conjunto surge-nos uma porção do alçado, pintado de branco, que contrasta com o resto da pintura, reproduzindo a ideia de uma falsa moldura. Conclui-se, novamente, com a ideia do pensamento modernista de criar pontos de rutura na estrutura modelar, conferindo dinamismo ao conjunto.</b></p> <p>Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício</p>
--

		<p>indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T1, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, demonstrando sinais de abandono e degradação.</b></p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	25	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	D8	
<b>Nº de Porta</b>	42	

<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 389,00 m<sup>2</sup> / 76,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 106,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e 18,00 m<sup>2</sup> para a área de construção da garagem.</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de oito habitações geminadas que consideramos da tipologia D. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos</p>

<p>Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação D8 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A impossibilidade de aceder às traseiras da casa só nos permite analisar a fachada principal. Esta é caracterizada por um alçado descontínuo dividido em dois corpos. O primeiro é marcado pela presença de um grande vão de iluminação com persiana. O segundo corpo, com ligeira saliência, é marcado pela porta de acesso e por uma segunda janela.</p> <p><b>Como referido anteriormente, a tipologia D7 e D8 são ladeadas por um muro.</b></p> <p>Como vimos na tipologia C, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, demonstrando sinais de abandono e degradação.</b></p>
--

<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Tipologia Habitacional E</b>		
<b>Lote</b>	30	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E1	
<b>Nº de Porta</b>	30	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 370,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 30,00 m<sup>2</sup> para a área de construção da garagem.</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente mantém a mesma função</p>
<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Espaços ajardinados bem cuidados e com claros sinais de reabilitação arquitetónica visíveis pela nova pintura em tons de</p>

	<p>amarelo, a substituição das portas e janelas, bem como a mudança das telhas.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E1 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. <b>Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por</b></p>

**um muro de pedra e por um portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que se encontra igualmente vedado.**

A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.

Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

Atualmente na fachada principal é visível uma estrutura, em chapa de metal, que funciona como garagem.

Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana; um vão de iluminação de menores dimensões, que nos indica o provável local da casa-de-banho; e um pequeno volume adossado. O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma janela com persiana, uma porta e um conjunto de janelas que conjugam o envidraçamento com o alumínio branco e cobrem quase toda a altura do alçado.

Nesta fachada é-nos visível o pátio com vários elementos da vida quotidiana da família como o tanque, a churrasqueira, mesas e cadeiras de jardim.

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.

		Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, com os espaços ajardinados bem cuidados e com claros sinais de reabilitação arquitetónica visíveis pela nova pintura em tons de amarelo, a substituição das portas e janelas, bem como a mudança das telhas.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento n.º20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	31	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E2	
<b>N.º de Porta</b>	48	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 209,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G31)</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com</p>

	<p>Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E2 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra e por um portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, <b>em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que contrasta com a E1 na medida em que não apresenta nem muro nem vedação</b> que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do</p>
--	--

		<p>fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e com um vão de iluminação de menores dimensões, que nos indica o provável local da casa-de-banho. O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma janela com persiana e uma porta.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, com os espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	32	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E3	

<b>Nº de Porta</b>	49	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 385,00 m <sup>2</sup> / 59,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 82,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 10,00 m <sup>2</sup> para a construção da garagem. (G32)	
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros	
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada	
<b>Estado de conservação</b>	Espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.	

<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E3 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra e por um portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira</p>
-----------------------------------	---

um espaço de pátio ao ar livre que contrasta com a E1 na medida em que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

**A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de um vão contínuo, diferenciando-se da E1 e E2. O vão é marcado por uma porta ao centro ladeada por duas janelas, sendo que apenas uma dela apresenta atualmente persiana.**

Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.

**A linguagem da fachada principal repete-se na fachada traseira, mas neste caso ambos os vãos de iluminação apresentam persiana.**

**Ao contrário da generalidade das habitações, na E3 não é possível perceber o local da casa-de-banho, sendo que não existe o vão de menores dimensões que geralmente nos indica a sua localização.**

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.

Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, com os espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.

<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	35
<b>Tipologia</b>	E4
<b>Nº de Porta</b>	?
<b>Localização no Território</b>	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	

	
<b>Composição</b>	piso térreo, um quarto, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 262,00 m <sup>2</sup> / 55,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 77,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G35).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.
<b>Descrição Analítica</b>	A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutro nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por

fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação E4 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra **sem portão**, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que contrasta com a E1 na medida em que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

**A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de um vão contínuo, diferenciando-se da E1 e E2. O vão é marcado**

	<p><b>por uma porta ao centro e ladeada por apenas uma janela com persiana.</b></p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p><b>Nesta habitação vemos ainda uma outra solução diferenciada na linguagem arquitetónica. Geralmente, as fachadas laterais não são rasgadas por vãos de iluminação, mas neste caso existe uma janela sem persiana.</b></p> <p><b>A linguagem da fachada posterior é novamente marcada pelo vão contínuo, refletido ao centro por uma porta ladeada por duas janelas com persiana.</b></p> <p><b>Como acontece na E3, não é possível perceber o local da casa-de-banho, sendo que não existe o vão de menores dimensões que geralmente nos indica a sua localização.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura teria um quarto, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese. <b>Porém, os Inquéritos realizados confirmam a questão de ser um T1.</b></p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, com os espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	36	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E5	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

<b>Composição</b>	piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 217,00 m <sup>2</sup> / 124,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G36)
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis, as persianas fechadas e a falta de manutenção
<b>Descrição Analítica</b>	A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação E5 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra e por um portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".

A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.

Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do

		<p>fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e com um vão de iluminação de menores dimensões, que nos indica o provável local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma porta ladeada por duas janelas com persiana.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T3, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, com os espaços ajardinados e o pátio com falta de manutenção e vegetação selvagem de grandes dimensões; necessidade de manutenção das persianas.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	37	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	E6	
<b>Nº de Porta</b>	23	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 299,00 m<sup>2</sup> / 103,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 144,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a área de espaço exterior para a construção da garagem. (G23)</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	

<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Demonstra sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E6 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p>

	<p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra e por um portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma janela com persiana e de um vão profundo no qual se insere a porta.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p>
--	--

		Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, mas a demonstrar sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	38	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E7	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 207,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G38)</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente</p>

	<p>geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E7 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra sem portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p>
--	---

	<p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma janela com persiana e de um vão profundo no qual se insere a porta e uma outra janela com persiana.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, mas a demonstrar sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora

<b>Lote</b>	39	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E8	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 187,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G39).</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>	
<b>Estado de conservação</b>	<p>Demonstra sinais de intervenção arquitetónica visíveis por uma pintura de cor diferente, melhor manutenção das persianas e portas, bem como por espaços ajardinadas melhor cuidados.</p>	

<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E8 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um</p>
-----------------------------------	---

	<p>espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma porta ladeada por duas janelas com persianas.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p><b>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada. Porém, relativamente às restantes habitações demonstra sinais de intervenção arquitetónica visíveis por uma pintura de cor diferente, melhor manutenção das persianas e portas, bem como por espaços ajardinados melhor cuidados. Isto pode-nos indicar que a habitação tem proprietário que mantém a manutenção, mas não habitam nesta moradia.</b></p>
--	--

<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	40
<b>Tipologia</b>	E9
<b>Nº de Porta</b>	?
<b>Localização no Território</b>	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 181,00 m <sup>2</sup> / 124,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área

	de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G40).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Demonstra sinais de abandono, falta de manutenção nos espaços ajardinados com vegetação selvagem e deterioração da estrutura
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E9 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior</p>

	<p>aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra sem portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p><b>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana. O segundo plano, profundo, é marcado pela existência de uma porta e uma janela com persiana.</b> Como é visível noutras tipologias, nesta não existe a presença do pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho.</p>
--	--

		<p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada. Demonstra sinais de abandono, falta de manutenção nos espaços ajardinados com vegetação selvagem e deterioração da estrutura.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	41	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E10	
<b>N.º de Porta</b>	?	

<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 137,00 m<sup>2</sup> / 80,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 112,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G41)</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Sinais de degradação visíveis pela vegetação de grandes dimensões, as persianas fechadas e a falta de manutenção</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por</p>

<p>fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E10 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa.</p> <p>Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada por um vão contínuo rasgado por uma porta e duas janelas com persiana. Visto da rua, a fachada lateral é rasgada por uma outra janela com persiana.</p>
--

		<p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal, nas traseiras da habitação, que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p><b>Na fachada traseira é visível um alçado contínuo rasgado por um conjunto uniforme de uma porta e uma janela em alumínio e por uma outra janela com persiana.</b> Como é visível noutras tipologias, nesta não existe a presença do pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada. Demonstra sinais de abandono, falta de manutenção nos espaços ajardinados com vegetação selvagem e deterioração da estrutura.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	42	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	E11	
<b>Nº de Porta</b>	108	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 407,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G42).</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	

<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Demonstra sinais de intervenção arquitetónica e de manutenção na estrutura e nos espaços ajardinados.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de treze habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E11 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas repartido na fachada posterior.</p>

	<p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa.</p> <p>Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão e <b>uma abertura sem portão, de maiores dimensões, que acede a uma pequena rampa destinada ao estacionamento de um veículo.</b> Em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada por dois planos. O primeiro rasgado por duas janelas com persianas e, o segundo, em estilo de alpendre simplificado e mais profundo com a presença da porta de acesso e de uma outra janela com persiana.</p> <p>Como vimos em tipologias anteriores, esta habitação não é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões, mas sim pelo orifício de metal que permite a saída do fumo. A presença deste orifício indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p><b>Na fachada traseira é visível, novamente, o alçado em dois planos. No primeiro reflete-se a existência de duas janelas, sendo uma delas de menores dimensões, o que nos indica o provável lugar da casa-de-banho. No segundo plano, mais saliente, é visível uma janela.</b></p> <p><b>Os Inquéritos permitiram confirmar com a moradora que a habitação é um T3, com casa-de-banho, cozinha, sala de estar/jantar.</b></p>
--	---

		Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada. Demonstra sinais de intervenção arquitetónica e de manutenção na estrutura e nos espaços ajardinados.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	43	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E12	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 323,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G43).</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Demonstra sinais de intervenção arquitetónica e de manutenção na estrutura e nos espaços ajardinados.</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de treze habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente</p>

	<p>geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E12 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas repartido na fachada posterior.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa.</p> <p>Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão e <b>um outro portão, de maiores dimensões, que acede a uma pequena rampa destinada ao estacionamento de um veículo.</b> Em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)". <b>Porém, neste espaço traseiro existe um volume adossado, a todo o comprimento do</b></p>
--	---

	<p><b>pátio, coberto por chapa metálica e que define um espaço de lazer aos moradores.</b></p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada por dois planos. O primeiro rasgado por duas janelas com persianas e, o segundo, em estilo de alpendre simplificado e mais profundo com a presença da porta de acesso e de uma outra janela com persiana.</p> <p><b>Ao contrário das restantes habitações da tipologia E, esta habitação é realçada pela presença da chaminé de grandes dimensões na parte frontal da habitação, mas também pelo orifício de metal, nas traseiras, que permite a saída do fumo. Sendo a exceção à regra em toda a tipologia, levanta-se a possibilidade de ser fruto de uma requalificação mais recente por parte dos moradores.</b></p> <p>Na fachada traseira é visível, novamente, o alçado em dois planos. No primeiro reflete-se a existência de duas janelas, sendo uma delas de menores dimensões, o que nos indica o provável lugar da casa-de-banho. No segundo plano, mais saliente, é visível uma janela.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada. Demonstra sinais de intervenção arquitetónica e de manutenção na estrutura e nos espaços ajardinados.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	
<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	

<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>	Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora	
<b>Lote</b>	44	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E13	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	pisos térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 462,00 m <sup>2</sup> / 104,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G44).	
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo	

	para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada
<b>Estado de conservação</b>	Demonstra sinais de falta de manutenção visíveis pela falta de acessos à habitação, a vegetação selvagem de grandes dimensões e os sinais de abandono da estrutura.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de treze habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E13 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento</p>

	<p>modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas repartido na fachada posterior.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa.</p> <p>Diferenciando-se das restantes da tipologia E, na fachada frontal, apresenta jardim, mas não se encontra vedado por um muro de pedra com portão. Na fachada traseira existe um espaço de pátio ao ar livre que não apresenta nem muro nem vedação que confira privacidade aos moradores que, tal como acontece em Picote, não permite uma "barreira de privacidade entre o bairro e a vida doméstica da família (Martins, 2018: 115)".</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada por dois planos. O primeiro rasgado por duas janelas com persianas e, o segundo, em estilo de alpendre simplificado e mais profundo com a presença da porta de acesso e de uma outra janela com persiana.</p> <p>Não é possível observar a totalidade da fachada posterior por se encontrar coberta por vegetação selvagem.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada. Demonstra sinais de falta de manutenção visíveis pela falta de acessos à habitação, a vegetação selvagem de grandes dimensões e os sinais de abandono da estrutura.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		Martins, Andreia Jorge (2018). A habitação temporária no barrocal do Douro – Picote, 1953-1957. Dissertação de Mestrado em Arquitetura pela Escola de Artes da Universidade de Évora
<b>Lote</b>	45	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E14	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		

<b>Composição</b>	pisos térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 484,00 m <sup>2</sup> / 124,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G45).
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente mantém o morador que trata da manutenção regularmente, não morando nesta habitação
<b>Estado de conservação</b>	Demonstra sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados, bem como reabilitação da estrutura.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham</p>

	<p>como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E14 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que apresenta um pequeno muro de separação entre esta área e a da habitação lateral, o que lhe confere privacidade.</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p><b>Nesta habitação não é detetável nem a chaminé nem o orifício de metal que habitualmente nos indica o local da cozinha/sala de estar e jantar.</b></p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma</b></p>
--	--

		<p>janela com persiana e de um vão contínuo no qual se insere a porta e uma outra janela com persiana.</p> <p>Comparativamente a outras habitações, a E14 denota alguns sinais de permanência da utilização no tempo. A habitação é rodeada por pequenos volumes construídos à base de chapa metálica, tanto no jardim frontal como no traseiro, que teriam como função a assimilação de uma garagem, espaços para auxílio agrícola ou ainda espaços de anexo. A partir de relatos de outros moradores, o destinatário da habitação mantém a moradia com cuidados de manutenção, mas habita noutra local.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, a demonstrar sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados, bem como reabilitação da estrutura.</p>
	<b>Outras observações</b>	
	<b>Documentos iconográficos</b>	
	<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
	<b>Bibliografia</b>	
<b>Lote</b>	46	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	E15	
<b>Nº de Porta</b>	28	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 267,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G46)</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo</p>	

	para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros; ferro para o gradeamento
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Espaços ajardinados bem cuidados, alteração de grades e portões, sinais de intervenção exterior na arquitetura.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E15 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento</p>

	<p>modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que apresenta um pequeno muro de separação entre esta área e a da habitação lateral, o que lhe confere privacidade.</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma janela com persiana. Ao contrário das restantes habitações, nas quais esta janela é geralmente acompanhada por uma porta rasgada diretamente no alçado, a permanência de moradores no espaço conduziu a alterações na estrutura e, nesse sentido, em vez da tradicional porta, foi construído um corpo anexado à estrutura da casa, a partir da qual se permite o acesso ao pátio.</b></p> <p>Na fachada traseira é visível o orifício de metal que permite a saída do fumo e, conseqüentemente, indicando-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p>
--	---

		<p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, espaços ajardinados bem cuidados, alteração de grades e portões, sinais de intervenção exterior na arquitetura.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	47	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E16	
<b>N.º de Porta</b>	?	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p> piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p> Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 253,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G47).</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p> Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros; ferro para o gradeamento</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p> Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>
<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p> Demonstra sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e espaços ajardinados bem cuidados.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p> A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas</p>

as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação E16 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que apresenta um pequeno muro de separação entre esta área e a da habitação lateral, o que lhe confere privacidade.

	<p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p><b>Nesta habitação da tipologia E, na fachada frontal, voltamos a encontrar a chaminé de grandes dimensões que se realça na volumetria da arquitetura. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar.</b></p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma porta ladeada por duas janelas com dimensões diferenciadas.</b></p> <p><b>Nesta habitação verifica-se uma solução singular na arquitetura refletida na utilização de três claraboias no telhado.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, a demonstrar sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e espaços ajardinados bem cuidados.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	

<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento n.º.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	48	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E17	
<b>N.º de Porta</b>	48	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento n.º. 20/05 da CMG: Área total de 226,00 m <sup>2</sup> / 124,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G48)	
<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho;	

	alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros; ferro para o gradeamento
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Os espaços ajardinados bem cuidados, sinais de intervenção arquitetónica visível na substituição de elementos (ex. portão e gradeamento), bem como a pintura exterior da habitação em tons de azul.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E17 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das</p>

	<p>soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que apresenta um pequeno muro de separação entre esta área e a da habitação lateral, o que lhe confere privacidade.</p> <p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Nesta habitação da tipologia E, na fachada frontal, voltamos a encontrar a chaminé de grandes dimensões que se realça na volumetria da arquitetura. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma porta ladeada por duas janelas com dimensões diferenciadas. <b>Para além disso, este plano é prolongado por uma estrutura de chapa que funciona como um pequeno alpendre.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-</p>
--	---

		<p>banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, com os espaços ajardinados bem cuidados, sinais de intervenção arquitetónica visível na substituição de elementos (ex. portão e gradeamento), bem como a pintura exterior da habitação em tons de azul.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	49	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E18	
<b>Nº de Porta</b>	60	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	 <p>The first row of the table contains three photographs. The top-left photo shows the front facade of a single-story house with a dark tiled roof, a central entrance with a small porch, and a metal gate leading to a driveway. The top-right photo shows a side view of the house, highlighting a concrete retaining wall and a garden area with various plants. The bottom-center photo shows a concrete garage structure with a dark car parked inside, situated on a dirt and gravel driveway.</p>
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 318,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G49)</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros; ferro para o gradeamento</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>

<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Demonstra profundos sinais de intervenção e reabilitação total da arquitetura, construção de novas estruturas, jardins bem cuidados, pintura exterior total em tons de bege, colocação de molduras de granito à volta dos vãos de iluminação e de entrada.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E18 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas</p>

traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma pequena escadaria e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre que apresenta um pequeno muro de separação entre esta área e a da habitação lateral, o que lhe confere privacidade.

A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.

Nesta habitação da tipologia E, na fachada frontal, voltamos a encontrar a chaminé de grandes dimensões que se realça na volumetria da arquitetura. A presença da chaminé indica-nos a provável divisão da cozinha/sala de estar e jantar.

Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. O segundo plano, mais saliente, é marcado pela existência de uma porta ladeada por duas janelas com dimensões diferenciadas. **Ainda nesta fachada é visível um volume que funciona como anexos, construído em cimento e coberto por telha cerâmica e que nos fornece uma segunda chaminé na habitação, o que pode indicar a utilização do espaço como arrumos, mas também como espaço de churrasqueira.**

**No perímetro exterior da habitação foi construído, em cimento e coberto com telha cerâmica, um corpo anexado ao muro de vedação da habitação e que funciona como uma garagem.**

Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-

		<p>banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, a demonstrar profundos sinais de intervenção e reabilitação total da arquitetura, construção de novas estruturas, jardins bem cuidados, pintura exterior total em tons de bege, colocação de molduras de granito à volta dos vãos de iluminação e de entrada.</p>
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	50	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E19	
<b>Nº de Porta</b>	?	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 870,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G50).</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitada</p>
<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Demonstra sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados, bem como reabilitação da estrutura.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue</p>

o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação E19 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma escadaria de grandes dimensões e, em contrapartida, na fachada traseira um espaço de pátio ao ar livre.

	<p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Nesta habitação é visível o orifício de metal que permite a saída do fumo e indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão.</p> <p>Na fachada traseira é visível um alçado repartido em dois planos. O primeiro com uma janela com persiana e um pequeno vão de iluminação que nos indica o possível local da casa-de-banho. <b>O segundo plano, profundo, é marcado pela existência de uma janela com persiana e de uma porta.</b></p> <p><b>Refere-se a existência e permanência no tempo de estruturas criadas pelos habitantes, como um alpendre, em chapa, anexado lateralmente à estrutura da habitação e múltiplos objetos do quotidiano deixados nos espaços ao ar livre da habitação.</b></p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada, a demonstrar sinais da necessidade da manutenção da arquitetura e dos espaços ajardinados, bem como reabilitação da estrutura.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	

<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	51	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E20	
<b>Nº de Porta</b>	24	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha	
<b>Dimensões</b>	Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 509,00 m <sup>2</sup> / 124,00 m <sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m <sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m <sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G51).	

<b>Materiais</b>	Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função
<b>Estado de conservação</b>	Não foi possível retirar dados que permitam esta análise.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E20 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das</p>

	<p>soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas que se reparte na fachada traseira.</p> <p>A habitação é cerrada, na fachada frontal, por vegetação e espécies arbóreas de grandes dimensões, o que não permite visualizar o seu alçado. O mesmo cenário repete-se na fachada traseira. O que podemos observar é a existência de um muro que delimita o espaço da moradia, fechado por um portão, e a existência de uma escadaria de grandes dimensões que permite o acesso à habitação. Não sendo possível retirar outras análises, nesta habitação não se fará a descrição analítica realizada nas restantes tipologias.</p>	
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	52	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E21	
<b>Nº de Porta</b>	?	

	
<b>Levantamento Fotográfico</b>	
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 420,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G52).</p>
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>
<b>Estado de conservação</b>	<p>Demonstra espaços ajardinados bem cuidados e com sinais de reabilitação. A habitação demonstra sinais de manutenção.</p>
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue</p>

o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.

Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.

A habitação E21 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.

A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma escadaria de grandes dimensões. **Diferenciando-se de outras habitações, esta escadaria é acompanhada por um muro cuja construção evidencia-se a utilização do emparelhamento de pedra conjugado com uma parte superior rebocada e caiada.**

	<p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p>Nesta habitação são visíveis o orifício de metal e a chaminé que permite a saída do fumo e que habitualmente indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão. <b>A existência da lareira foi um acrescento posterior, na medida que no projeto original das habitações apenas a tipologia A teria a lareira na sala.</b></p> <p>A fachada traseira não foi possível observar.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, demonstra espaços ajardinados bem cuidados e com sinais de reabilitação. A habitação demonstra sinais de manutenção.</p>	
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.	
<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	53	<b>Localização no Território</b>

<b>Tipologia</b>	E22	
<b>Nº de Porta</b>	42	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, dois quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 320,00 m<sup>2</sup> / 104,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G53).</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função</p>	
<b>Estado de conservação</b>	<p>Demonstra espaços ajardinados bem cuidados e com sinais de reabilitação. A habitação demonstra sinais de manutenção e intervenção visíveis pela mudança de telha, bem como a pintura exterior em tons de amarelo.</p>	

<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E22 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma escadaria de grandes dimensões.</p>
-----------------------------------	---

	<p>A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela.</p> <p><b>O jardim frontal apresenta-se como um espaço dedicado ao cultivo agrícola.</b></p> <p>Nesta habitação são visíveis o orifício de metal e a chaminé que permite a saída do fumo e que habitualmente indica-nos a divisão da cozinha, sendo o local de saída do fumo do fogão. <b>A existência da lareira foi um acrescento posterior, na medida que no projeto original das habitações apenas a tipologia A teria a lareira na sala.</b></p> <p>A fachada traseira não foi possível observar.</p> <p>Os dados retirados da observação exterior permitem levantar a possibilidade de que a arquitetura seria um T2, com uma casa-de-banho, cozinha e sala de estar/jantar. A impossibilidade da observação do interior não permite confirmar esta hipótese.</p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, demonstra espaços ajardinados bem cuidados e com sinais de reabilitação. A habitação demonstra sinais de manutenção e intervenção visíveis pela mudança de telha, bem como a pintura exterior em tons de amarelo.</p>
<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	<p>Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.</p>

<b>Bibliografia</b>		
<b>Lote</b>	54	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	E23	
<b>Nº de Porta</b>	?	
<b>Levantamento Fotográfico</b>		
<b>Composição</b>	<p>piso térreo, três quartos, casa-de-banho, sala de jantar/estar e cozinha</p>	
<b>Dimensões</b>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento nº. 20/05 da CMG: Área total de 289,00 m<sup>2</sup> / 124,00 m<sup>2</sup> de área de implantação, 173,00 m<sup>2</sup> de área de construção para habitação e é ainda autorizado 16,50 m<sup>2</sup> para a implantação exterior ao lote de uma garagem (G54).</p>	
<b>Materiais</b>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas; bloco de pedra para os muros</p>	
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Mantém a mesma função.</p>	

<p><b>Estado de conservação</b></p>	<p>Demonstra espaços ajardinados a necessitar de manutenção com vegetação de grandes dimensões. A habitação demonstra necessidade de intervenção arquitetónica e de resolução contra as infiltrações de humidade.</p>
<p><b>Descrição Analítica</b></p>	<p>A Habitação enquadra-se num conjunto de vinte e três habitações que consideramos da tipologia E. Esta tipologia habitacional segue o pensamento da estrutura modular que se repete ao longo de todas as habitações, podendo apresentar ligeiras diferenças na linguagem arquitetónica. A necessidade de adaptar a implantação das moradias ao terreno fez com as treze habitações fossem divididas em três grupos. Neste sentido, a E1 à E3 encontram-se geminadas; noutra nível do socalco encontramos a E4 à E10 geminadas; e, por fim, no último nível, encontramos a E11 à E13, igualmente geminadas. Paralelamente, numa cota superior a E14 à E24 encontram-se, também, geminadas.</p> <p>Ao observar a relação das habitações, entre si, em Crestuma-Lever encontramos alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 com Picote, Miranda do Douro e Bemposta. Todas as habitações tinham como prioridade as condições de habitabilidade, de acesso, de insolação e o mesmo nível de privilégio para as vistas da paisagem.</p> <p>A habitação E23 é uma unidade habitacional do tipo moradia unifamiliar, implantada sobre um socalco, o que permite um maior aproveitamento do espaço da encosta para a construção habitacional, evidenciando-se uma profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista. É uma moradia de carácter térreo, definida pela volumetria simples de um retângulo e do telhado de duas águas.</p> <p>A moradia é caracterizada por dois vãos de ligação entre o interior e o exterior, sendo o principal na fachada frontal e, o segundo, nas traseiras da casa. Diferenciando-se das tipologias anteriores, a</p>

tipologia E apresenta na fachada frontal um jardim vedado por um muro de pedra com portão, permitindo-se o acesso à habitação por uma escadaria de grandes dimensões.

A fachada principal (frontal) é marcada pela definição de dois planos. O primeiro é reforçado pelas duas janelas com persianas e, o segundo, um plano profundo do estilo alpendre simplificado que incorpora o acesso à casa e a terceira janela. **As janelas apresentavam uma ligeira diferenciação, na medida, em que são gradeadas.**

**Nesta habitação foi possível observar o seu interior. É composta por um grande corredor em “L” que liga a sala de estar/jantar à zona da casa-de-banho e aos três quartos. A sala, antigamente, era dividida em duas pequenas salas (jantar e de estar) que o atual morador removeu a separação para criar uma sala de grandes dimensões. Seguindo pela sala, existe o espaço da cozinha que, tal como vimos anteriormente, surge revestida a meia-parede por azulejos vegetalista. Junto à cozinha existe uma divisão de menores dimensões que, atualmente, funciona como dispensa, mas anteriormente seria uma casa-de-banho de serviço com sanita e lavatórios. Nesta divisão encontra-se o acesso ao sótão que, segundo o morador, existe em todas as habitações. A casa-de-banho completa repete o uso de azulejo e é composta por banheira, lavatório e sanita. O morador afirma, ainda, que antes o chão da casa era todo revestido a alcatifa, tendo já feito algumas substituições por tijoleira.**

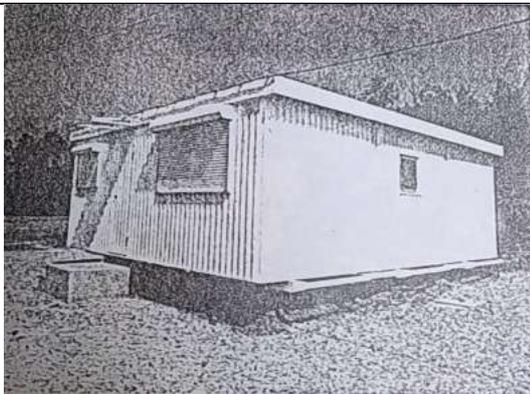
**A fachada traseira repete a presença do pequeno pátio traseiro e do alpendre entre a cozinha e a sala.** Não se observou também nem a chaminé nem o orifício de metal que geralmente nos indica o local da cozinha/ sala de estar/jantar.

		Relativamente ao estado de conservação, encontra-se habitada, demonstra espaços ajardinados a necessitar de manutenção com vegetação de grandes dimensões. A habitação demonstra necessidade de intervenção arquitetónica e de resolução contra as infiltrações de humidade.
<b>Outras observações</b>		
<b>Documentos iconográficos</b>		
<b>Documentos textuais</b>		Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>		
<b>Tipologia F</b>		
<b>Lote</b>	33/34	<b>Localização no Território</b>
<b>Tipologia</b>	F1	
<b>Nº de Porta</b>	60, 61, 62	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	
<p><b>Composição</b></p>	<p>Dois andares</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Segundo o Alvará de Loteamento n°. 20/05 da CMG: Área total de 404,00 m2 / 166,00 m2 de área de implantação, 332,00 m2 de área de construção para habitação e é ainda autorizado 66,00 m2 para a construção de garagens (G33 e G34)</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Cimento e ferro para a estrutura; telha cerâmica para a cobertura; alcatifa para os interiores; madeira para as caixilharias; azulejo</p>

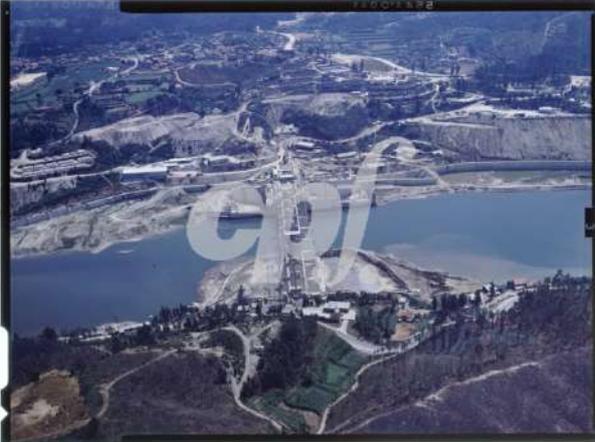
	para o revestimento da parede da cozinha e casa-de-banho; alumínio para as portas e janelas;
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desabitado
<b>Estado de conservação</b>	Sinais de degradação visíveis pela falta de manutenção do espaço envolvente, entradas abertas, sinais de abandono.
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Tipologia F1 é o único exemplar de uma arquitetura multifamiliar destinada a três famílias. O destino da sua construção obrigou a uma estrutura de maiores dimensões, justificando a utilização de dois lotes.</p> <p>A necessidade de adaptar a implantação ao terreno é aqui visível na medida em que duas das habitações (nº60 e 61) se encontram à face da estrada, enquanto o nº 62 encontra-se num andar inferior, parcialmente escondido pelo desnivelamento da terra. Porém, como se reflete em todo o resto do Bairro, encontra-se nestas soluções alguns dos pontos do planeamento Modernista nos Bairros que já vinham a ser praticados desde a década de 50 como a profunda assimilação das soluções de racionalidade do espaço oriundas do pensamento modernista.</p> <p>Assemelhando-se às outras tipologias de Crestuma-Lever continuamos aqui a encontrar uma linguagem definida pela volumetria simples das formas geométricas.</p> <p>Ao contrário das restantes habitações do Bairro, estas três habitações caracterizam-se pela existência de um único vão de ligação entre o interior e exterior. Outra questão na qual se diferenciam é o facto de não terem acesso a espaço ajardinado ou pátio ao ar livre próprio.</p> <p>Na fachada principal (frontal) encontramos o nº60 e o nº61. A linguagem arquitetónica repete-se para as duas habitações. É</p>

	<p>visível um plano profundo no qual se insere as duas portas de acesso. A partir deste plano, desenvolve-se um plano contínuo no qual, em cada lado, se rasga duas janelas.</p> <p>A fachada posterior, é destinada ao acesso à porta nº62, rasgada ainda por uma janela. Nesta fachada é visível, no andar superior, um vão de pequenas dimensões que nos indica o provável local da casa-de-banho da habitação 61. Da fachada lateral oposta, o vão de iluminação repete-se, indicando o mesmo objetivo para a porta 60.</p> <p>Refere-se ainda que são visíveis três orifícios de metal que permitiam a saída do fumo do interior de cada uma das habitações.</p> <p><b>Foi possível visitar o interior da habitação nº60. A habitação é um T2, havendo a possibilidade de que as duas restantes também o seriam. Apresenta uma casa-de-banho composta por banheira, sanita e lavatório. A parede da casa-de-banho é, a meia altura, revista por azulejo geométrico que, se repete, no revestimento da banheira. A cozinha é de pequenas dimensões e atualmente mantém-se apenas os móveis em madeira. Tal como na casa-de-banho, a parede é revestida a meia altura por azulejo branco. Existe, ainda, uma porta de acesso ao alpendre. Existe uma terceira divisão que seria, provavelmente, a sala de estar. Destaca-se ainda que toda a casa é revestida com caixilharias em madeira e, no chão da casa-de-banho e cozinha, existe uma alcatifa que imita a madeira.</b></p> <p>Relativamente ao estado de conservação, encontra-se desabitada. Demonstra sinais de falta de manutenção visíveis pela falta de acessos à habitação, a vegetação selvagem de grandes dimensões e os sinais de abandono da estrutura.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	<p>No plano de Loteamento é referido como uma arquitetura bifamiliar. Porém, no espaço são identificadas 3 entradas diferenciadas</p>

<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	Alvará de Loteamento nº.20/05 (2005). Direcção Municipal de Ordenamento e Território, Urbanismo, Paisagem Urbana e Ambiente da Câmara Municipal de V. N. Gaia.
<b>Bibliografia</b>	
<b>Tipologia G</b>	
<b>Lote</b>	?
<b>Tipologia</b>	G1
<b>Nº de Porta</b>	?
	<p><b>Localização no Território</b></p> 
<b>Levantamento Fotográfico</b>	 <p>Créditos: EDP, 1982</p>

	 <p>Estúdio Tavares da Fonseca, 1984. Créditos: Centro Português de Fotografia [08/03/2022]</p>
<b>Composição</b>	Não há informações quanto a este parâmetro
<b>Dimensões</b>	Dimensões desconhecidas
<b>Materiais</b>	Vidro, pedra, chapa de alumínio
<b>Tipo de ocupação inicial e atual</b>	Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desmontado
<b>Estado de conservação</b>	Desmontado
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Tipologia G1 é o primeiro exemplar de uma habitação temporária construída para os trabalhadores da Construtora Sorefame. O Relatório de Trabalhos do trimestre de Abril a Junho de 1982 incorpora no capítulo V designado de “Instalações” esta habitação, definindo-a como uma “Habitação individual da Sorefame” (EDP, 1982, P.68).</p> <p>O registo iconográfico permite-nos compreender que estas habitações eram pré-fabricados de formato quadrangular construídos a partir de chapa de alumínio. São visíveis três vãos de iluminação com persiana, sendo um de menores dimensões. Tendo em consideração a atribuição de habitação individual, podemos supor a possibilidade da existência de uma casa-de-banho privativa.</p> <p>Foi possível identificar um mínimo de 6 lotes.</p>

<b>Outras observações</b>	
<b>Documentos iconográficos</b>	
<b>Documentos textuais</b>	
<b>Bibliografia</b>	EDP. Sistema Electroprodutor. Aproveitamentos Hidroelétricos. Crestuma-Lever. Crestuma. Relatório dos trabalhos executados no Escalão de Crestuma-Lever, no trimestre Abril a Junho de 1982; Texto; Mapas-Gráficos; Desenhos; Fotografias. Agosto de 1982. P. 68
<b>Lote</b>	?
<b>Tipologia</b>	G2
<b>Nº de Porta</b>	?
<b>Localização no Território</b>	
 	

<p><b>Levantamento Fotográfico</b></p>	   <p>Estúdio Tavares da Fonseca, 1984. Créditos: Centro Português de Fotografia [08/03/2022]</p>
<p><b>Composição</b></p>	<p>8 casas-de-banho, quartos individuais ou quartos coletivos com beliche, hall de entrada com sofás</p>
<p><b>Dimensões</b></p>	<p>Dimensões desconhecidas</p>
<p><b>Materiais</b></p>	<p>Vidro, pedra, chapa de alumínio</p>
<p><b>Tipo de ocupação inicial e atual</b></p>	<p>Inicialmente destinado a habitação do tipo unifamiliar. Atualmente desmontado</p>

<b>Estado de conservação</b>	Desmontados
<b>Descrição Analítica</b>	<p>A Tipologia G2 é o segundo exemplar de uma habitação temporária construída para os trabalhadores do Bairro. Na tipologia G1 há a referência aos destinatários serem os trabalhadores da Construtora Sorefame. Porém, para estes lotes não existe essa referência.</p> <p>O registo iconográfico permite-nos compreender que estas habitações eram pré-fabricados de <b>formato retangular</b> construídos a partir de chapa de alumínio.</p> <p><b>Estes lotes são grandes blocos longitudinais, organizados paralelamente em cotas como forma de aproveitar o espaço do terreno, tal como aconteceu em La Lancha na Barragem de Jándula. Estes blocos criavam pequenos núcleos fora dos espaços centrais do Bairro, sendo o seu acesso pelas vias secundárias e de terra (Carbajal-Ballell, 2016 :225).</b></p> <p><b>O exterior é definido por um módulo composto por vãos de iluminação e ventilação que se repetem ao longo de toda a fachada. Tendo em consideração que estes blocos pré-fabricados eram desmontados no final das obras e viajavam para outras localizações, podemos refletir sobre outras possíveis características dos existentes em Crestuma/Lever com base nos que temos conhecimento de Picote, os designados “Casões dos Trabalhadores” (figura 13 e 14). Para além das características já referidas, os Casões eram divididos ao centro por um vão de entrada que cria o efeito de simetria e de articulação entre as duas alas de quartos. Também refletindo sobre a lógica funcional de ocupação, estes blocos funcionavam como Dormitórios para os Barragistas, sendo o seu interior definido por pequenas áreas individuais, nos quais se inseriam os beliches.</b></p>

	<p>Uma notícia do periódico “Comércio de Gaia” datada de 12 de janeiro de 1982 permite corroborar a comparação da questão da ocupação interior entre Picote e Crestuma/Lever, referindo que um incêndio destruiu um dos Dormitórios, no qual “encontravam-se 90 camas e alguns haveres ligeiros do pessoal que ali ficava nos dias da semana” (Comércio de Gaia, 1982: 2). Porém, refere-se que estes blocos não teriam todos a mesma dimensão, o que pode ser comprovado pelo facto de nos Inquéritos, um dos atuais moradores dos Bairros ter referido o seu período de permanência nos Dormitórios, afirmando que estes eram compostos por duas alas, divididas ao centro por um hall com sofás, e em cada ala havia quartos individuais. Afirma ainda que existiriam 8 casas-de-banho em cada bloco.</p> <p>Ao mesmo tempo, estes dormitórios, geralmente, eram acompanhados por estruturas de apoio do tipo temporário como um balneário exterior e um refeitório.</p> <p>Os Dormitórios são, também, um claro exemplo da hierarquização social vivida entre as diferentes classes dos trabalhadores dos Bairros. Em todos os casos dos Bairros do Douro, bem como em La Lancha é referida a existência desta quase segregação entre os trabalhadores de classe mais alta (engenheiros, empreiteiros, etc) e os trabalhadores de classe mais baixa, sendo que aos primeiros são destinadas as habitações e, aos segundos, os dormitórios.</p> <p>A observação de uma fotografia aérea dos Estúdios Tavares da Fonseca permite averiguar que existiram, no mínimo, 18 blocos do tipo Dormitório.</p>
<p><b>Outras observações</b></p>	

<p><b>Documentos iconográficos</b></p>	 <p>Figura 13. Picote. Casões dos Trabalhadores. Fotograma extraído do minuto 00:22:41. COUTO, Ricardo Clara; (realiz.). <b>O Lodo, as Estrelas e os Sábios</b>. 2020. Clara Amarela Films. Disponível &lt;<a href="https://www.rtp.pt/play/p7057/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios">https://www.rtp.pt/play/p7057/o-lodo-as-estrelas-e-os-sabios</a>&gt; . Acesso em 11.03.2021</p>  <p>Figura 14. Arquivo EDP, 1956. Disponível em Andreia Martins, 2018. P. 111</p>
<p><b>Documentos textuais</b></p>	<p>Comércio de Gaia (1982). Incêndio destruiu o dormitório da barragem Crestuma-Lever. P.2</p>
<p><b>Bibliografia</b></p>	<p>EDP. Sistema Electroprodutor. Aproveitamentos Hidroelétricos. Crestuma-Lever. Crestuma. Relatório dos trabalhos executados no Escalão de Crestuma-Lever, no trimestre Abril a Junho de 1982; Texto; Mapas-Gráficos; Desenhos; Fotografias. Agosto de 1982. P. 68</p> <p>Carbajal-Ballell, Nicolás J. (2016). El Salto del Jándula. Génesis de un paisaje. Tese de Doutoramento em Projetos Arquitetónicos</p>

	da Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade de Sevilla.

## **2. Inquérito à Comunidade do Bairro da Barragem de Crestuma-Lever**

### Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade

1. Gosta de morar no Bairro?
2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?
3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?
4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?
5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?
6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?
7. Como era viver no Bairro anteriormente?
8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?
  - a. Muito bom
  - b. Bom
  - c. Razoável
  - d. Mau
  - e. Péssimo
9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?
10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?
11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?
12. Como eram as celebrações?
13. Relembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?
14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?
15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?
16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?

### Parte II – Conservação do Bairro

1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?
2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?

3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?

4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?

5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?

6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?

### Parte III – O Futuro do Bairro

1. O que gostava que fosse diferente no Bairro?

2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida? O quê?

3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?

a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?

4. Quais são as suas expectativas em relação ao futuro do Bairro?

### 3. Transcrições do Inquérito à Comunidade do Bairro da Barragem de Crestuma-Lever

Lote 8 / n 25 – José Manuel Leite, Maria da Glória Leite

#### **Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

##### **1. Gosta de morar no Bairro?**

JML - “Se não gostasse, já não estaria aqui. Já teria ido embora. Já estou aqui há 36 anos. Não sou de cá, por isso...”

##### **2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

JML - “Vim morar para aqui porque a EDP, na altura, eu estava na Barragem de Picote e colocou-me aqui. A barragem ia entrar em serviço... as máquinas, o fornecimento de energia elétrica e a EDP achou que para o arranque que eu era necessário aqui e colocou-me aqui nesta Barragem. Estive um ano sem morar [na casa atual] porque estive um ano ali nas nossas instalações que tínhamos que era a Estalagem e os Dormitórios [indica o local dos mesmos] (...) e, ao fim do ano, cederam-me esta casa (...)”

##### **3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

JML - “Ora bem, eu falo por mim e na casa que estou e basta olhar aí em redor, portanto. Evidentemente que a casa já está toda ela renovada por mim, já não é nada do que era.”

##### **4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

JML - “Neste momento, somos os dois (...). Neste correr existem 7 habitações em que é alternada, uma de três, uma de dois, estão alternadas. Eu vivo do lado com uma de dois e, do outro lado, com uma de dois [referente ao número de quartos].”

##### **5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

JML - “Neste momento, dono posso dizer que é a EDP ainda. Isso depende do protocolo que foi feito entre a Câmara, Gaiurb, Águas de Gaia, EDP e foi a IPSS. Isso está a

depende e no acordo que foi estabelecido em escritura, está escriturado em ata pública que as casas onde moram os funcionários da EDP ou ex-funcionários, reformados da EDP continuam a ter o seu vínculo à EDP, dizem eles que ficou acordado que essas casas são a EDP que trata da situação deles”.

#### **6. Como é viver no Bairro? Quais os aspectos positivos e negativos?**

JML - “Começo já pelos negativos, os negativos são as infraestruturas, desde os arruamentos, a saneamento que não existe, há um sistema antigo que não sei para onde é que vai. Essencialmente é isso. Os positivos é a zona pacata, a zona sossegada, boa vista, mas eu falo por mim claro. Há outros que se calhar não vão dizer a mesma coisa”.

#### **7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

MGL - “Era, muito fixe”

JML - “Evidentemente que estas casas estavam todas ocupadas, portanto, tinha vizinhos, hoje não. Nesta rua toda só está habitada uma, que sou eu (...)

MGL – “(...) Estamos sozinhos (...) Quando os meus filhos eram pequeninos eu pegava neles e ia ali para o monte e íamos fazer um lanchezinho (...)”

JML – “(...) Havia mais liberdade e havia mais, como hei-de dizer, não é mais segurança. Hoje é muito complicado.

MGL – “Não se pode sair de casa que já está ali um carro e a gente tem que fugir para casa. Vêm para aqui.”

JML – “Mas espero que seja por pouco tempo. O Presidente da Câmara ainda agora, na quarta-feira, teve a reunião da Presidência Aberta e ele disse que isto está resolvido, que isto agora vai arrancar. Se é verdade ou não, não sei.”

#### **8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

JML - “Para mim é bom porque eu gosto de paz e sossego, ninguém me chateia, está a ver?”

MGL – “Eu vou trabalhar e venho e não vejo ninguém. Eu nem ao sábado e ao domingo. Vou despejar o lixo ali acima e não se vê uma alma”

JML – “Não tenho vizinhos a importunar-me”

### **9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

Sim.

MGL – “Brincávamos, quando era o Dia das Bruxas, toda a gente andava por aí pelo Bairro”

JML – “Tínhamos aqui as instalações de apoio à Barragem, tínhamos o Clube [indica o local do Clube]”

#### **9.1 Havia também uma zona de Refeitório?**

JML – “Sim, o que nós chamávamos de Estalagem [indica o local] (...) era feita de madeira. A base ainda está lá, a base da estrutura está toda lá”

MGL – “Quando viemos para cá, estava aqui um Supermercado também”

JML – “Evidentemente que a obra acabou e as pessoas foram-se embora, eles não eram de cá. Eu por acaso, vim para cá para o início do arranque das obras e fiquei até à reforma. Estive aqui 36 anos”.

### **10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

Maior

### **11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

JML - “Aqui não. Noutros bairros. Isso não me fale. Eu fui criado em Picote e ela também. E ali sim, era o São João, Santo António, São Pedro, era tudo, era a Pinhata, ali tudo. Aqui não, nunca vi nada assim. Mesmo hoje, as pessoas que moram aqui, fecham-se em casa e ninguém as vê. Não se dão ao convívio”

MGL – “Mesmo que venha cá o Presidente da Câmara ou assim, eles fecham-se em vez de falar e comunicar. Querem saber as coisas pelos outros, mas fecham-se em copas. Não gostam de se mostrar muito”.

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

JML - “Eu lembro-me porque eu ainda apanhei essa fase aí... a Guerra das Placas. Mas digo muito sinceramente, eu nunca cheguei à conclusão o que é que as pessoas lucravam com isso. Porque quem conhece, como nós conhecemos, portanto nós trabalhamos estes anos todos na Barragem porque eu nasci nas Barragens. Em toda a zona que a EDP tem estado, as localidades beneficiam de certos apoios e esta Guerra de Lever/Crestuma, a Barragem foi feita e não lucraram com nada (...) ainda não consegui perceber o porquê da Guerra. Quer queiramos quer não, isto basta conhecer o início da construção da Barragem. A barragem realmente era para ser em Crestuma, não era para ser aqui. (...) Como fizeram as fundações, o que é que acontece? Viram que ali que não dava e, então, tiveram que a puxar para cima para aqui. Ora, porquê que ela tem o nome de Crestuma? Ao fazer um empreendimento destes, os processos em si, o dinheiro internacional porque isto tem, ao nascer o processo do projeto, nasceu como Crestuma. E depois não podes chegar ali e dizer pronto, agora o empréstimo que a gente tem, já não é Crestuma, afinal já é Lever. Já viu os anos que demora a refazer tudo outra vez? Porque o nome está lá e é para aquele nome não é para o outro. Por isso, se Lever em vez de estar preocupado com a Guerra, tivesse, mas é aproveitado economicamente a construção da Barragem, teria feito muita coisa em Lever. Por isso, aquilo que eu conheci em Lever há 36 anos é o que está agora.”

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

MGL – “Os meus filhos batizados, mais nada”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

JML – “Isto era um Bairro de apoio à obra. A obra acabou, as pessoas tiveram que ir para outros lados. A empresa era a Tâmega, construiu a Barragem.... quando acabou teve que ir para outras e levou os funcionários. Houve alguns que ficaram aqui (...)”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

MGL – “Agora não. Por causa das obras”

JML – “Ultimamente não, antes de fazer as obras sim. Porque eu perguntei, na altura, ao dono da Tâmega que era o Engenheiro Mota e eu disse que ou fazia obras ou ia-me embora. E ele disse faça faça. Portanto eu arrisquei e fiz obras e estou à espera.”

**Parte II – Conservação do Bairro**

**1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

JML – “A estrutura é igual.”

**2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

Sim

**3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

JML – “Não. Há aí pessoas que estão cá há 36 anos que não fizeram nada, que nem sequer as ervas à entrada tiram”

MGL – “O meu marido é que limpa as casas dos lados”

**4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

JML – “Estão neste momento. Mais ou menos porque eles não dizem tudo, não é? O que eles querem, neste momento, é aproveitar e fazer a construção das casas para alugar. Aquilo que eu ouço, neste momento, é alugar. Venda e aluguer. Evidentemente

que às pessoas que já vivem, é venda. Agora, todas as outras, pelo que eu ouvi é a reconstrução das habitações para aluguer.”

### **5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

JML – “O estado de conservação do Bairro é péssimo.”

MGL – “E as paredes.....”

JML – “As paredes é o melhor que tem, olhe para o que lhe digo. Não faz paredes melhores do que estas, lhe garanto eu. É a sério. Evidente que a construção é fraca, que é parede simples, só. Não tem parede dupla, não tem nada. É bloco de cimento, mas são blocos de qualidade e cimento de qualidade e ferro de qualidade porque foi da construção da Barragem, aquilo era... está a perceber? Você para deitar uma parede destas abaixo, cuidado. Agora, é ter que fazer o que eu fiz. É pôr capoto por fora, preparar isso, e resolve o problema.”

### **6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

#### **Parte III – O Futuro do Bairro**

##### **1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

JML – “Diferente? Que isto fosse construído e que voltasse a ter aqui a vida que isto tinha. Pessoas, arruamentos de qualidade.. de qualidade... arruamentos normais em vez de ser o que está. Desmatação, que isto está uma desgraça”

##### **2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

MGL – “Eu passo as férias aqui metida sem ver ninguém”

JML – “Porque também é complicado, por exemplo, eu gosto de estar aqui no sossego. Eu gosto de estar aqui no sossego, mas é complicado ausentar-me daqui. Da última vez que me ausentei, fui lá para cima para Picote precisamente, eu a chegar lá e a dizerem-

me que me assaltaram a casa. Na altura não eram estas janelas, eram iguais às que há nas outras. Passado um bocado, vim logo por aí abaixo outra vez.”

### **3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

#### **a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

JML – “Mas estes espaços, aqui vamos ter a zona dos sobreiros que é o que está prometido. Dizem que é uma zona de lazer que vão criar, é o que eles lá dizem. Eu espero que sim”

### **4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

JML – “Eu desta vez, quase que acredito, quase, não digo acredito. Porque estou aqui há 36, ainda eu não sonhava vir para aqui e já ouvia falar neste Bairro (...). mas já ouvia eu falar no Bairro e 36 anos que estou aqui, está a ver? Mas agora estou quase convencido que sim porque inicialmente até, na ilusão, de resolver a situação, fizeram-nos construir uma Cooperativa de Habitação e foi construída. Criamos uma Cooperativa, mas morreu logo.”

#### **Pergunta extra – Estas habitações eram construídas para a EDP?**

JML – “De apoio à Barragem. Foi o empreiteiro que construiu estas casas. Quando se vai fazer um empreendimento destes, uma Barragem, no caderno de encargos implica ter uma verba para construção de habitações para o pessoal e, no fim, deixar tudo limpo outra vez. Isto era, em princípio, para deitar tudo abaixo, para deixar tudo limpo. Depois, no fim, da obra têm direito a uma outra verba para demolição das habitações, está a ver? E esta é uma das únicas Barragens que teve construção em blocos e cimento porque normalmente é em madeira. Era tudo em madeira. Mas eles fizeram as contas e ficava mais barato fazer este tipo de construção do que fazer em madeira e, no fim, teriam que as demolir. Simplesmente, a EDP depois quando arrancou com a produção de energia, quando as máquinas começaram a trabalhar, teve que viram funcionários. E esses funcionários, na altura, ninguém queria vir para cá porque em todos os lados davam habitação e aqui não queriam ceder e então quase não tinham ninguém vir para cá. Para puder arrancar, fizeram com a Tâmega um protocolo em que cediam casas que estivessem vazias a esse pessoal da EDP. E esse pessoal foi vindo e davam-lhe uma

casa. Foi o meu caso. Eu ainda estive um ano aqui à espera e depois atribuíram-me esta casa e cá estou. (...) quando fazem o empréstimo da casa, ao fim ao cabo, é para casal. Uma casa é para uma família porque se não, se fossem solteiros tinha as instalações da Estalagem e dos Dormitórios. Tinha lá um quarto. Quem tivesse família, é que cediam a casa.”

**Lote 11 / n° 233**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Sim”

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Vim trabalhar para aqui quando começou a Barragem”

**2.1 Veio morar logo para o Bairro? Ou para os dormitórios?**

“Na altura não. Tive casa daquele lado [do rio]”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Por agora. Isto ainda não está legal. Tirando isso, sim. Muito sossegado.”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

Não respondeu

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

Referente aos aspetos negativos: “As ruas.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Tavamos melhor (...) Tavam as casas todas ocupadas.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

“Bom”

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Sim”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“Foi da escola, também. Andei em Crestuma”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Pela empresa também sair e ir para outros lados. Eu também fui para Lisboa e depois voltei para aqui”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Por agora não”

**Parte II – Conservação do Bairro**

**1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

**2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Sim, ainda estamos em obras. Os meus irmãos é que já fizeram mais obras”

**3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim. Têm realizado, já andaram a fazer muros daquele lado, já”

**4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Por agora, muito negativo”

**5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“É degradado”

**6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

### **Parte III – O Futuro do Bairro**

**1. O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“As ruas”

**2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

“Não”

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“Parques de lazer e de merendas”

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Não tenho a certeza, mas gostava que a Associação, porque isto pertence à Associação e à Câmara, e eles pudessem pôr tudo legal para que a gente pudesse comprar, o que já era nosso. Estas casas foram-nos dadas pelo patrão”

**Lote 12/ nº255**

## **Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

### **1. Gosta de morar no Bairro?**

“Sim, eu gostar gosto. Já estou aqui há muitos anos.”

### **2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Eu vim para cá no início da obra da Barragem. Na altura, eu era solteiro, depois casei, entretanto, e continuei aqui a trabalhar. Casei nessa altura e ficamos aqui porque a empresa, os donos da coisa, deram-nos esta casa para viver. E, depois, ficaram com a promessa de nós ficarmos com isto futuramente. E foi por aí fora.”

### **3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“O Bairro é bom. É sossegado, é calmo, não tem havido assim grandes distúrbios”

### **4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

2

### **5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

### **6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

Relativamente aos negativos – “Negativos é o que vê, é os arruamentos, o saneamento. Isto, a empresa que estava aqui sediada na altura ficou de fazer as obras, só que, entretanto, abriu falência e saíram. A EDP também se pôs de fora de arranjar isto. E atualmente isto parece que já se meteu a Câmara de Gaia para resolver a situação, resolver os arruamentos e, possivelmente, as edificações que estão aí já destruídas e obsoletas e querem remodelar isso. Agora como será isso? Não lhe sei dizer. São coisas que estão na Câmara para serem resolvidas e demora o seu tempo.”

### **7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Era uma azáfama normal. Era trabalho. Este Bairro foi feito para os trabalhadores que cá vieram construir a Barragem. Normalmente, o que acontece é que quando o concessionário, a EDP, faz uma Barragem, edifica vários imóveis quer para apoiar as obras e para manter aqui os trabalhadores que muitos são de longe, de muito longe, de

Lisboa, do Algarve, outros de Trás-os-Montes e vem tudo para aqui trabalhar. Então para não se estarem a deslocar todos os dias e aos fins-de-semana e essas coisas, então normalmente edificam várias moradias para o pessoal mais elevado da hierarquia. E seriam estas habitações que na altura foram feitas. Normalmente, o que depois acontece é que isto é vendido. Ou a EDP fica com os imóveis e aloja o pessoal que trabalha na Barragem. E futuramente isto, normalmente, é a EDP que costuma até vender aos próprios habitantes. O que está a acontecer não é isso. Não sei, houve problemas, logísticos, não sei o que é que se passa aí com a EDP. Sei que eles se estão a desfazer da parte dos imóveis, do seu Património e estão a doar a uma Instituição daqui de Lever e, outra parte à Câmara e à Gaiurb, inclusive. Agora não sei como vai ficar resolvido. Estamos à espera. Eles dizem que está para breve, mas temos que esperar. É um ano, dois, três. Nós já ouvimos isto há... eu já estou aqui há 36 anos e as coisas vêm neste impasse desde 1983 ou coisa assim que eles andam sempre de é para o ano, é depois. Isto já esteve tudo arranjado, só que não alcatroaram na altura, não fizeram porque quem ficou de fazer era à Câmara e depois não fez. E isto começou a destruir-se outra vez tudo. Ficou parado. Não sei explicar porquê. É aquelas questões que uma pessoa não entende.”

#### **8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Bom

#### **9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não existe um sentimento de grande comunidade, não. Isso não existe. As pessoas vivem praticamente... só os vizinhos, pronto, só aquelas pessoas mais chegadas conversam, falam. Mas há pessoas aqui que eu não conheço. (...) Parece que as pessoas aqui vivem, um bocado, para si. Estou aqui na minha casa, isolados, se vivessem mais em comunidade se calhar não estava assim como está, já estava tudo mais resolvido. Inclusive já tivemos aqui uma Cooperativa, uma Comissão de Moradores que foi feita para resolver essa situação. Mas, entretanto, a pessoa que estava à frente da comissão cansou-se de tanto batalhar com a EDP e com a Câmara para resolver esta situação que acabou por desistir e foi descontinuado. Mas não há possibilidade porque eles fazem o

que querem. Isto ficou em nome deles e eles agora, pronto, nem se desfazem das coisas nem põem isto ao bem da comunidade. Está assim um bocado ao abandono. Isto já chegou a ser constado nos jornais que isto era um Bairro abandonado. Saiu nos jornais que era uma coisa que a própria Câmara nem sabia que viviam aqui pessoas.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

Maior

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

Sim

**12. Como eram as celebrações?**

“Havia jantares, desde unir as pessoas no Natal. Fazia-se aqui muita coisa. O São João, fazia-se e juntava-se ali o pessoal à volta de uma casa, nessas maiores. Foi-se perdendo porque as pessoas começaram a ir embora porque a maior parte dos trabalhadores que estavam cá, foram-se embora. 80% ou 90% foi-se embora. Ficou só pessoal da EDP e pessoal como eu que trabalhava aqui na empresa que fazia, era da Tâmega. Trabalhava para a EDP, nas instalações da Barragem. Na altura, o patrão da empresa, estas casas foram divididas em duas partes. Uma parte ficou para a EDP e outra parte para a Construtora Tâmega. Uma das coisas foi que a empresa ia vender a parte que era deles, ia ser vendida aos funcionários que ficaram cá e quem tivesse interessado em comprar. Mas, entretanto, essa empresa faliu, abriu insolvência e manteve-se com as pessoas que ainda existe, mas com outros sócios e outra organização. Já não é nada daquilo que era, nem estão interessados nisto sequer, cederam isto. E agora alguém que se arranje com o problema, que neste caso terá que ser a Câmara ou a Gaiurb, alguém.”

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Eu penso que é um bocado isso. É o impasse disto. É não saber qual o futuro disto porque eu, por exemplo, eu não sei porque eu já investi muito nisto. Estou à espera de que eles se resolvam, já tivemos promessas e já tive contratos na mão para comprar a casa. Já disponibilizei o dinheiro para fazer isso e, de um momento para o outro, desligaram-se. Não percebo, não entendo o que é que se passa com isto. Uma das promessas foi a de legalizar o Bairro. Isto está legalizado a nível de urbanização, de lote. Agora, as casas, isto não está nada resolvido porque para todos os efeitos, estas casas não existem. Isto não existe uma escritura, não existe nada. Não encontra nada, só os lotes, isso sim. (...) Agora, saneamento, água, eletricidade, nada é legal. Nem conseguimos pagar. Nós queremos pagar. Já nos foi posto os contadores, mas não conseguimos porque isto ainda não está legalizado. (...). Está outra vez no impasse, outra vez em negociações. Penso que isto está muito dependente da Câmara porque isto vai ter que ter um projeto de habitação (...) e arranjar tudo, se não conseguimos sequer habitar a casa. Ao fim, ao cabo, nós estamos quase como clandestinos para todos os efeitos. Não estamos clandestinos porque fomos servidores aqui, foi-nos cedida a casa para viver. Agora, para todos os efeitos, a nível de Câmara, não se paga IMI’S, não se paga nada. Isto é clandestino para todos os efeitos, a nível legal é”

#### **16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Eu não, nem estou a pensar. Eu estou à espera que eles resolvam e quero acreditar que não andam a brincar com isto. Eu penso que é para o futuro resolverem esta situação e as pessoas que estão aqui a viver, manterem-se por aqui porque gostam de estar aqui se não já tinham saído e tinham ido para outro lado viver.”

### **Parte II – Conservação do Bairro**

#### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Era muito diferente. Havia mais harmonia, mais camaradagem, mais pessoas, as pessoas comunicavam-se muito, eram todos trabalhadores da Barragem, havia sempre uma comunicação ou nos trabalhos porque uma pessoa saía de casa e ia a pé para o trabalho que era logo ali em baixo. Havia confraternizações, havia festas, faziam-se romarias assim à noite. Faziam festas e tudo.

**2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Sim, muitas.”

**3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Não. Eu acho que uma grande parte não faz isso porque tem medo de investir e depois dizerem “olhe, isto vai ser tudo para deitar abaixo” ou “vão ter que sair” ou coisa assim. É um bocado medo disso.”

**3. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Vai tentar. Eu conheço um projeto que existe na Câmara.”

**4. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Mau. Mau ou péssimo.”

**5. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

“A Pousada que fazia parte do Clube do Pessoal tanto da Empresa como da EDP. Havia uma Estalagem, naquela parte de cima, ainda está lá a estrutura que o resto foi tudo deitado abaixo. Tirando isso, de resto foi tudo destruído. O que era Estaleiro, foi tudo embora. (...) Essas coisas, não se entende muito bem. A EDP gasta milhões em edificações e nestas coisas e depois isto fica tudo ao abandono. É uma coisa estranha que não se percebe.

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1. O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Que se resolva essa situação. Uma das coisas era resolver isto definitivamente para as pessoas se sentirem mais seguras, sentimento de pertença. A conservação que eu mantive disto, se for ver as outras casas estão todas destruídas, aquilo não tem nada por dentro. Já foram roubadas, outras foram assaltadas, outras com a própria água que se infiltra, começou-se a destruir tudo. Isto está em má conservação. As outras vão-se mantendo porque as pessoas estão aqui e enquanto estiverem aqui.”

## **2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

### **O quê?**

“Acho que neste momento faltavam os arruamentos, os saneamentos que é uma das coisas essenciais que não tem. Isto tem força direta para o rio que é uma coisa mais que ilegal, mas pronto. Mas é ilegal. As pessoas não podem estar a descarregar coisas assim para o rio, vai tudo lá para baixo, é direto. Nem sequer fossas tem. E a situação da legalidade disto, das pessoas se sentirem mais legais. Eu, próprio, não me sinto bem aqui, sabendo que estou numa coisa que nem é minha nem é de ninguém. Ninguém se responsabiliza por isto. Eu responsabilizo-me, mas quero isto legal que é para poder reivindicar alguma coisa também. Só a partir de isto ser meu, de estar em meu nome é que eu consigo reivindicar alguma coisa na Câmara. Assim não posso, estou aqui no género de clandestino. Eu falei com eles aqui há coisa de dois/três meses que eles estiveram aqui, o staff todo da Câmara e da Gaiurb e da Associação e da EDP, e eles disseram que isto era para muito breve. Estavam decididos a resolver esta situação o mais breve possível, mas isso foi na altura das eleições. Sabe como essas coisas funcionam, são só promessas e promessas.”

## **2. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não.

### **a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“Eu acho que muita gente vem aqui procurar saber se o Bairro está à venda, se as casas estão à venda e gostariam de vir para aqui. Mas eu não lhes sei dizer nada, sabe tanto como eu. Estou aqui há anos e sei tanto como vocês o que é que se vai fazer disto, como vão resolver isto. Agora, claro que gostaríamos e está projetado o do Metro e várias coisas para serem feitas. (...) Há muita gente interessada nisto. As vistas são espetaculares, muito mais sossegado que Lever.”

## **3. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Eu acredito e tenho fé nisso que as pessoas com boa vontade vão resolver a situação porque tem aqui muito dinheiro empatado, não é uma coisa para se desistir, de se deitar fora. Agora, estou na expetativa como toda a gente de que as coisas se resolvam. Eu

penso que isto vai ser resolvido, mas tem que partir da boa vontade lá das pessoas que estão à frente da Câmara e da Gaiurb e, eventualmente, da própria Junta, da Associação. A Associação tem andado a tentar resolver a situação porque eles economicamente iam beneficiar muito da situação. Eu, inclusive, já me disponibilizei a pagar-lhes o lote. A casa não pode ser paga já, mas o lote pagava já. E tentava também fazer força sobre a Câmara para que as coisas se resolvessem, só que eles pararam com esta situação. (...) acabam as coisas por ficar paradas por má vontade, penso eu, da Câmara e a Câmara é que tem que andar com isto, tem que avançar. Só quando puserem ali uma placa de reconstrução do próprio Bairro, de arruamentos e isso, uma licença para reconstrução é que a partir daí as pessoas começam a acreditar que vai acontecer alguma coisa e são capazes, se ficarem aqui, de comprar a casa, comprar terrenos ou lotes. Não vão investir numa coisa que não sabem.

**Lote 13 (Sra. Teresa)**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Claro. Muito”.

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Em 97. O meu sogro era trabalhador da Barragem e o meu marido também chegou a trabalhar aqui antes de eu casar. Casei com ele e ele veio para aqui trabalhar”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Sim, claro. Muito sossegado, muito calmo”.

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

Não respondeu

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Primeiro é o sossego. A paisagem também é muito boa, basicamente é isso, sossegadinho que é isso que é mais importante.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Na altura, quando estava a Barragem a ser feita era mais dinâmico, obviamente, havia mais coisas. Agora não, agora é sossegadinho.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Excelente. “Não tenho problemas com ninguém, se bem que há muitas casas vazias, mas a vizinhança é toda cinco estrelas”

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não, isso não.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

“Já. No início, talvez. Agora não, agora não há muita amizade, lutarem pela mesma coisa, não é? Porque nós estamos aqui, ainda estamos para resolver o problema e nota-se que o pessoal é assim de pôr-se de lado”.

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

Não respondeu

**12. Como eram as celebrações?**

Não respondeu

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

Não respondeu

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

Não respondeu

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Eu acho que foi porque na altura tiveram mesmo que ir embora, não é? Acabou a barragem e muitos foram para outros sítios trabalhar e as casas ficaram vazias e foram muitas abaixo que ainda havia mais casas”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Não”

**Parte II – Conservação do Bairro**

**1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

Não respondeu

**2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Estes muitos tive que fazer porque disseram que agora estava para resolver o problema e tínhamos que meter as caixas e os meus muros estavam todos velhos, todos a cair, tive que fazer os muros para poder meter as caixas que é para quando eles vierem agora ligar a água, essas coisas, estar tudo pronto (...) Pintura, persianas que se estragam”

**3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim, acho que sim. As pessoas todas fazem isso. Pelo menos aquelas que eu conheço. Lá mais para cima, pronto, eu não vou muito, mas dá-me a impressão de que todos têm esse cuidado de arranjar as casas, eles vivem nelas. Agora que há muito para fazer? Há, mas enquanto as coisas não estiverem resolvidas. Já foi um investimento muito grande fazer isto aqui [os muros]”

**4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Sim, acho que foi este ano que passaram aqui, foi depois das eleições, e falaram que estavam a tentar resolver e que em breve isto ficava resolvido, esperemos que sim”

**5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Degradado, em relação ao bairro sim. Basta ver as ruas. Aliás eles começaram para meter o tratamento para fazer a ruela, tudo direitinho, mas depois, puseram postes e essas coisas todas.... mas na altura foi a Tâmega, só que depois acho que a empresa houve dissolvência e então ficou tudo parado e atualmente estamos assim, um bocadinho mais esquecidos. Por exemplo, a nível de luz à noite, na parte da frente, é escuro, não há luz nenhuma, parece ser assim uma terra esquecida. Eu sei que a culpa também não é deles, isto não é deles, não podem fazer nada”.

**6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

Não respondeu

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

[em relação aos acessos] Nós para ir para aquele lado temos que dar uma volta, quando temos uma rua aqui. É o problema da luz, vêm aqui pessoas quando nos vêm visitar, amigos e assim, dizem “epá tu estás aqui num sítio mesmo escuro, não tem nada” (...) Era mesmo a rua e a eletricidade, também era muito importante.”

**2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

Respondeu noutras questões

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

“Claro. Espaço não falta aí. Casas que estão vazias e pessoas que podiam estar a usá-las e é uma pena porque estão a degradar-se porque ninguém trata delas”

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

Não respondeu

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Era isso mesmo, fazerem as ruas, porem luz, sei lá, se isto tudo fosse resolvido se calhar até as pessoas se uniam mais um bocadinho, não é? Porque tinham mais. Quem é que vai para a rua para estar a conversar às escuras? Ninguém vai, não é? Se calhar os vizinhos até se juntavam mais se houvesse um espaço de reunião, era muito importante, eu acho.”

#### **Lote 14**

#### **Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

Sim

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Vim morar para aqui com os meus pais em 1985. O meu pai trabalhava na Barragem.”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“É um bocadinho difícil eu falar nisso porque eu vim para aqui e deixei os meus amigos todos. Eu vim para aqui muito contrariado. Mas sem dúvida.”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

2

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

Relativamente aos positivos: “Sossego relacionado à qualidade de vida, do ar.”

Relativamente aos negativos: “Por acaso não estou a ver assim nenhum, quer dizer, há aspetos melhores como é obvio, mas acho que está fantástico, melhor do que nada pertíssimo de uma grande cidade.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Era bastante diferente. Funcionava um bocadinho mais com um só acesso, o acesso era mais difícil, era mais restrito às pessoas que estavam aqui. Remontava assim uma época mais fechada, via-se mais uma base de um aspeto da natureza mais abundante”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

“Agora, não sou a pessoa mais indicada para dizer. Mas acho que está bom”

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Era porque, na altura, os trabalhadores todos estavam reunidos. Agora, há pessoas aqui que não faziam parte dos trabalhadores.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

Maior

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

Não morava no Bairro

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

Anterior à sua chegada ao Bairro

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Se calhar novas oportunidades, oportunidades melhores, regressar à terra natal. E, atualmente, condições melhores porque há melhor que isto como é óbvio.”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Acho que não, isto está um bocadinho aqui num impasse ainda por decidir. Não sei como é que se vai resolver, mas isto é uma tranquilidade.”

## **Parte II – Conservação do Bairro**

### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Algumas, de conservação normal. Mas há muito mais a fazer, mas está pendente da situação.”

### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Alguns já avançaram, mesmo não sabendo no futuro o que os espera, já avançaram. Outros, devem estar na mesma situação, não sabem no que isto vai dar e preferem não avançar.”

### **3. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Eu gostava de pensar que sim, mas não estou por dentro desse assunto. Não sei desenvolvimentos. Eu sei que há um processo a decorrer a ver se legalizam definitivamente e atribuem os lotes, mas não sei muito mais.”

### **4. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Precisava de uma grande intervenção, de um arranjozinho. A construção em si é boa, é dura. Mas na altura não havia os cuidados com, por exemplo, os isolamentos acústicos, térmicos, não havia nada disso. Era parede simples. Já houve infiltrações, os meus pais tiveram que fazer algo, nomeadamente nas telhas, tiveram que as substituir. Falta mais, falta o revestimento por fora, o capoto, o isolamento térmico, as janelas.”

### **5. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

“Não sei.”

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Isso era a acabar com a legalização e arranjar todo o espaço, sem dúvida.”

**2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

O quê?

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“É a minha opinião pessoal, no meu entender acho que não porque isso fazia com chegasse pessoas de fora e quebrava o sossego.”

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Totalmente incerteza, não se sabe porque isto já anda assim há muitos anos.”

**Lote 19**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Sim”

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

Vieram morar para o Bairro pois o pai era trabalhador da Construtora Tâmega.

“A minha mãe é mesmo Barragista. Por aí abaixo e ficaram aqui. As irmãs casaram todas aqui”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Sim”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

4

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

Aspetos positivos: “Tranquilidade”

Aspetos negativos: “Estes montes todos. Estas sujidades que há e as casas estão abandonadas.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Era muito diferente. Morava aqui mais gente, tinha mais pessoas novas, tinha crianças que se juntavam todas aqui a brincar, era totalmente diferente.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

“Bom. Eu gosto”

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não. Cada um na sua vida”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

Maior

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Sim, na casa 40 quando a gente fazia ali (...) Nós chamávamos casa 40.”

**12. Como eram as celebrações?**

Não respondeu

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

Não respondeu

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

Não respondeu

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Porque eles casam e vão à sua vida. Depois com os empregos, muita gente foi viver para a beira dos empregos (...)”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Não”.

**Parte II – Conservação do Bairro**

**1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

Não respondeu

**2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Sim.”

**3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim”.

**4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Não. Porque eu já ouço isso desde que eu era criança. Continua tudo na mesma”.

**5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Degradado. Cada vez está pior. As portas daquela casa estão abertas, as janelas estão abertas. Os cães andam lá dentro. Houve ali uma casa que até morreu lá um animal e o meu pai é que teve que ir lá tirar por causa do cheiro”.

**6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

“Os meus pais, segundo o que a minha mãe me conta, quando veio para aqui tinha um supermercado ali em baixo. Foi tudo à vida”

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Que todas as casas estivessem habitadas, era o essencial porque assim cada um zelava pelo seu terreno e pela sua casa. Ficava o bairro muito mais airoso, mais gente e se tirassem isto daqui, daqui e de lá atrás [referência ao mato]. Quando foi o incêndio isto ficou tudo limpo, agora está outra vez. As ruas.”

**2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

“À noite não temos luz.”

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

“Sim, sem sombra de dúvida”

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“Parques de crianças. Este terreno que tem ali [referência ao terreno aberto a poucos metros da habitação], tinha ali um campo de futebol, que nós fazíamos ali o futebol, jogávamos futebol, era totalmente diferente. Tudo limpo tinha uma vista espetacular. Para piqueniques”

**4. Quais são as suas expectativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Nenhumas. Cada vez pior, com a guerra, com estas coisas todas. Se não fosse estas situações todas eles iam investir noutra coisa qualquer, aqui eles nunca investem (...). É muito ano. Só sabem vir aqui quando é a altura das eleições (...) Nós estamos aqui camuflados, ninguém nos vê.”

**Lote 37/ nº23**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

Sim

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Desde a minha infância. Já morei com os meus avós, por isso, desde a minha infância que moro aqui. Neste caso, o meu avô era trabalhador da EDP e chegou a trabalhar aqui também na Barragem.”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Neste momento, não”.

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

3

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Eu acho que o positivo é, às vezes, a calma que aqui tem. Claro que, quando era mais pequeno, era as amizades que tinha aqui com certas crianças que viviam aqui e brincávamos o dia todo ali no largo e andávamos aí entretidos. Aspetos negativos é mesmo como isto está, o abandono que isto tem.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Sim. Principalmente a dinâmica entre pessoas das várias casas, precisamente pela ligação que havia entre os trabalhadores da Barragem e as famílias que, depois, esses trabalhadores se encontravam e faziam almoços e jantares e toda a gente conhecia toda a gente. A dinâmica entre essas pessoas era diferente.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Razoável

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Já existiu. Mas, agora não. Era isso mesmo, era a ajuda que as famílias tinham entre si e esses convívios que existiam. Se houvesse algum problema, ajudavam-se todos. Coisa que hoje em dia não está a acontecer”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

Maior

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Sim. Quando havia essas festas, esses convívios, era tudo em casa uns dos outros. Lembro-me que havia muito nesta casa aqui em baixo. Pronto, é isso. O meu avô é que fazia as festas aqui e era tudo ali atrás. Era famílias de ali de cima, daqui do bloco do meio que se reuniam ali. São João, Natal e por aí fora.”

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Relembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“Precisamente as brincadeiras que tínhamos. O aprender de tudo. O passar a infância aqui.”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Principalmente o abandono e a falta de condições que às vezes o Bairro... pronto, pela degradação que o Bairro foi tendo com o tempo, as pessoas pensam em sair.”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Sim, já pensei. O problema é que como a minha avó ainda mora aqui. É um bocadinho deixar as coisas passar e depois logo se vê com o tempo.”

## **Parte II – Conservação do Bairro**

### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Existia mais pessoas. As estradas não eram assim, isto foi obras que houve pelo meio. Isto era terra batida, era um Bairro temporário. Por isso, era assim. Quando eu vim, não era propriamente campo de futebol, era uma coisa improvisada.”

### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Obras próprias, só. Só as necessárias. Dou-lhe o exemplo do contador, por exemplo. É esse tipo de obras.”

### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim porque muitos que estão aqui, querem ficar aqui e vão ficar aqui enquanto for possível.”

### **4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Tentam, mas demora um bocadinho, mas tentam.”

### **5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Mau.”

### **6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

## **Parte III – O Futuro do Bairro**

### **1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“As mesmas condições. As condições porque acho que isto é um sítio muito bom, é a vista, é a calma, é a localização também não é má. É só mesmo as condições e que olhassem um bocadinho para as condições do próprio Bairro.”

**2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida? O quê?**

“É mesmo essa a questão. É as condições. Por exemplo, agora está aqui de dia e à noite isto não tem luz.”

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Sim

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“Poderia ser se a comunidade aqui fosse diferente. Agora para a quantidade de pessoas que estão aqui e as pessoas têm a sua vida no Porto e fora daqui. Não ia ser... mas era interessante.”

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“É que isto, realmente, peguem no Bairro e melhorem isto porque se melhorarem isto acho que, tão depressa, não sairia daqui. Seria mais fácil eu viver aqui.”

**Lote 42/ nº108**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Sim. Eu gosto de morar aqui, mas isso porque estou aqui já há trinta e tal anos (...) só tenho pena de estar praticamente sozinha, não tenho moradores.”

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Viemos morar para aqui em 86 mais ou menos. Viemos porque o meu pai veio trabalhar para a Barragem. Ele veio um ano mais cedo, nós morávamos na Agueira. Apesar de nós sermos daqui de Gaia, o meu pai quando eu tinha 4 anos, nós fomos para a Agueira que é perto de Coimbra, o meu pai foi trabalhar lá para a Barragem. E depois quando esta foi construída, o meu pai pediu transferência para aqui quando esta começou a trabalhar e viemos para aqui.”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Tem pontos positivos que é sossegadinho e tudo. Mas tem outros, os acessos e esta pedra. Esse aspeto é horrível. Quando eu venho aqui, coitadinho do meu carro. Tirando a parte que está em mau estado, essa é a parte negativa”

[a Mãe acrescenta] “Nós já tapamos buracos todos”

“Nós de vez em quando íamos tapando, íamos tentando minimizar os problemas.”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

2

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

Respondido acima

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

[a mãe] “O Bairro que eu gostei muito de morar foi na Aguieira”

“Havia mais, como se diz, sentimento de comunidade. Aqui não.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

“Hoje em dia, cada um tem a sua vida muito independente (...). vejo as vizinhas, converso com elas. Aqui já não, agora andamos mais ocupados com a nossa vida, trabalho para aqui e acolá”

[a mãe] “Eu vou às vezes conviver um bocado para o campo e o campo está a 7km daqui e lá encontro as amigas (...) e aqui dou-me bem com pessoas daqui, fazia sapatos, dou-me muito com algumas pessoas, mas não é aquela convivência como eu tenho noutros lados. [o Marido] ele saiu agora e sabe para onde ele foi? Para Santa Isabel

conviver com os amigos. Não é que eu estou triste aqui, eu estou bem. Não tenho quem me chateie aqui”

“Sim, não há aquelas queselas com os vizinhos. A gente está aqui sossegadinha no seu canto”

[a mãe] “Eu gosto das pessoas e de tudo, mas eu é assim, se eu tiver que ir a casa de uma pessoa, se eu a encontrar no caminho, eu gosto de dar à letra no caminho. Mas eu ter que bater à porta da vizinha para lá dar à letra, não não vou”

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

Não

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Não. No Bairro da Agueira, aquilo era passeios, fins-de-semana, festas. Começava às 9 da noite e terminava às 6 da manhã. No verão, às vezes, à noite, juntávamos-mos todos na casa uns dos outros à conversa, a jogar às escondidinhas, à apanha. Era muito divertido”.

[a mãe] “O Engenheiro lá até nos fez uma salinha de estar para a gente estar a fazer tricô, a fazer renda.”

“Onde se chamava aonde íamos tomar café e se fazia o Baile?”

[a mãe] “Era o Clube Pessoal”

“Existiu aqui um, sim, mas durante pouco tempo. Quando nós viemos para aqui morar, ainda existia, mas depois demorou pouco tempo.”

[a mãe] “Tenho umas saudades de lá. É capaz de não acreditar, mas a gente ainda telefona para as amigas de lá e se eu vou lá, fazem-me uma festa que nem imagina (...)”

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“A minha mãe só não sai porque não tem casa em Sandim, se não já tinha ido. Não sei, não faço ideia. Talvez as pessoas se acomodam. Mas há aí, de certeza, que os vizinhos todos gostam de morar aqui, isto é sossegado. Apesar de tudo, é muito sossegado. Estamos aqui no cantinho, estamos aqui sossegadinhos, não é desagradável. O que é mais desagradável é os acessos e também o facto de a casa não ser deles. Eles já fizeram muitas obras na casa, já gastou muito dinheiro. Mas é sempre aquela coisa, estamos a gastar dinheiro numa casa que não é nossa.

[a mãe] “Fiz a casa de banho”

“Para aí há dois meses. Tinha uma banheira que ainda está ali. Os meus pais estão velhotes e eu disse que não pode ser. A minha mãe ainda bateu o pé que se calhar não vale a pena. Mas vale a pena nem que seja por um mês. E agora se calhar já devia ter sido há mais tempo. É um T3 esta. Há T3 e T2.”

[a mãe] “Esta é um T3 mas é fraquinho (...) É um T3 mas é grande. Aquela ali é mais pequenina, tem uma casa-de-banho, dois quartos e uma cozinha, mas a cozinha é muito pequeninha. Aquela de lá para cá, a primeira, é um T1”

“Há algumas que são pequeninas. Esta foi feita depois.”

[a mãe] “Mas quem dera a muitos ter aquela pequenina. É muito jeitosa (...)”

## **16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

Sim

### **Parte II – Conservação do Bairro**

#### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

#### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Já. Muitas. Cozinha nova, casa-de-banho novas. A nível de chão antes era alcatifa, agora é tudo tijoleira. Já fizeram muitas obras, os meus pais. Para melhorar. Eu às vezes digo, mãe não é dinheiro deitado fora porque está a usufruir diariamente dele. Mas, desde cozinha, casa-de-banho e chão da casa toda já foi muito.”

[a mãe] “E que ninguém gabe que as casas são boas. Mete muita humidade, é muita humidade.”

“Para ficar boa, precisava de levar um telhado novo e capoto por fora. E caixilharias novas e aí já se podia dizer que se resolvia a casa.”

[a mãe] “As divisões feitas por dentro estão muito bem organizadas.”

“Ela já tem muitas obras, mas ainda precisava de muitas mais para ficar bem.”

[a mãe] “O sótão em cima é alto. Dá para andar lá uma pessoa em cima de pé.”

“Mesmo a nível elétrico, o meu pai tem feito umas reparações, mas mesmo assim.”

#### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim, a maior parte deles sim porque se vê alguns têm as casas pintadas. Já foi pintada por fora esta, mas já está a precisar outra vez. De uma forma geral, sim, tentam melhorar porque é conforto e tudo. Principalmente neste corredor e tudo. Toda a gente vai

arranjando de forma... mesmo lá para baixo tem uma que já levou muitas obras. Todos gastam muito dinheiro, não é?”

#### **4.A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Segundo o que meu pai me disse, a Câmara tem intenções de arranjar os arruamentos. Mas mais do que isso, não sei. Mas acho que a Câmara disse que em breve ia arranjar, mas o breve é sempre relativo. Pode sempre demorar mais tempo.”

#### **5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Mau conservado. Porque quem entra, há gente que se calhar até tem medo de entrar aqui. E agora, tu entras aqui e o mato está limpo, cortado e tudo há cerca de um mês andaram a limpar. Quando o mato não está limpo, até mete medo. Mas, de uma certa forma, também ninguém vem cá. Mas está mal conservado, mesmo aqui em frente... a casa dos meus pais, no último incêndio que aqui houve, esteve quase a arder porque as mimosas estavam mais altas (...). Esteve mais em perigo por causa disso, das mimosas, que agora já estão cortadas. Nós já chegamos a ver a Barragem e já não vemos outra vez. A nível disso, a EDP... Não sei se é a Câmara ou a EDP, mas a Câmara também tem culpa disso porque a parte que não é via pública pode utilizar os meios que tem a seu dispor para obrigar os moradores.”

[a mãe] “Eu já nem tenho correio”

“Não, não vem o correio. O meu pai é que tem que ir à Junta de Freguesia buscar o correio.”

[a mãe] “Agora já vem o carteiro uma vez por semana”.

#### **6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

### **Parte III – O Futuro do Bairro**

#### **1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Mais limpinho a nível, não é limpinho a nível de lixo porque as pessoas têm consciência e não deitam. Mas as pessoas não deitam lixo para a rua. A limpeza da vegetação, sim, e o arranjo dos arruamentos e tudo. Porque normalmente, o meu pai corta sempre aqui à volta da casa e vai até lá cima e corta até lá cima ao mato porque se não até era pior. Agora o meu pai paga para limpar, mas não vai andar a pagar tudo, mas a parte mais próxima de casa eles fazem isso”

**2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

“Parque infantil para os meus pais não me parece. Se calhar, era engraçado ter uma coisa dessas. Uma zona comum onde toda a gente se pudesse encontrar.”

[a mãe] “Se viesse gente de fora para ter um sítio para comer.”

“Se as ruas estivessem arranjadas e tudo, acho que uma coisa que faz falta aqui, passeios. Temos ali a Estrada Nacional tão larga, as pessoas andam tanto a pé. Sabes? Criar circuitos. Agora Lever tem aquela parte à beira do Rio e aumentar esses circuitos. Circuitos para as pessoas caminhar, correr, isso acho que faz falta aqui na freguesia toda.”

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Eles um dia vão arranjar isto, mas ainda não sei se será num futuro próximo. Eles já andam a dizer isto há tantos anos. A esperança é a última a morrer”

**Lote 49/ n°60**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Para já”

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Vim para aqui em 85, em 1985 porque eu era funcionário da EDP e como tinha duas filhas e precisava de um lar, vim para aqui trabalhar. Eu vim para aqui desde 85, tive aqui casa aqui no Bairro.”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Ora bom, eu não acho mau. Todos nós achemos bom ou mau, depende das pessoas que cá vivem. Ora, se nós vivermos com gente boa, o Bairro é sempre bom. Se vivermos com gente má, temos que nos governar conforme o que temos.”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

2

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Naquela altura, os aspetos positivos que eu tinha de morar aqui era que estava mais perto do trabalho aonde eu trabalhava, aqui na Barragem. O negativo foi terem-nos oferecido uma casa de graça porque na altura que eu vim para cá eu tinha dinheiro para comprar dois apartamentos no Porto e agora eu não tenho dinheiro para comprar um. Foi só isso, foi a pior coisa que fiz na vida foi isto, mas é a vida. As pessoas dando-se bem com as pessoas, corre sempre bem. Eu conheço muita gente aqui em Lever, venho e vou e a vida é assim.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Ora bom, eu quando vim para aqui em 85 foi quando houve esta marafunda que houve prai com Crestuma e Lever derivado aqui à Barragem que todos eles queriam ficar com ela, mas afinal chegou para os dois e ainda continua a Barragem. Quando eu vim para cá ainda foi assim um pouquinho complicado, ainda vivíamos nuns pavilhões, ainda nem

eu tinha casa. Vivia nuns pavilhões ali em baixo, por baixo da Pousada. Mas depois, as pessoas habituam-se a tudo e eu como já tinha filhos, uma Guerra de Ultramar, para mim não era nada difícil.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Razoável

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não, isso não existe porque as pessoas aqui são meia dúzia delas e poucas conhecem. Não quer dizer que daqui por uns tempos porque isto está prestes a ser resolvido que não venha para aqui gente, muita gente de Lever, de Crestuma e de outros lados e que haja uma comunidade que se dê bem”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

“Naquela altura, quando eu vim para cá, quando a Barragem foi feita... eu já venho de outras Barragens, não foi a primeira, já venho desde o Pocinho para baixo, já corri Valeira, a Régua, Carrapatelo e o Torrão e estou aqui. Quando há muita gente, há sempre o bom e o mau, mas se as pessoas forem comunicativas, se as pessoas se derem bem umas com as outras é sempre bom. Embora, haja sempre alguma coisa que não corra como nós queremos, mas isso é próprio do ser humano. É muito diferente, claro, quanto maior for a comunidade, embora haja coisas más, também há muita coisa boa. Há o conhecimento e aprende-se muita coisa uns com os outros.”

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Aqui ao princípio ainda se fazia quando era o São João, ainda se fazia aí uma festita. Tínhamos aí um Clube do Pessoal e ainda se fazia aí uma festita e tal, umas castanhas, umas garrafas e uns garrafões, mas depois foi-se perdendo e vai-se perdendo cada vez mais. As pessoas estão cada vez mais isoladas. Por muita gente que haja, as pessoas estão a fugir cada vez mais destas coisas e é uma pena (...) Enquanto de outros lados de que eu venho, era São Pedro, São João, sei lá, fazia-se festas até no fim-de-semana, fazia-se baile (...) Aqui até é dos sítios aonde se menos conviveu numa comunidade.”

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“Não marcou nenhuma. Foi vir. A única recordação foi que cheguei e me deram uma casa de graça. Para mim até foi prejudicial.”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“As pessoas começaram a sair do Bairro porque não eram daqui. Trabalharam numa Barragem, não é só nesta, é em todas elas. São pessoas que vêm de vários sítios trabalhar numa empresa e a empresa vai fazendo obras e quando a obra começa a acabar, as pessoas vão-se despachando ou vão sendo deslocadas para outra Barragem qualquer. Só ficam aquelas que pertencem à empresa que mandou construir a obra porque todas em obras, os Bairros que foram feitos até eram em madeira... Picote, Miranda, Bemposta, na Valeira tinha muita quantidade disso que depois foi demolido. O que é que acontece é que as pessoas iam saindo porque acabou-se o trabalho (...). Quando a Barragem acabava, acabava o trabalho, eles mandavam-nos embora, mas pagavam-lhes uma indemnização sobre o tempo que lá trabalharam. E então as pessoas iam à procura de outro trabalho noutra Barragem a seguir, fosse a mesma empresa ou fosse outra empresa diferente. Aqui, por exemplo, foi a Tâmega (...). Nós foi o contrário. Nós como eramos da EDP, já vínhamos de outras Barragens, quando a Barragem estava para começar a fornecer energia, para aí um ano antes, é que nós vínhamos tomar conta delas mas era para cá ficarmos.”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Já pensei, já pensei muitas vezes. As circunstâncias, às vezes, é que nos dão cabo da vida. Eu sou de uma zona, sou do Douro, e tenho lá uma propriedade grande e boa e uma casa que está abandonada há mais de 35 anos que eu já estou aqui. A minha ideia qual era? Quando formasse as minhas filhas ia para lá, mas depois não foi possível. A

minha mulher faleceu e está enterrada aqui em Lever. A minha filha casou e tenho netos, agora acabou-se. Vou ficar aqui até morrer.”

## **Parte II – Conservação do Bairro**

### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Saiu a Pousada, saiu o Clube Pessoal, saiu um mercadinho que existia ali que era o José da Régua que já existia na Valeira, já o conhecia deste a Valeira até (...)”

### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Isto não tinha nada a ver com o que está aqui, nem jeito. A estrada não passava aí, passava aqui em cima. Eu é que demoli isto tudo e depois veio a estrada. E depois compus a casa como está, isto não tem nada a ver. Fiz os muros, os jardins e grades, isso já fui eu.”

### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Praticamente, alguns. Quer dizer, eu também não posso estar a criticar seja quem for porque nem todas as pessoas podem ter a mesma possibilidade (...)”

### **4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Isso não. Não venha cá falar em Juntas nem Câmaras que isso não vale nada. Isso é tudo uma data de ladrões é uma cambada de ladrões. Não confunda uma coisa com a outra. A própria empresa, que era a nossa, que era a EDP, abandonou um bocado isto. Cada um teve que se governar à medida das suas possibilidades. De resto, ninguém teve nada. Porque eu conheço aqui pessoas que nada tinham e nada têm e que não conseguiram fazer quase nada. Há pessoas que vivem aí, em casas, quase que nunca fizeram nada lá dentro porque não têm possibilidades e não são mais obrigadas do que isso. E a própria empresa devia ter orgulho de ter feito ou dar mais condições a pessoas que não tinham grandes possibilidades, é só isso. Isso já acabou há muito tempo, era no tempo que eu era novo porque eu trabalhei 46 anos na empresa, não é brincadeira.

Mas a partir daí, sabe o que eu lhe digo? Nisto tudo, o que é preciso é estarmos vivos e acordarmos sempre com alguma coisa a mexer.”

##### **5- Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Eu já o conheço há muitos anos e continua a estar sempre igual. Não vejo nem melhorias (...). Tiveram a dizer que isto estava em vias de ser resolvido porque tirando este correr de casas, para baixo foi dado ao Centro de Dia aqui de Lever. E o Centro de Dia, pelo jeito que eu sei, pelo pouco que eu sei, parece que vai vender sei lá como. Isto vai ficar melhor porque vai ser resolvido. O que é que acontece? É engraçado uma coisa que eu já disse isto a várias pessoas. Eu quando vim para aqui, a primeira coisa que me deram na vida foi uma casa, coisa que nunca me tinham dado porque eu nunca tinha tido casa da empresa porque aonde eu estava a trabalhar, eu tinha casa própria. A primeira vez que eu saí da minha terra, para tão longe, a primeira coisa que me deram aqui, quando cá cheguei foi “Olhe lá, você quer uma casa?”, foi logo. “Você é casado?”, “sou”. “Você tem filhos?”, “tenho”. “Você quer uma casa?”, “Se ma der”. E não era esta porque a minha casa era talvez das melhores casas que tinha cá o Bairro, junto à estrada lá do fundo, na primeira linha, na primeira linha por baixo da primeira linha que está hoje. Eram as quatro casas que botaram abaixo e a minha casa era a última do lado daqui. Só tinha quatro casas e eu vivia na última daqui que até era a que estava mais bem situado (...). Segue-se que a empresa disse, um dia mais tarde, na outra já vivia para aí há uns 15 anos mais ou menos. Pois houve aí uma confusão qualquer entre a Construtora que fez a Barragem, a Tâmega, e a EDP em que a Tâmega estava prevista ficar com uma parte do Bairro. Só que a EDP tinha um problema muito grande, é que tinha cá funcionários a viver no Bairro. Então, tentou juntá-los todos para o cima mais barato. Só depois é que se veio a descobrir o que era. A EDP tentou pôr o pessoal dela no sítio onde a Tâmega quis porque a Tâmega, o que lhe interessava, era o sítio mais caro, que era a parte mais baixa. Isto foi tudo dado por um sorteio, um sorteio entre todos os trabalhadores (...). Fizeram o sorteio e a cada um calhou uma casa, mas numa condição que nós só sairíamos do sítio aonde estávamos a morar para aqui por um sorteio e que nos iam vender as casas, mas muito rápido. Isto foi feito em Abril e em Junho teríamos que estar aqui neste sítio, só que nós realmente acreditamos na palavra do ladrão (...). Embora nós tenhamos uns papéis, não há escritura nenhuma, nem

contrato de compra e venda e acabou-se. e depois o problema é que as pessoas se agarram a isso, começaram a fazer obras, começaram a gastar dinheiro a torto e a direito e depois de gastar muito dinheiro pensaram que agora vamos dar espaço ao tempo porque o tempo há-de vir porque nós temos conhecimento que a Empresa nos outros lados, em todas as Barragens, depois de lá estar o pessoal para o pôr de lá para fora tem de os indemnizar e bem, foi o que aconteceu nos outros lados, chegou a dar 1000 contos para eles saírem de lá. Se na altura me tivessem dado 50 mil euros, eu também teria ido embora (...). Aqui podia-se ganhar muito dinheiro, fazer até um lar em condições e fazia bem às pessoas, era bom para a sociedade. Mas não se vai fazer nada. Isto vai ser vendido e a menina vai ver, vai desaparecer o dinheiro, não vão fazer nada, a empresa até deu um bocado de terreno aonde eu vivia e não vão fazer nada. Vai desaparecer tudo e não vai dar em nada.”

#### **6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

### **Parte III – O Futuro do Bairro**

#### **1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Os arruamentos é só o alcatrão porque isto está tudo feito. Isto foi feito pela Construtora do Tâmega para ser resolvido, só que depois... (...)”

#### **2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

##### **O quê?**

“Mais verde. Isso devia e você sabe que a EDP tem uma dimensão que aquilo tem é medonho. Mas é só mimoseiros e austrálias.”

#### **3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não. “Devia ter, mas não tem porque nunca ninguém se interessou, nem a Junta de Freguesia (...)”

##### **a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

Espaços de lazer e de merendas

#### **4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Tenho que isto seja meu, já que eu gastei dinheiro, que seja meu. E quando eu morrer, que seja de uma filha minha (...) Eu gosto da zona e das pessoas que cá vivem.”

#### **Lote 52**

#### **Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

##### **1. Gosta de morar no Bairro?**

“Gosto, gosto muito. Sempre morei aqui, tenho 34 anos, cresci aqui.”

[a mãe] “Gosto de morar aqui, mas isto havia de estar mais composto, mais cheio de gente porque há muita gente a precisar de casa e aqui tanta casa vazia a estragar-se. Ainda têm ali pessoal que era do empreiteiro, nós somos da EDP, o meu marido era da EDP. E estou aqui num sítio aonde eu tenho uma vista bonita, gosto de estar aqui. Até lhe digo que gosto mais de estar aqui do que estive nas outras Barragens. Estive na Régua e estive em São João da Pesqueira, na Barragem da Valeira, e estive em Picote.”

##### **2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Eu tenho 34, portanto, 36 porque o meu pai veio de Trás-os-Montes, da Régua, o meu pai veio trabalhar para a Barragem, veio da Barragem da Régua para esta. Entretanto, o Bairro estava a ser construído, os meus pais moraram com os meus irmãos que eram pequeninhos, no outro lado do rio, numa casinha. Quando o Bairro ficou pronto, eles vieram para cá. Portanto, há 36/37 anos que eles moram cá.”

##### **3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Sim, super tranquilo, não se passa nada aqui. O som é passarinhos logo de manhã. É longe de tudo, para irmos a algum lado é 10 km, pronto, é longe de tudo, mas eu tenho uma menina com dois anos e eu costumo dizer que não há sítio melhor para ela crescer.”

##### **4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

5

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Ar puro, vegetação, natureza, a calma. A parte negativa é o facto de estarmos longe de tudo, das cidades. Não é assim muito longe, mas é um bocadinho.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Era completamente diferente. Era cheio de crianças, eu cresci rodeada de crianças, eramos muito. Agora não há, há duas ou três crianças no Bairro. Fazíamos cabanas no monte, pronto, houberam incêndios que destruíram tudo, mas não era a mesma coisa. Antigamente tínhamos mais iluminação à noite porque no Verão íamos todos brincar ali para baixo e havia iluminação, hoje já não há. Eu, às vezes, saio de casa às 6 da manhã e está tudo escuro. Tem esses lados maus, mas antigamente as coisas eram bem diferentes aqui.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Muito bom

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

“Era maior. Houve muita gente que foi embora para as terras, saíram daqui. Pessoas que já morreram porque havia muita gente aqui no Bairro e as pessoas eram muito mais unidas nessa altura.”

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

Sim

**12. Como eram as celebrações?**

“Quando eu era pequenina, havia uma casa que estava vazia, não vivia lá ninguém. Entretanto, os moradores falaram com alguém que estava ligada às casas. Eles aceitaram e cederam uma casa. E daquela casa fizemos uma espécie de um bar, temos lá uma máquina de café, havia uma churrasqueira, havia chiclas, gomas, aquelas coisas que há num café. E nós fazíamos lá festas, São João, sardinhas. Por exemplo, se houvesse um miúdo aqui do Bairro que fizesse anos, fazíamos a festa nessa casa, nesse bar, onde púnhamos música, dançávamos. Já se fez aqui muitas, na altura do Halloween os miúdos juntavam-se todos e andavam de porta em porta a pedir os doces. Agora já não se faz nada disso.”

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“A minha infância. O sermos muitas crianças, eramos sei lá umas 20. O brincar na rua até as dez, onze, meia-noite, no Verão. Porque aqui nunca houve perigos, se calhar nas cidades os pais não deixam as crianças brincar na rua porque há o trânsito, porque pode haver um assalto. Aqui nunca houve isso e, então, nós andávamos à vontade, nem vínhamos a casa lanchar, lanchávamos as amoras que apanhávamos da rua, as maçãs das árvores que cresciam por aí. Sem dúvida nenhuma, a melhor memória que eu tenho do Bairro é a minha infância.”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Não sei. Temos um casal que foi para a terra deles que é lá para cima para Trás-os-Montes, não sei se por terem a família por lá. Aqui não tinham ninguém. Não sei mesmo. O sítio em si é muito bom para morar, mas lá está, cada um sabe de si”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Não. É assim, um dia se calhar terá que ser, mas não queria muito porque eu gosto de viver aqui.”

## **Parte II – Conservação do Bairro**

### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Havia umas garagens, uma delas era do meu pai, só que eram feitas de madeira e depois alguém disse que os moradores tinham que deitar essas garagens abaixo. Tirando isso, acho que havia mais qualidade, por exemplo, o chão não era assim, havia mais luz. Era tudo mais limpo, agora cresce muito as ervas e assim e as pessoas já não limpam tanto. Havia outro cuidado, o Bairro tinha outro cuidado. Mas tirando isso, não havia nada de novo. Não me lembro muito bem, mas os meus pais falam que havia uma espécie de um supermercado, só que eu era mesmo muito pequenina e não tenho muita memória disso.”

### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Muito poucas. O meu pai diz que não vale a pena fazer filhos em mulheres alheias, como se costuma dizer, porque ele não sabe o futuro disto. O meu pai bem queria fazer certas obras, mas ele diz que andar a fazer obras e depois um dia ter que sair daqui, vai deixar cá o dinheiro enterrado, então ele diz que não faz nada.”

### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“A maioria tem esse pensamento, temos um vizinho ou outro que já fez bastante obras e tem casa lindíssimas. Cada um sabe de si, mas acho que a maioria tem esse medo de andar a arranjar as coisas e, um dia mais tarde, ter que deixar a casa para trás.”

### **4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Nunca. Aliás, nós nem sabemos, antigamente diziam que metade do Bairro era da EDP e a outra metade era do Tâmega. Se me perguntarem, atualmente, de quem é isto, pois eu não sei. Agora dizem que é da Câmara, depois dizem que é não sei de quem.”

### **5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Mau porque ainda ontem fui fazer abertura e saí de casa às 6 da manhã e não havia um candeeiro com luz. Eu tive que sair de casa com a lanterna do telemóvel. O chão

está muito mau, na altura de chuvas, no Inverno, a água faz ali regos muito fundos e, às vezes, os carros enfiam ali as rodas. E eu nem tenho passado lá, nós temos outra entrada por baixo, aquilo nem dá. A última vez que passei vi que aquilo está muito mau.”

**6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Tivesse mais pessoas, que isto estivesse mais arranjado, que as coisas pudessem ser nossas para a gente as puder compor melhor, pronto. A gente vai fazendo algumas coisas, mas está sempre com medo. Eu quando já mudei ali de baixo, daqui para cima, fiz obras. Tinha duas salas pequeninas e eu tirei as pequeninas e fiz uma sala ampla e pus lareira que não tinha. As casas lá para baixo têm lareira, mas as daqui de cima não têm. Pus móveis na cozinha, a cozinha não tinha e eu pus. As lá do fundo, têm umas casas que são maiores. O meu chão tem tijoleira e eu gostava de pôr madeira porque gosto mais e é maisquentinho, mas não posso. Diz que o que fizéssemos, fizemos e o que não fizemos, agora não fazemos, enquanto não soubermos algo mais.”

**2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

Obras na habitação

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

Parque de merendas, parque de crianças com baloiços, um escorrega, um café

**4.Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Que isto ficasse resolvido. Perspetivas quanto a isso, nem sei.”

**Lote 53/ nº42**

## **Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

### **1. Gosta de morar no Bairro?**

“Gosto. Quer dizer, podia estar o Bairro mais arranjado para ser melhor cá viver, mas sim é sossegado, é calmo. É bom.”

### **2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Lembro, foi em 1986, eu tinha 10 anos. Há 36 anos quase. Nós morávamos no outro lado, numa terra chamada Jancido, entretanto, houve oportunidade de irmos para aqui porque o meu pai trabalhava na Barragem e, então, viemos para aqui, ficamos com esta casa.”

### **3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“É como eu disse há bocado, com as condições certas, luz na rua, ruas arranjadas, sim. Mesmo sem isso, até não é mau morar cá.”

### **4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

“Agora vivemos cá 3, eramos 4, mas a minha irmã saiu.”

### **5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

### **6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Acima de tudo, o sossego, temos aqui a nossa privacidade. Lá está, os vizinhos não são maus, são perfeitos? Não, mas nós também não somos. Mas sim, principalmente, o sossego e o ar fresco.”

### **7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Era, era. Havia mais animação na rua porque eramos todos mais ou menos da mesma idade. Portanto, havia muitos miúdos de um lado para o outro a correr, a saltar, havia menos sossego, mas um menos sossego bom. E lá está, as ruas apesar de serem de paralelepípedo eram um bocadinho melhores. Não sei, era diferente.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

Bom

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Não tanto como poderia haver, não. Podia haver mais.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

“Maior. Dá-me ideia disso”

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Não, isso não. Houve uma altura que um senhor que trabalhava cá, decidiu pôr os miúdos a cantar as Janeiras ou, depois também houve uma altura, em que tentaram fazer o Halloween com os miúdos aí pelas portas. Durou pouco tempo.”

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Lembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“Era as brincadeiras em miúdos. Se esfolar, esfolava os joelhos de vez em quando. Brincávamos à vontade na rua como a maior parte das pessoas estava a trabalhar durante o dia, não havia o perigo de apanharmos com um carro em cima. Era uns joelhos esfolados e pouco mais.”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Talvez melhores condições noutros sítios, melhores casas, não sei.”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Já, mas neste momento, porque os meus precisam de mim, fico por cá mesmo.”

## **Parte II – Conservação do Bairro**

### **1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Existiam, como havia muitos trabalhadores na Barragem, lembro-me que do outro lado da rua havia uns Dormitórios, mais abaixo tinha o Refeitório, tinha um barzinho para os trabalhadores e para as famílias e isso, entretanto desapareceu tudo.”

### **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Sim. Já fizemos algumas.”

### **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Sim, têm, isso têm.”

### **4. A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Absolutamente nada. Quando há eleições, há muitas promessas. O bairro, as ruas já deviam estar com alcatrão já há muitos anos, mas como pode ver, nada. É promessas e mais nada.”

### **5. Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Não dos melhores, mas também não é dos piores.”

### **6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

## **Parte III – O Futuro do Bairro**

### **1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“A luz nas ruas porque à noite é um bocado perigoso. Saímos ali da paragem e moro aqui em cima, a paragem é lá em baixo e é escuro. As ruas melhores, talvez um jardimzinho para as pessoas estarem um bocadinho juntas.”

**2. Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida? O quê?**

“Espaços públicos e há espaço. Podia haver assim alguma coisa porque as pessoas acabam por ficar pelas casas, pelos jardins que têm e havendo um espaço que fosse comum a todos, o convívio talvez fosse maior, não sei.”

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

Jardim público

**4. Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Que as promessas que foram feitas ao longo de 36 anos, quase, sejam cumpridos. Pelo menos metade delas já seria ótimo.”

**Lote 54**

**Parte I – Circunstâncias da habitação no bairro e comunidade**

**1. Gosta de morar no Bairro?**

“Gosto, olhe para isto, acha que não gosto?”

**2. Lembra-se quando e porquê que veio morar para o Bairro?**

“Eu vim para aqui na construção desta obra, em 1982. Vim para esta obra trabalhar, a empresa concedeu-nos casa e nós ficamos por aqui.”

**3. Considera o Bairro um bom sítio para morar?**

“Eu gosto, não sei o que é que as outras pessoas respondem. Só tem uma coisa, é um bocadinho isolado, ou seja, Lever necessitava de outras infraestruturas, não era? Ao domingo faz falta um Pingo Doce, não é? Eu já me habituei. E gosto deste silêncio, gosto disto.”

**4. Por quantos elementos é constituído o seu agregado familiar?**

2

**5. É titular da habitação onde reside ou arrendatário?**

Em processo de legalização

**6. Como é viver no Bairro? Quais os aspetos positivos e negativos?**

“Tranquilidade e sossego. A falta de infraestruturas em Lever. Por exemplo, multibancos, só têm aqueles dois multibancos. Podiam ter um à beira da farmácia, ali mais para o centro. Sabe porquê que eu pus esta porta? Fui assaltado há uns anos, olhe as minhas janelas. Fui assaltado, então, e foi um serralheiro de Lever que me veio aqui fazer isto.”

**7. Como era viver no Bairro anteriormente?**

“Acho que era igual. Isto não mudou rigorosamente nada. Agora, Lever mudou um bocadinho. Não havia caixas de multibanco quando eu vim para cá, não havia supermercados, nós tínhamos que ir ao Pingo Doce a Gaia fazer compras. Falta um bocadinho, nesta aldeia, um bocadinho mais de negócio e de competir uns com os outros para dar mais oportunidade ao consumidor.”

**8. Como classifica o ambiente vivido no Bairro?**

“Agora é que você tocou no ponto fraco. Fomos todos colegas, sabe. As mulheres não trabalham, os maridos chegavam a casa e contavam tudo o que se passa ali. E elas “Ai é? Já faço um telefonema para o Porto”.

**9. Acha que existe um sentimento de comunidade entre os moradores do Bairro?**

“Pouco.”

**10. No passado, esse sentimento era menor ou maior?**

“Menor. Era mais rivalidade. Já está tudo reformado, ninguém quer saber. A questão do trabalho porque uma coisa é trabalhar e viver perto uns dos outros e outra coisa é trabalharem e viverem dispersos.”

**11. Existiam festas comunitárias? Como, por exemplo, o São João?**

“Nada.”

**12. Como eram as celebrações?**

**13. Relembra-se da rivalidade entre as duas freguesias por causa da Barragem?**

**14. Qual a sua melhor recordação do Bairro?**

“Foi sempre isto assim. Trabalho casa, casa trabalho. E pouca confiança uns com os outros. E sabe que há aqui muita gente que nem sequer tinha nada a ver com a empresa. Muitos são da EDP e há aí muita gente que caiu aqui do paraquedas e muitas casas estão ali vazias e que podia ter muita gente também. É um bocado paradoxal este ambiente do Bairro. Casas muito vazias, casas que não têm nada a ver com pessoal do EDP. Depois cria-se aqueles atritos. E muitas casas estão vazias e que podiam estar a encher e dar oportunidade a pessoas novas, a um casal novo que case e tenha um filho, uma casinha destas. E houve uma altura que se dizia que isto era mesmo para deitar tudo abaixo. Só que fomos encostando aqui e o pessoal ficou por aqui. Quer a melhor definição deste Bairro? (...) isto é um ninho de cucos. Sabe porquê? Ninguém é daqui e caímos aqui todos de paraquedas. Por isso, não há aquele sentido de comunidade, caímos aqui todos. Um é do Douro, outro é do Alentejo e caímos aqui por imposição de trabalho e ficamos aqui. Tirando esse pormenor, é gente de bem.”

**15. Quais as razões que conduziram os antigos moradores a abandonarem as suas habitações?**

“Muita gente foi viver para o Porto, melhores condições, outros por obrigações profissionais.”

**16. Já pensou em sair do Bairro? Porquê?**

“Não saio, daqui é para a morte (...) No último suspiro, ponho aqui uma cadeirinha, deito-me aqui e quero de preferência à noite para ver as estrelas e dou o último suspiro.”

**Parte II – Conservação do Bairro**

**1. Lembra-se como era o Bairro quando veio para aqui morar?**

“Quando vim para aqui trabalhar, havia mais coisas, mais gente, havia ali para baixo o Clube do Pessoal da EDP, depois também a Tâmega tinha muita gente também, havia lá para baixo havia uns tascos, havia Dormitórios. Quando vim para aqui, não vim logo para aqui, fui para os Dormitórios. Aquela curva da estrada, essa estrada não existia. E então, daquela curva, havia lá Dormitórios, parecia um campismo. Estas casas estavam entregues ao pessoal da Tâmega, do empreiteiro, para os engenheiros que era a classe operária. Isto estava mais cheio, estava. Havia ali um supermercado. O Fragata, lá em cima, era um café. Se não era o único, pouco mais havia do que aquele. Era aonde a gente ia tomar café, quem falasse mais alto era quem tinha razão(...). Aquelas casas lá em baixo, as não geminadas, eram para os engenheiros, tinham casa-de-banho privativa num quarto, tinha lareira. Aquela casa de porta aberta, chegou a ser arquivo da EDP, arquivo morto. As papeladas que eles não queriam, punham lá. Havia casas com três quartos, outras com dois. Depois aquelas isoladas é que têm sala com lareira, quarto com casa-de-banho privativa, outra casa-de-banho geral. São casas já muito muito boas (...). isto foi mais utilizado para Dormitórios, mas não era aquele operário, operário, era aquele já com um certo nível, tipo carpinteiro. Os Dormitórios, dormi lá muitos anos. Aquilo era um espetáculo, era um quarto muito bem montado, tinha 8 casas-de-banho, tinha 8 quartos de cada lado, tinham um hall de entrada com sofás. Nós dormíamos em quarto privado, cada um tinha o seu quatinho. Tínhamos o Clube do Pessoal e a Estalagem (...). Está a ver aonde está a Quina? Foram os escritórios da EDP também. Isto teve várias fases.”

## **2. Já efetuou alguma obra na sua habitação?**

“Já. Fiz umas obritas. Pouca coisa, mas fiz.”

## **3. Considera que tenha havido manutenção nas habitações por parte dos moradores do Bairro?**

“Têm. Isso é verdade, toda a gente tem preocupação. Pelo menos interiormente, aqui por fora não deixam fazer nada. A Engenheira Paisagística da EDP não deixa mexer. Há aí colegas que mexeram e depois podem ter problemas. Enquanto não vierem obras para mexer na cor, não deixam. Mas, por dentro, podemos. Pintamos. Há pessoal que

fez obras para o sótão, fizeram quartos. Tínhamos duas salas separados, deitamos paredes abaixo e fizemos sala comum, pátios. Assim umas coisinhas.

**4.A Câmara de V.N. Gaia ou a Junta de Freguesia de Lever já avançaram com algum tipo de obra no Bairro desde a sua construção?**

“Têm alguma preocupazãozita, vão limpando assim as coisas, vão fazendo o dever mínimo. A estrada é que, é esburacada. Quem tem carro, sofre um bocado. Devia ter um alcatrãozito.”

**5.Qual a sua opinião em relação ao estado de conservação atual do Bairro?**

“Degradado.”

**6. Havia alguma coisa que, entretanto, se perdeu com o tempo?**

**Parte III – O Futuro do Bairro**

**1.O que gostava que fosse diferente no Bairro?**

“Isso não sei. Talvez mais gente, mais cheio, mais juventude.”

**2.Acha que vos falta aqui alguma coisa que melhorasse a vossa qualidade de vida?**

**O quê?**

“Uma coisa para à noite se beber um café, qualquer coisa.”

**3. Considera que o Bairro tem espaços de lazer/públicos?**

Não

**a) Se não, quais espaços gostaria que existissem?**

Um centro de recreio, supermercado ou mercearia

**4.Quais são as suas expetativas em relação ao futuro do Bairro?**

“Eu vou durar pouco. Já não tenho muitas perspetivas para o futuro. O futuro é para esses jovens. Eu é deixar passar. Pode ser melhorado e muito, mas não faço ideia. Talvez mais infraestruturas para atrair gente para aqui, principalmente jovens e com outra cultura, não é esta cultura assim de Barragem. A Junta aí está a deixar passar o

comboio. As casas começam a estragar-se todas, deve haver aí casas que devem estar cheias de ratos.”

**\*Mostrou-me a sua casa**

“Isto era o corredor todo [ligação entre as salas, casa-de-banho e os quartos]. Aqui eram as duas salas separadas, deitou-se isto abaixo e fez-se aqui uma sala comum. Tem aqui uma cozinha [com azulejos], um quintalzinho, um alpendrezito [saída pela cozinha e vão de iluminação para a sala]. Aqui era uma casa-de-banho porque viviam aqui operários e eu transformei isto em dispensa. Isto ainda era grande, tinha uma sanita e, como havia muitos operários aqui, como só havia uma casa-de-banho, tinha lavatórios e eles lavavam-se aqui e faziam as necessidades. Eu tapei tudo e fiz aqui uma dispensa. Tem sótão que, muitos colegas meus, fizeram as escadas por aqui e fizeram quartos. Isto aqui era um quarto e transformei isto em ginásio. Tem aqui outro quarto, tem 3 quartos, isto é um T3. Tem um problema esta casa, as infiltrações de humidade. É o problema destas casas. E aqui é uma casa-de-banho. Isto tinha alcatifa, eu tirei e pus azulejos. Só deixei os quartos com alcatifa. Não estão más, estão muito arranjadas.

## **4. Guia de questões - Entrevistas a antigos trabalhadores da Barragem**

Do que se lembra da época da construção da Barragem?

Em que ano começou a trabalhar na Barragem?

Lembra-se em que ano/época o Bairro começou a ser construído?

Quem mandou construir o Bairro?

A quem eram destinadas as habitações?

Lembra-se de existirem outras habitações que não as permanentes, atualmente visíveis, no Bairro? Ex. os blocos pré-fabricados?

Havia hierarquização social na implantação das habitações?

Quais os materiais utilizados?

As habitações estavam destinadas apenas a trabalhadores ou a famílias?

Sabe se alguma das habitações permanentes construídas foi, entretanto, demolida?

Relativamente aos equipamentos sociais, existiram neste Bairro? Quais?

Aonde se localizavam?

Como é que os funcionários viam o Bairro?

Como era a questão de acessos?

Quem era o engenheiro/empreiteiro/ arquiteto?

Como eram as condições de trabalho?

Cada empresa tinha habitações disponíveis para os seus trabalhadores? Como eram distribuídas?

Qual a sua melhor memória desta época?

Qual a pior memória desta época?

Porque acha que o Bairro foi sendo abandonado e entrou em sucessivo estado de degradação?

O que acha que pode ser o futuro deste Bairro?

## **5. Transcrições – Entrevistas aos antigos trabalhadores da Barragem**

**Maria** – Na altura o Bairro foi feito para os funcionários que vieram começar a construção da Barragem, eram os funcionários da Tâmega. Foi a empresa da Tâmega que construiu a Barragem. E ele foi feito com essa função de os trabalhadores que eram deslocados de outras Barragens para aqui, por exemplo, do Pocinho. Vieram para aqui muitas pessoas de Vila Real, da Régua, do Pinhão. Já vinham de outras Barragens para aqui, eles garantiam-lhes habitação. Tanto é que aquele Bairro é Clandestino, nunca foi legalizado.

**Fernando** - O Bairro era, para no fim da obra, ser demolido e entregue o terreno ao dono.

**Maria** – Quando acabou a construção da Barragem, veio a Sorefame

**Fernando** - Foi aonde eu trabalhei. Foi a montagem de tudo o que era de metal. Foi as comportas, as turbinas, tudo o que era de ferro pesado foi a Sorefame que construiu.

**Maria** – Eu depois não sei se os trabalhadores da Sorefame não foram para o Bairro

**Fernando** - Não, esses não. Era só os da Tâmega e, depois, a seguir à Tâmega, vieram os da EDP. Depois a EDP deve ter comprado meia dúzia delas. (...) Recentemente, a Câmara ofereceu ao Centro de Dia. Os que estão lá a viver, são da EDP.

(...)

**Maria** - Estão lá dois irmãos que parece que compraram, tanto que elas estão restauradas. As outras é que estão, são da EDP, estão ali a viver

**Fernando** - Para aí uns quatro ou cinco casais. O resto está tudo fechado

**Maria** - Aquilo nem tem arruamentos em condições, nem nada. Os arruamentos são em terra, não tem o mínimo de condições e infraestruturas. Não sei, devem ter água e luz.

**Fernando** - Pelo menos água e luz têm. Não devem ter saneamento. Só se tiverem, entre eles, em determinada caixa.

**Maria** – Tanto é que cá em cima, à beira dos Gaiatos, há uma casa que não está habitada porque está no terreno do proprietário.

**Fernando** - Há ali uma, logo na curva, que ficou mais em cima da rua.

**Inês** – No caso das casas, inicialmente eram só trabalhadores que moravam lá ou vinham com as famílias?

**Maria** – Traziam. Tanto que a maior parte... há muita gente casada aqui em Lever que vieram e ficaram aqui.

**Inês** – Então as casas não eram só para trabalhadores solteiros?

**Maria** – Era para as famílias porque as famílias vinham juntamente com eles. Famílias grandes. (...) Uns vinham sozinhos, outros vinham com as famílias, dependia.

**Inês** - Lembra-se em que ano/época o Bairro começou a ser construído?

**Fernando** - Foi ali mesmo em cima, foi em cima dos acessos à Barragem, quando começaram a abrir as ruas, a fazer as ruas. Eu digo a rua para baixo, tudo isso, os acessos à Barragem porque não havia acessos nenhuns lá abaixo ao rio, teve que ser de cima para baixo, foi em 77. Começou em 77. E logo aí começaram a construir o Bairro, certamente que é aí que começa o decorrer. Essas datas nunca se esquece, nunca se esquece da nossa memória. Foi em 77 que começaram a fazer os acessos à Barragem. Eu fui para a Barragem em 82, estive lá até 85. (...)

**Inês** – Da altura da construção da Barragem, lembra-se se as outras Empresas tinham aqueles pré-fabricados para os trabalhadores?

**Fernando** - E não só. E cantinas e tudo, era tudo em pré-fabricado.

**Maria** – Ainda há pouco tempo existia um, ele ardeu agora com o incêndio. Ali à entrada

**Fernando** - Aquele em baixo, na curva grande que dá para baixo. Naquele fundo, havia lá um da EDP. A cantina dos trabalhadores, era aí nessa curva grande. Era grande porque eles eram muitos. A EDP tinha muita gente.

**Maria** – Os outros não tinham, eles vinham comer cá em cima, à altura, ao Fragata.

**Fernando** - Comiam também no Américo que é essa tal cantina fabricada. Já mais para a parte de baixo. Era abaixo de onde tem agora o Miradouro. Era ali naquela encosta. Era aonde o Américo tinha a cantina deles.

(...)

**Inês** – Lembra-se de quantos trabalhadores estavam a trabalhar ativamente na sua altura?

**Fernando** - A Tâmega tinha muito trabalhador aí, mas ao certo não sei. Uns 200, 300. Ela quando começou a ser mesmo... aquilo era dia e noite.

(...)

**Inês** – O Bairro era destinado a quem?

**Maria** – Encarregados, Engenheiros.

**Fernando** - O tal Bairro chegou a ter, tipo um mercado, chegaram a fazer. Um mercado pequeno, uma loja de mercearias para eles, para abastecer o Bairro

**Inês** – E os trabalhadores das classes mais baixas ficavam nos pré-fabricados?

**Fernando** - Não, era mesmo no Bairro construído. Tem lá muita casa e não parece. Para aí 52.

**Inês** – 54. Agora não tem 54 porque as primeiras 4 penso que foram demolidas.

**Fernando** - Foram demolidas, é isso. Agora, o escritório, o refeitório deles, isso é que era tudo em pré-fabricado. Desapareceu tudo. Acabou a obra e desmontaram tudo.

(...)

**Maria** - A prima Alice chegou-nos a falar que eles tinham uns projetos muito elaborados para a Barragem, depois não fizeram nada.

**Fernando** - Era para a troca e até hoje não fizeram nada. (...) O que fizeram foi a Junta e a GNR, em troca. Material vinha tudo de lá para se fazer. O resto, tudo o que foi prometido, até hoje. Era o que era mais fácil, o que eles tinham à mão. Agora fazer, fazer. Até que nem foram eles que fizeram, não é? Davam o material e depois desenrascai-vos. É tudo letra, é só promessas e mais promessas. Leva-as o vento. É uma vergonha.

**Inês** – Nestes Bairros costumava haver equipamentos sociais, no caso de Lever não existiam tantos pois estava mais perto da freguesia propriamente dita. Noutros Bairros existiam, por exemplo, escolas, mercados, havia mais coisas.

**Fernando** - Porque ficavam longe de tudo, aqui não. Aqui, eles vinham, mesmo a Sorefame, chegava a vir com eles cá em cima de carro e almoçava. Eu vinha com eles de carro. Ou iam ao Orion ou iam ao Salvador ou ao Senhor Henrique, à mercearia. Vinham almoçar.

**Maria** – Vinham fazer as compras ao Senhor Henrique, à mercearia, que já não existe.

**Fernando** - A casa que foi abaixo.

**Maria** – Iam ali à mercearia fazer as compras e faziam a vida deles toda aqui por cima. Vinham ao futebol, frequentavam aqui o espaço. Frequentavam mais o espaço aqui em cima.

**Fernando** - Sim, sim. E mesmo para o lado de Crestuma, ia um ou outro, mas era raro.

**Maria** – Não pendiam muito.

**Fernando** - Eles passaram a fazer a vida deles aqui.

**Inês** – E na altura como é que as pessoas viam o Bairro, as pessoas que lá trabalhavam e o ambiente? Havia assim alguma opinião sobre isso?

**Fernando** - Na altura havia a opinião de que o Bairro era só para aquele tempo, um tempo curto.

**Inês** – Achavam que ia ser demolido quando chegasse ao final?

**Fernando** - Sim, até porque a construção é fraca. Os que vivem lá, certamente, já fizeram muita obra. Eles para viverem lá e para estarem lá à vontade, certamente, ou gastaram o dinheiro para ficar com elas, mas o que gastaram não deve ser assim.... certamente devem ter feito melhorias dentro. Para estarem lá dentro, sentem-se bem. Aquilo só tem uma parede, era só uma parede de bloco.

**Maria** – Nós, uma vez, chegamos a entrar dentro de uma. Chegamos a ir lá. Tinha uma cozinha, uma casa-de-banho, dois quartos, uma salita.

**Fernando** - Era o mínimo.

**Maria** – E tinha uma lavandazita ao lado ou tanques cá fora.

**Fernando** - Tem aquela varandazita e, ao lado, um tanque.

**Maria** – Não eram assim grande coisa. Deve haver uma ou outra que tenha 3 quartos, mas a que nós fomos tinha 2.

(...)

**Maria** – Eles quando concluíram a Barragem, eles ainda deram aquele espaço por cima da Barragem que até semearam lá tremoços. As pessoas iam para lá ao domingo passear, depois fecharam tudo outra vez. Deixaram andar.

**Fernando** - Não fizeram nada nada. Não deixaram nada. Tinha lá uma praia enorme, uma praia de rio. Tão grande ou maior do que a praia de Avintes. Avintes tem lá uma praia enorme. E ficou alguma coisa em troca? Não ficou nada. Não era de ter ficado na encosta uma piscina ou um espaço de lazer? Em troca, não é? A Alice é que deve saber. Foi prometido e não se fez nada.

(...)

**Inês** – Lembra-se do nome do Engenheiro ou do Arquiteto que estivesse associado ao Bairro?

**Fernando** - O Coimbra era o da EDP. Na altura da placa, esse chegou a ser apertado mesmo. Nem sei se o prenderam lá nos escritórios, na altura.

(...)

**Fernando** - A Barragem era para ser feita em Atães. Não deu, subiram e depois Crestuma. Crestuma, aquilo foi de nome só. Porque agarrou fora de Crestuma. (...) Eles sabiam que não dava. Ainda chegaram a montar uma coisa, uma casota e chegaram a montar um cabo de uma ponta à outra. Era mesmo em frente ao Paiva, daquele lado, a fundição que tem daquele lado do rio. Eles sabiam bem que não dava e deu mais acima... 900 metros ou 1000 metros, mais coisa menos coisa. Mas ficou Crestuma porque as papeladas e os nomes e os dinheiros, mas não. Depois juntaram Lever para amaciar a coisa. Um dia destes, vendem aos chineses e os chineses mudam a coisa. Eles estão a vender Barragens e depois... mas é possível. (...)

**Inês** – Como é que eram as condições de trabalho na altura?

**Fernando** - Isso é muito relativo. Eles, certamente, usavam a segurança que existia na altura ou fraca ou boa, era o que havia na altura porque eles tinham.. e a EDP que estava a pagar à Tâmega, a obra. A EDP era só fiscais, só tinha gente a fiscalizar a obra de dia e de noite. Só que depois começou a vir, mais para o fim da obra, os da EDP. Mas a EDP, a empresa mãe, tinha os seus homens mas era a fiscalizar a obra. A obra não nasceu assim.

Era os homens de capacete branco, os outros era de capacetes amarelos. Para distinguir mesmo. Eles se viam os capacetes brancos, punham-se logo ali à cuca.

**Maria** – Claro que morreram ali algumas pessoas, mas isso... nem morreram muitos.

**Fernando** - Um ou outro devem ter ficado durante a noite e nem deram por ela. Aquilo era massa até dizer chega. E depois a massa parece água porque tem aqueles mergulhadores para pôr a massa líquida que é para encher bem, ficar perfeito o cimento. Não pode ficar falhas.

**Inês** – Do que se lembra da Guerra das Placas?

**Maria** – Foram as pessoas que se começaram a revoltar com a situação de, pronto, começaram a ver se está aqui, tem o nome dali? Depois meteram as Juntas ao barulho e as Câmaras e eram as pessoas umas contra as outras. Os daqui com uma ideia, os de outro lado com outra ideia. Embora soubessem que não era verdade, continuavam.

**Fernando** - O erro que eles cometeram aqui, já tinham cometido noutras Barragens por aí fora. Os trabalhadores que vinham de outras Barragens também diziam o mesmo, a Barragem está num sítio e ela pertence a outro, ou melhor, não foi só aqui que cometeram este erro. Cometeram vários erros por aí fora.

**Maria** – E depois temos esta coisa da rivalidade entre as freguesias, toda a vida.

**Fernando** - E ninguém gosta. Porquê que eles não vão ao sítio ver, como é que está isto. Isto pertence a quem e é aonde? Agora, porque não deu aqui, nós vamos para ali sem dar cavaco às tropas. Não é assim. Agora constrói-se uma casa. O terreno é pequeno, então vamos para cima daquele terreno que está ali, que é de outro. É mais ou menos aquilo que eles fazem ou fizeram. Porque há que ir aos sítios saber. Pertence a quem? Queremos saber, pertence a quem isto? E sempre houve confusões.

**Maria** - E depois também há uma coisa, as pessoas de Crestuma metem-se em tudo. Estavam metidas em tudo. Metem-se em tudo o que é buraco. Como estavam lá metidas, puxaram a sardinha para a brasa deles. Quando os daqui descobriram, já tinham dado o nome. Depois quando as pessoas foram pedir satisfações, ainda tiveram mais que dizer. Foi quando as pessoas se revoltaram. Isto foi uma revolta geral, não foi só um ou dois. E, depois claro, as Juntas mexeram-se. Quem está à frente tem que se mexer. Mas foi uma revolta, foram mesmo as pessoas que se revoltaram, umas contra as outras. Faziam

piquetes. Uma vez foram, um sábado, chegaram lá e eles estavam lá com armas, os de Crestuma. Foram ao outro lado e tiram-lhes as armas. Quando viram que não conseguiram, chamaram a polícia. Arranjaram a melhor maneira. Eles é que chamaram a polícia, não foi mais ninguém.

**Fernando** - Foi polícia, veio tropa, veio cães.

**Maria** – Foi uma guerra. Veio jornais. Eu tenho aí jornais, tenho vários. Também quem tinha muitos jornais, na altura até tinha feito uma espécie de arquivo, era o Neco Vidinha. Ele na altura parece que tinha feito isso tudo arquivado, tudo direitinho, da época.

(...)

**Fernando** - Polícia de choque com cães, fogo. Até metia medo.

**Maria** – E depois, quando não conseguiam, vinham com máquinas para derrubar.

**Fernando** - Mas nunca limparam tudo tudo.

**Maria** – Porque ela está lá. Está virada para cima, com as letras viradas para cima.

**Fernando** - As primeiras, com as máquinas, algumas ainda foram lá para baixo para o rio. Devem estar lá nas beiras.

**Maria** – Está lá uma, no rio com as letras.

**Inês** – A placa era colocada aonde?

**Fernando** - É na curva, mesmo. É antes de chegar ao murete que tem lá, é aí, do lado direito de quem desce.

**Maria** – Para cima tem um muro. A placa era lá colocada porque esse terreno pertence ao Doutor Gonçalo

**Fernando** - Aqueles muros antigos, com pedra.

(...)

**Inês** – O que acham que pode ser o futuro para o Bairro?

**Maria** – Não sei, é complicado, porque na altura nem sei se aquilo chegou a ser propriedade mesmo da Tâmega ou se, na altura, quando a EDP comprou o terreno. Expropriava os terrenos.

**Fernando** - Aquilo nem era comprar, era roubar.

(...)

**Fernando** - No tempo que eu andei lá, quando acabou a Barragem, haviam de estar a pegar noutra. Eles, depois daqui, foram para o Torrão, que é o Tâmega que vem desaguar ao Douro. Depois do Torrão, foram para o Alto do Lindoso.

(...)

**Fernando** - Eu cheguei a fazer de dia e de noite. Davam a possibilidade de vir descansar, de manhã, a ganhar na mesma. Eu descansava a manhã e voltava outra vez e era sempre siga. Toda a noite. Porque havia prazos para entrega e eles então... a EDP é que forçava os contratos com as empresas, não é? Tinha aqueles prazos, se não depois revertia ao contrário, eles tinham é que pagar de não cumprirem.

**Maria** – E quando aparecia aqueles fins-de-semana grandes em que eles iam à sexta-feira e só vinham na terça, havia feriado à segunda. Tu tinhas que ir lá pintar. Cheguei a ir lá contigo, à noite, tu ias lá ao fundo. Entravas lá por um buraco e eu ficava cá em cima. (...) Ele fazia o que tinha a fazer e vinha para cima e nós íamos embora. Íamos à noite, mesmo assim de Verão, íamos a pé.

**Fernando** - Onde tem as turbinas, nós andávamos lá dentro, nas turbinas. E à frente eram as empenas, para a entrada da água, é que faz a circulação da água. Cria a energia. (...).

**Maria** – E uma vez que vieram umas máquinas. (...) Foi as turbinas não foi? Os camiões não passavam, ui, as pessoas todas na rua a ver os camiões a passar.

**Fernando** - Tiveram que cortar a varanda da minha tia. Era da Sorefame, eram as turbinas e comportas.

**Maria** – Aquilo era um camião enorme e muito alto. Quando foi das turbinas... o pior é quando os mandavam para a praia e depois eles não saíam de lá. Outras vezes, vinham por Seixo-Alvo, enganavam-se, mandavam-nos meter por lá abaixo. Coitados. Não havia variante, só havia esta estrada, não havia outra. Por isso, é que as turbinas vieram pela zona de Canedo, pela Feira. Não era uma estrada tão larga, mas tinha mais... eles ocupavam a estrada toda, ninguém podia estar na estrada. Vinha a polícia à frente, não podia estar nada na frente. E mesmo ali, ao Santo, ainda não era tão largo. Lá em baixo, no portão vermelho, também não era tão largo, a rua era mais estreita. Era tudo mais

estreito e ainda tinha os muros altos, era tudo muito mais estreito. Mas foi um dia de festa, as pessoas às varandas a ver a passar o camião com as turbinas.

(...)

**Fernando** - Eles de três em três meses, acho, eles tinham uns dias para casa e estar em casa com a família. Não sei se eram 15 dias ou à volta disso. Ficavam todos contentes quando chegava a essa altura de eles irem. Era uma festa porque alguns até passavam aqui o fim-de-semana todo.

**Maria** – Eram quase todos de Lisboa.

**Fernando** - Ah, eu esqueci-me. A Sorefame montou, sim, pré-fabricados para os homens da Sorefame, daqui deste lado, onde eles agora têm um laboratório. Quem desce da Igreja para baixo, do lado esquerdo. Fizeram aí, não sei se foi três ou quatro, compridos. Agora não tem lá nada. Devem ter arrancado para outros lados. Estava-me a esquecer disso, do outro lado era da Tâmega e, deste lado, construíram no terreno que era da EDP. E eles sabiam que, quando acabasse, levavam. Do outro lado, embora fosse para demolir, deixaram ficar. O sítio é bonito.

**Maria** – Na altura, quando acabou a Barragem, houve muitas pessoas que quiseram comprar as casas, mas não estavam legalizadas. Não havia legalização, as pessoas não iam investir o seu dinheiro. Depois não fizeram nada. Agora, acho que deram ao Centro de Dia.

(...)

**Fernando** - Para legalizar não é assim... Não é de um dia para o outro. É que depois é luz, é saneamento, é arruamentos. Sai tudo da boca para fora.

**Maria** – É preciso de saber de quem são os terrenos. Ninguém constrói uma casa no terreno dos outros. (...)

**Alice Pinho. Entrevista concedida a 2 de abril de 2022.**

**Inês** – O que se lembra da época da construção da Barragem?

**Alice** – Eu fui para lá em 80. Foi em 80. E aquilo ainda estava mesmo no princípio. Do que eu me lembro é de terem o rio drenado. O rio estava, portanto, em duas partes. O meio era toda aquela terra debaixo do rio e lembro-me de andarem a construir, a pôr betão, as vigas de ferro, essas coisas todas. É isso que eu me lembro, é dessa parte. Quando eu fui lá trabalhar, era assim que estava. Mas eu fui para o escritório.

**Inês** – E já existia o Bairro, na altura, quando foi para lá trabalhar?

**Alice** – Já.

**Inês** – O Bairro tinha sido construído mais ou menos quando?

**Alice** – Eles construíram logo no princípio. Foi logo quando começaram a fazer as primeiras obras de perfuração, dessas coisas todas. Eles já tinham tudo preparado. Começaram a construir o Bairro, construíram cantina. Estava tudo pronto. Fizeram logo tudo direitinho. Estava tudo espetacular, muito bonito. Estava tudo muito ordenado.

**Inês** – O Bairro era para quem?

**Alice** – Era para os trabalhadores. Quer fossem trabalhadores da EDP, quer fossem trabalhadores da Construtora do Tâmega. Era só para trabalhadores e famílias se tivessem e quisessem trazer.

**Inês** – E os trabalhadores solteiros? Também ficavam nessas casas?

**Alice** – Tinha lá muitos que eram de longe e ficavam aqui. Outros, nem tanto. Tinha colegas que eram de Penafiel, por exemplo, e iam e vinham todos os dias.

**Inês** – E existiam aqueles pré-fabricados, da espécie de Dormitórios, no Bairro?

**Alice** – Existiam.

**Inês** – Era também para a EDP e da Tâmega?

**Alice** – Sim. Era mais para os da Tâmega até. E os Bairros, por aquilo que eu me lembro e eu sei, os Bairros eram da EDP, pertença da EDP.

**Inês** – Para além da cantina, lembra-se se existiam outros espaços?

**Alice** – Existia. A cantina tinha isso tudo. Tinha o bar, tinha a cozinha, tinha a cantina que era em L e era toda envidraçada. A vista total... com vista total para o rio e para a obra. E tinha uma sala de convívio em que tinha a parte de jogos e tinha uma televisão.

**Inês** – E lembra-se de uma Pousada?

**Alice** – Era um bocado o nome que eles davam também. Era o nome dado. Porque conviviam imenso ali. Depois só saíam para as casinhas ao lado para irem dormir. A Pousada ficou porque havia a ideia de fazer daquilo, de facto, uma Pousada. Toda a zona tinha um estudo de aproveitamento turístico. Eu vi, em mapas, a parte do rio. Aquilo que estão a construir agora de Gaia e tencionam vir até aqui a esta zona, aquele passadiço todo, isso já estava em projeto na altura. E tinha um abarcadouro e uma zona turística em toda a zona da Barragem com restaurantes, bares e tudo isso. Ainda falavam em Dormitórios. Lá está, a coisa da Pousada. Ainda que ela tivesse já uma construção que valorizasse a paisagem. Já era a pensar um bocado nisso. Eu vi esses projetos realmente, vi. Eu lembro-me, inclusive, de falarem de árabes, de grandes investidores árabes que estariam interessados em toda esta zona, do aproveitamento turístico desta zona. Era o que falavam na altura. De facto, o projeto era maravilhoso. Eles tinham um ancoradouro para barcos, estava tudo previsto ao pormenor. Era muito bonito. Conforme está o monte, que sobe, e depois fica o rio ali em baixo... toda esta paisagem eles iam aproveitar tudo. As próprias casinhas que iam construir para os trabalhadores, seria para aproveitar para habitação de férias, para turistas. O restaurante, pousada/convívio, tudo isso seria depois reaproveitado e reformulado de forma a valorizar o espaço, ser mais atraente para os turistas.

**Inês** – Dentro daquilo que é as habitações, lembra-se se existia algum tipo de hierarquização social?

**Alice** – Havia um bocado apenas porque muitos dos Engenheiros da Barragem eram da zona do Porto. Portanto, eles iam e vinham. Não tinham que ficar aqui. Ao Porto ou perto. Tinha uns colegas meus que eram de Penafiel e arredores e iam e vinham. Mas de facto isso era pensado, de facto, nesse sentido. De facto, era os que não tinham outra forma de habitar por cá. Em vez de estar num hotel. Pelo que eu ouvia dizer, havia casas melhores do que outras. E as melhores eram para os Engenheiros e outros que tais que fossem de muito longe. Eu ouvia dizer isso. Não conheci nenhuma por dentro, não sei.

(...)

**Alice** – Mas aquelas mais pequeninas que não tinham nada eram para os homens. Partiram logo, do princípio, que os homens não iam valorizar isso do jardim e não sei o quê. Tinha que ser uma coisa mais prática, era entrar e sair.

**Inês** – Para as famílias ficaria a parte mais vedada?

**Alice** – Exatamente.

**Inês** – Existiam mais habitações no Bairro? Ou só aquelas é que foram construídas?

**Alice** – Não, não me lembro de mais. Até porque quando eu comecei lá a trabalhar, o número de habitações era menor até. Elas foram aparecendo ao longo do tempo à medida que a Barragem ia progredindo e eram necessários mais trabalhadores.

**Inês** – Retomando ao assunto da cantina, sabe aonde ela se localizava?

**Alice** – Pois, isso eu tenho olhado para a colina com saudade porque, de facto, aquilo desapareceu. De facto, desapareceu. Aquilo era numa zona completamente arejada, não tinha casas à volta, não tinha nada. Era abaixo do Bairro. E ficava mesmo por cima, portanto, da parte central da Barragem, da eclusa. Nós víamos isso tudo, tinha uma vista ampla. Era na zona da colina, agora está cheia de ervas e mato e árvores, essa parte aí. Portanto, não tanto, à medida que se desce, mas na parte aonde se começa a descer para a Barragem.

**Inês** – No terreno da curva?

**Alice** – Era, era nessa zona. A sala da parte do restaurante era em L. Portanto, abrangia toda aquela zona.

(Mostrada a foto recolhida)

**Alice** – Nós entrávamos por aqui. Eu tenho ideia que é isto. Toda esta zona, entrávamos por aqui, era o salão que tinha o bar, os jogos e a televisão. E toda esta zona e a parte traseira era tudo envidraçado. Eu tenho ideia de que é isso. É porque nunca mais vi nenhuma outra construção similar por ali.

**Inês** – Como é que os trabalhadores viam o Bairro? Achavam que ia continuar lá, ia ser demolido após as obras terminarem?

**Alice** – Não, eles tinham essa ideia mesmo de que aquilo seria para aproveitamento turístico. Toda a gente falava disso, toda a gente sabia disso.

**Inês** – Em termos de acesso, já existiam estes dois acessos que existem agora?

**Alice** – A estrada?

**Inês** – Sim.

**Alice** – Todas essas estradas foram construídas pela EDP para facilitar o trânsito de maquinarias porque eram coisas absolutamente gigantes e eles não podiam vir por Crestuma que era a via tradicional. Seixo-alvo, Crestuma. Experimentaram a primeira e a única vez. E depois tiveram que desmontar o camião às peças porque ele ficou lá encravado numa das curvas e aquilo foi uma trabalheira enorme. Tiveram que desmontar. Eu lembro-me que era uma coisa gigante, do tamanho de uma casa, era assim uma coisa enorme que vinha em cima do camião. O camião vinha por lá abaixo e, a certa altura, ficou encravado numa curva. Depois tiveram que desmontar todo aquilo que o camião desmontava, mais o camião.

**Inês** – Eu li essa notícia. Era uma coisa de betão que tinha imensas toneladas. Vinha da Amadora, da Sorefame. Demorou imensos dias e tinha escolta policial por ser uma coisa gigantesca e quando chegou aqui perceberam que não passava.

**Alice** – Exatamente. Então, a EDP rapidamente conseguiu fazer a estrada. A 222, a variante. E foi a EDP que construiu todos estes caminhos novos. De outra forma não teria hipótese. Para vir do outro lado, do lado de Gondomar, não havia possibilidade porque as obras começavam deste lado. Tudo o que viesse, tinha que vir por este lado.

**Inês** – Lembra-se quem era o Engenheiro da Barragem?

**Alice** – O Engenheiro que estava aqui permanente era o Engenheiro Coimbra que era um homem fabuloso. Depois vinha um de Gaia que era o Engenheiro Paupério. Aqui tinha um outro Engenheiro que era Telmo, o Engenheiro Telmo, mas era um moço novo nos seus vinte e poucos anos. Assessorava o Engenheiro Coimbra e outros que vinham, mais experientes, que vinham visitar a obra.

**Inês** – Havia algum Arquiteto envolvido no Projeto? No caso do Bairro, por exemplo?

**Alice** – Não. Eu sei que vinham as placas pré-fabricadas. Eles só faziam a base em betão. Vinham as placas e encaixavam tudo e, de repente, estava uma casa feita. Era uma coisa... era tudo feito muito a correr. Aquilo que normalmente cá em Portugal, aquilo estava tudo extremamente organizado e extremamente pensado e foi tudo feito muito rápido. Os trabalhadores chegavam e já tinham tudo pronto. Água, luz, já estavam com tudo.

**Inês** – Como é que eram as condições de trabalho?

**Alice** – Tínhamos os escritórios que eram na parte inferior. Portanto, tinha a descida. Nós subíamos e tínhamos que ir de carrinha. Eles tinham um sistema muito organizado, eles tinham motoristas. E os motoristas tinham a sua tarefa e nós tínhamos que ir de carrinha. Eu que morava aqui, a dois minutos a pé do escritório, era obrigada a esperar pela carrinha para ir trabalhar e vir embora.

**Inês** – Por questões de segurança?

**Alice** – E também por organização da própria empresa. Eu cheguei a sair daqui e atravessava o monte. Porque o escritório, em linha reta, descendo o monte, ficava aqui logo abaixo da casa. Eu descia o monte e fui chamada ao Engenheiro Coimbra por causa disso. Era contra as regras da empresa. Os trabalhadores vinham aqui ao café. Quando queriam vir, vinham de carrinha normalmente. Era uma coisa muito organizada.

(...)

**Inês** – Relativamente ao projeto turístico, chegou a ser noticiada numa notícia de jornal.

**Alice** – Eles limparam todos os terrenos, compraram e limpar todos estes montes, tudo não sei o quê. Limparam isto tudo porque já estava previsto isto.

**Inês** – Voltando às condições de trabalho.

**Alice** – Ah sim. As condições de trabalho eram excelentes. Os escritórios, eu trabalhava na parte em que fazíamos o controle do betão, do ferrão, de tudo o que era preciso para a obra. Portanto, nós controlávamos quanto peso tinha entrado, qual o valor, o kilo, e quantas toneladas e mais não sei o quê. Tudo aquilo que não tinha nada a ver comigo porque eu era mais virada para as letras. Mas aprendi rapidamente. Tinha lá o chefe do escritório da minha área, usava uns manguitos, mesmo tipo antigo. Usava uns manguitos. E era uma pessoa com uma cabeça fantástica, ele fazia as coisas todas de cabeça por muitas toneladas que fosse. Ele conseguia fazer mais depressa do que eu na máquina de

calcular. E tudo com papelinhos, fichas, cada item tinha a sua ficha, com fichas de cores. Depois, qualquer dúvida, os Engenheiros vinham sempre aquele setor perguntar. Para qualquer zona da Barragem, tinha uns códigos. Quantas toneladas é que foram afinal pedidas? E quantas é que gastamos até ao momento? Todo esse controle passava por ali. Ao lado, tinha uns Gabinetes dos Desenhadores. Qualquer coisa que fosse preciso alterar no Projeto, de acordo com os Engenheiros, eles estavam lá e alteravam no momento. E logo, no momento, tudo era pedido de acordo com as alterações. E depois era o Gabinete dos Engenheiros. Era tudo no mesmo pavilhão, tudo corrido.

**Inês** – E os trabalhadores reivindicavam algum direito que achavam que não tinham?

**Alice** – Com os trabalhadores da EDP nunca ouvi nada, nunca houve nada. Com os trabalhadores da Tâmega, era depois a Tâmega que tinha que responder à EDP caso fosse necessário. Mas que me constasse... o meu irmão também trabalhou, começou lá a trabalhar na Construtora da Tâmega e ele nunca falou nada. Eles eram muito bem pagos, todos eram muito bem pagos. E depois tinham as cantinas, tinham toda aquela série de apoios.

**Inês** – Cheguei a ver uma notícia de uma greve dos trabalhadores que queriam que os preços da cantina baixassem. Mas não durou muito tempo.

**Alice** – Eu trabalhei lá durante um ano, em 80. Nunca paguei uma refeição. Pode ter sido no início. De facto, não pagava a refeição ou então ela seria debitada no recibo. Mas não, nunca dei por ela. A gente era muito bem paga, mesmo os que nos serviam à mesa que eram funcionários da EDP e andavam rigorosamente fardados. As mulheres traziam um vestido preto com avental branco. Aqueles aventais com bordados, aqueles aventais com rendinhas ou bordado inglês. E os homens, calça e colete com camisa branca. E serviam com todas as etiquetas. Eles tinham que trazer um guardanapo, uma coisa assim, uma toalha no braço e serviam-nos. Vinham com a travessa e eles serviam-nos, eles próprios. Era tudo cheio de etiquetas. Eramos servidos à mesa, na altura em que eu lá estava. E todos eles eram funcionários da EDP, os cozinheiros, os funcionários de bar, os funcionários da sala do restaurante, eram todos funcionários da EDP. E a comida era excelente. Por exemplo, peixe, todos os dias os cozinheiros iam à lota. Tudo fresco. Nós escolhíamos no dia anterior, sempre. Tinham senhas, uma cor-de-rosa, uma verde e uma branca. Branca era a de dieta, verde peixe, cor-de-rosa carne. Cada um de nós, antes de

regressar ao trabalho, escolhíamos a senha. Eles ficavam, tinham um picotado e depois eles ficavam com o outro bocadinho de picotado. Mediante isso, as coisas eram compradas. O cozinheiro ia à lota, em Matosinhos, e trazia o peixinho todo fresquinho sempre. Tinham os motoristas e iam com motoristas. Em termos de cozinha, aquilo era excelente. Ao nível de qualquer bom restaurante que anda por aí. Era muitíssimo bem confeccionado. E sobremesas... tínhamos sempre a sopa, prato de carne, peixe ou dieta. E de sobremesas, tínhamos sempre três hipóteses à escolha. No mínimo duas, sempre. E o café incluído.

**Inês** – As refeições eram apenas ao almoço? Ou também ao jantar?

**Alice** – Os que moravam lá tinham também à noite. Havia muito homem sozinho. Portanto, eles comiam na cantina.

**Inês** – O que se lembra da altura da Guerra das Placas?

**Alice** – Os trabalhadores não se envolveram. Brincavam, lançavam piadas, mas não entendiam muito bem. Mantiveram-se sempre à parte. Só faziam piadinhas e mais não sei o quê. Mas nada que fosse do género de ofender porque havia muita gente lá a trabalhar que era de Lever e muita gente que era de Crestuma. O convívio era muito bom, muito são. A coisa era mesmo só entre habitantes. Não me lembro, no que tempo em que eu lá trabalhei, e eu moro aqui. A Barragem está abaixo da minha casa, não é? Não me lembro de os habitantes irem para lá fazer estragos. Não propriamente. Faziam muito nesta estrada, a meio caminho entre Crestuma e Lever. Normalmente, encontravam-se ali. Atiravam umas pedras, insultavam-se uns aos outros e arrancavam cabelos e partiam narizes. Pronto, e a coisa ficava. Mas, depois, estava tudo bem na mesma. O pessoal namorava na mesma entre si, casavam entre si. Estava tudo bem. Segundo as pessoas mais antigas, sempre existiu.

**Inês** – Como é o caso da Fiação.

**Alice** – A questão é que, segundo a minha análise, as pessoas achavam que iam ter um ganho muito grande com a Barragem. Era o suposto. A Barragem era, realmente, para ser construída em Crestuma. Eles foram andando andando. Como a rocha infiltrava, tinha muita água... eles não conseguiam e foram subindo. E aqui foi o sítio ideal para construir a Barragem e foi aqui que ficaram. Mas todos os documentos já estavam feitos, todo o

investimento estrangeiro já estava feito mediante os nomes de Crestuma, só. Alterar toda essa documentação para dizer que não é em Crestuma e é em Lever, iria demorar muitíssimo o início da obra, outra vez, e haveria muito dinheiro que seria perdido. Portanto, não justificava para a perda económica que iria ser, não justificava. A EDP tentou arranjar ali e alegrar todas as partes e foi isso que ela fez. Crestuma-Lever, acrescentou. Não foi do agrado nem de uma parte nem da outra. Os de Crestuma porque não queriam o nome de Lever a seguir e, os de Lever, porque queriam só o nome de Lever. Mas não podia ser, não podia ser de outra forma. Mas, de facto, a trabalhadeira que iria dar para reformular toda a documentação outra vez (...). Mas as pessoas não entendem isso porque as pessoas sabiam e toda a gente dizia “Isto vai dar muito dinheiro aqui na terra. E a terra vai ter um nome muito grande e toda a gente vai conhecer a nossa terra no estrangeiro”. Esse era o problema. Crestuma, porque precisava, porque é aquele presépio... é muito difícil ali fazer alguma coisa porque é um presépio, por isso, seria muitíssimo bom. E, Lever, tem condições muito melhores em termos de se expandir. Seria conveniente para Lever só. Como se veio a ver, nada foi avante. Ninguém ganhou.

**Inês** – E continuam sem projetos.

**Alice** – Pensando bem, não houve lucro para nenhuma das terras. O tempo que demorou a Barragem, isto não cresceu por aí. Havia merceariaszitas que já existiam e cafés que já existiam. Abriu mais um ou dois talvez. Nunca enriqueceram.

**Inês** – O que acha do estado atual do Bairro?

**Alice** – Por acaso, causa-me assim uma certa coisa. Eu sabendo dos projetos que existiam para aquilo e sabendo como aquilo estava tudo tão bonito e tão organizado, cheio de flores. As casinhas que tinham jardins, estavam cheias de flores. As ruazinhas, não é? E vendo agora... ervas com um metro de altura, mato, cobras, tudo por ali for. Quer-se dizer, penso porquê que destruíram o monte que era tão bonito para isto agora estar assim. É o facto de tanta coisa para dar em nada.

**Inês** – As casas estão a degrada-se.

**Alice** – E as pessoas que lá estão foram ficando. Já com a Barragem, ficaram por aqui. Gostavam de estar aqui, ficaram por aqui, pronto. E depois, em termos de trabalho, eles podiam desenvolver os trabalhos nos escritórios da EDP. Iam e vinham. Era rápido.

Outros tomaram de assalto as casas, eram pessoas que nunca trabalharam na Barragem, nunca pertenceram a nenhuma das empresas, mas depois acabaram por tomar de assalto e por lá ficaram. Aquilo sempre existiu água e a luz e não tinham que pagar a ninguém porque aquilo era tudo por conta da EDP e assim foi ficando.

**Inês** – E não sente que agora é esse o problema? Aquilo permaneceu tudo ilegal. Não têm saneamento, não pagam a luz, a água, a casa. E agora está a ser um problema porque querem legalizar e está a ser muito difícil. Há promessas, mas não há desenvolvimentos. Alguns investiram na casa, mas há sempre o medo de perder o dinheiro depois do investimento.

**Alice** – E de certeza que não têm outro lugar para onde ir, foram ficando por aqui.

**Inês** – O que acha que pode ser o futuro para o Bairro?

**Alice** – Eu vi a notícia, de facto, que a Segurança Social, quer a Câmara de Gaia, estavam interessados e queriam tomar conta daquilo e desenvolver e fazer obras. E dar as casas e alugar as casas com rendas muito baixas para pessoas necessitadas, foi isso que eu ouvi. O que seria, de facto, uma grande ideia, mas não sei. Nada avança. Mas seria essa a ideia, pelo menos aproveitavam aquilo. Aquilo tem um potencial muito grande.

(...)

**Alice** – Lá, naquelas casas, já há gente com muita idade. Gente com dificuldades de mobilidade. Portanto, mais dia menos dias e, sejamos realistas, essas casas vão ficar vazias também. As pessoas vão morrer. (...)

**Inês** – Ainda são 50 casas.

**Alice** – Seria muito bom aqui para a freguesia. Eu fiquei com essa esperança quando vi essa notícia porque tenho muita pena. Lembrando-me de como aquilo era e de como aquilo está, de facto (...). Tudo foi abandonado, tudo foi deixado. E os que ficaram aqui a morar, ficaram porque de facto começaram a gostar mesmo de estar aqui (...). E estão muito próximos do Porto que é um grande centro. É a segunda cidade do país. Em termos de mobilidade e de emprego era favorável, completamente. Se fizessem isso, seria uma maravilha. Quem por lá andou lembrando-se de como aquilo era e de como aquilo está, de facto, deu-me uma dor de alma. É um bocado a história do país. Nós depois de aderirmos à União Europeia, em 86, na altura a Comunidade Económica Europeia,

começamos com grande folgo e fomos por aí fora. E depois começamos a vir por aí abaixo. O Bairro reflete isso. Teve o seu tempo de glória e toda a gente pensava que, a partir daqui nada pode ser pior. Depois foi por ali abaixo. Não houve o aproveitamento. O tal projeto turístico que estava feito e eu vi.

**Inês** – O que iria atrair pessoas ou manter.

**Alice** – Eu vi. Aquele projeto turístico era, de facto, fantástico. Estava muito bem feito, era muito bonito. Isto seria aqui uma coisa fabulosa. Não sei, de repente, tudo ficou no zero e ninguém fez mais nada e nunca mais ouvi falar dos tais investidores árabes.

**Inês** – E era da responsabilidade de EDP a realização desse projeto?

**Alice** – Seria porque os projetos estavam lá no nosso escritório. Os desenhadores tinham lá esses projetos, foram eles que me mostraram. A própria EDP ia tirar lucro, muitíssimo elevado. Era em termos de grandes ganhos financeiros. Isto ficaria de uma forma que não está agora, óbvio. Toda esta zona, Lever, Crestuma e mesmo do outro lado, toda a gente iria lucrar com isso, claro que sim (...).

**Inês** – Ouviu falar do projeto do Metro do Porto? É uma plantação de sobreiros, mas iam aproveitar e fazer um parque de merendas ou algo do género.

**Alice** – É um hábito nosso. Fazemos as coisas começando pelo telhado. Cumprir o mínimo de obrigação (...). Eu gostei muito de trabalhar lá na EDP. Éramos só duas mulheres, as duas daqui (...). Éramos só as duas e éramos extremamente acarinhadas. Não estou a contar com as colegas que serviam no restaurante porque era ali o trabalho delas. Nós estávamos na parte de lá de baixo e éramos muito acarinhadas, éramos como umas flores e ninguém nos podia tocar. Levavam-nos bombons, chocolates... os homens. Vinham aqui comprar e levavam. Os engenheiros quando vinham da sede, ali do Porto, sempre vinham às obras, iam lá nos visitar e levavam sempre um miminho, uma coisinha, era um cuidado extremo, uma educação, era uma coisa. Não nos podia tocar uma mosca. Era muito bom ambiente. Um companheirismo brutal e, depois, eu notava que as pessoas andavam sempre muito satisfeitas. Porquê? Porque a EDP tratava bem os funcionários. As pessoas eram muito bem pagas e não lhes faltava nada. Qualquer coisa que fosse preciso, de médicos, de tudo, fosse o que fosse. Nós tínhamos um médico da EDP, tínhamos os serviços clínicos da EDP que era no Bolhão, no Porto.

**Inês** – Aqui não construíram posto médico por causa disso... porque era perto o suficiente.

**Alice** – Nós íamos e lá iam os motoristas levarem-nos. Fazíamos isso tudo. Não havia problema nenhum. Eu lembro-me que quando eu fui para lá trabalhar, eu fui ganhar 12 contos e 600. E fiquei muito, digamos, caiu a ficha como se costuma dizer. Caí na realidade quando percebi que o meu pai só ganhava 10 contos, que é os 50 euros agora. E eu fui ganhar 12 contos e 600, ora 12 contos representa o equivalente a 60 euros... uns 63 ou 64 euros. Eu miudita comecei a ganhar isso, pronto. O contrato era de meio ano. Eu e a minha colega, o contrato era de meio ano. Aí eu percebi como era extremamente injusto... o meu pai que já trabalhava desde miúdo, desde os 12 anos, e que só ganhava 10 contos. Depois o que eu achei muito interessante e, daí de facto, a EDP tinha um cuidado muito grande com os trabalhadores, cuidava mesmo do bem-estar, a todos os níveis, dos trabalhadores. Eu fui uma vez chamada aos escritórios para falar com um engenheiro que era o dono disto tudo aqui na zona. Eu fiquei muito nervosa porque pensava que ia ser despedida. Cheguei lá e fui recebida por ele e ele comunicava que lamentava profundamente o engano que tinha acontecido no meu contrato. E eu pensava, para mim, tenho a certeza mesmo que ia ser despedida. Mas iam retificar no próximo contrato. E fizeram um segundo contrato de meio ano e pedia imensa desculpa, em nome da EDP, pelo erro e mais não sei quantas coisas. Qual é que tinha sido o erro? Como eu tinha o 12ºano, embora eu não tivesse experiência nenhuma no setor, eles achavam que eu não devia ganhar 12 contos e 600. Então, o segundo contrato, para emendar todo esse erro, nas palavras dele, passei a ganhar 18 contos e 900 que era quase o dobro. Como é que as pessoas não haviam de estar contentes? Mesmo a Tâmega pagava bem aos trabalhadores, muitíssimo bem. E havia uma segurança muito grande nas obras, uns cuidados muito grandes. Toda a gente andava de capacete e com as botas próprias. Havia mesmo uma segurança muito grande. Tudo era bem pensado. E depois as pessoas tinham que ser exímias naquilo que faziam porque não tinham outra razão, não havia desculpa para não serem exímias naquilo que faziam. Se eram bem tratadas, tinham que cumprir a tarefa deles o melhor que pudessem e soubessem. E era assim. Aquela obra corria maravilhosamente. No tempo em que eu lá estive e, mesmo depois, nunca ouvi nada. E o meu irmão continuou, durante anos, trabalhador da Construtora do Tâmega e nunca houve disputas nem coisa nenhuma.

**Inês** – Mesmo no Bairro, diziam que o ambiente era mesmo muito bom entre todos. Eram todos vizinhos, conviviam todos no mesmo espaço, trabalham juntos, as famílias e os filhos brincavam juntos. Havia um grande sentimento de comunidade entre eles todos. Faziam festas, os arraiais todos juntos, comemoravam tudo.

**Alice** – E uma das condições é as pessoas serem bem pagas, essa é uma das condições. Quando o trabalhador é bem pago, isso significa que é reconhecido. Quando é bem cuidado e o trabalhador vê o sistema de segurança está pensado para que ele não tenha nenhum acidente. A assistência clínica que, a própria empresa, tem montada. Quer seja serviços da própria empresa, quer seja recorrer a clínicas externas. O serviço está bem montada. O trabalhador pensa que a empresa quer que esteja sempre bem de saúde e quer que os meus também estejam. Logo, a empresa gosta de mim. As pessoas só podiam dar-se bem, não há espaço para frustrações. Os direitos dos trabalhadores eram garantidos e eram cumpridos, de facto. Foi dos sítios aonde eu adorei trabalhar. Foi o meu primeiro emprego, mas senti que eles me reconheciam e me valorizavam. E isso continuou durante anos, curiosamente. Durante anos, mandavam para aqui cartas a dizer que iam abrir concurso, como já trabalhou connosco, pode candidatar-se, estávamos à sua espera. Sempre assim. E perguntaram a ligar para aqui a perguntar porquê que eu não concorria. Eles tinham a ficha com as minhas informações, eu tinha sido boa funcionária. Mas isso também quer dizer outra coisa, quer dizer que eu, de facto, contava para a empresa, não era apenas um número. Quando eu digo eu, quero dizer também os meus colegas que já eram trabalhadores há anos e eles diziam a mesma coisa, eles não se sentiam como um número. Ninguém se sentia como um fardo para a empresa.

**Inês** – Mesmo o facto de alguns terem começado em Picote e continuarem por aqui abaixo e terem-se mantido a trabalhar 40 anos em Barragens é porque efetivamente gostam do emprego.

**Alice** – Os trabalhos eram muito pesados. Mas pronto, foi isso que eu notei. A Empresa e mesmo a Construtora do Tâmega tinham muito cuidado e muito respeito pelos trabalhadores. Foi isso que eu notei. E depois pude comparar porque eu trabalhei noutros sítios e, como é lógico, a gente compara as experiências. E a degradação do trabalhador, dos direitos dos trabalhadores... Quando falo de direitos, é também dos deveres. Mas a coisa é assim, uma coisa implica a outra. Se o trabalhador não se sente reconhecido

também não vai corresponder em termos da sua capacidade. E ali eu senti que havia esse respeito, havia esse cuidado, havia carinho. Gostei muito de trabalhar lá. E depois também porque era uma Barragem, uma coisa nunca antes vista e eu nunca pensaria ir para lá trabalhar. Lidar com ferro e metal e outros tipos de metais e betão e mais não sei quantos e toneladas disto e daquilo. Era uma coisa... era um mundo à parte. Era extremamente interessante ver aquilo a crescer. Eles nunca me deixaram ir lá. Os meus colegas iam lá e andavam lá debaixo do rio a caminhar e a mim nunca me deixaram porque sempre acharam que eu podia tropeçar ou qualquer coisa que podia acontecer. Então só me deixavam ver de cima. Era magnífico. De facto, a Engenharia é uma coisa magnífica. Como eles separaram o rio, como eles pararam aquela força bruta do rio Douro, trabalharam lá no fundo naquele lodo, era uma coisa... E depois construíram tudo e andavam lá por baixo. Mesmo quando deixaram que o rio retomasse o seu curso, que as águas se juntassem, eles andarem por debaixo do rio. Eu achava aquilo absolutamente fantástico, uma coisa assim... A Engenharia é, de facto, uma coisa maravilhosa. Nós tínhamos uma praia enorme aqui. Tínhamos campos à beira-rio, tínhamos árvores de frutos, amoras, morangos, tudo, tínhamos fontes de água límpida e fresquíssima. Tudo isso se perdeu, foi tudo arrasado. O progresso tem dessas coisas, não é?